

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

RODRIGO JOSÉ DA SILVA

FRATERNIDADE UNIVERSAL: HORIZONTE E CAMINHO DE SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Porto Alegre
2025

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RODRIGO JOSÉ DA SILVA

**FRATERNIDADE UNIVERSAL:
horizonte e caminho de superação da violência**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

Março de 2025

Ficha Catalográfica

S586f Silva, Rodrigo José da

Fraternidade Universal : horizonte e caminho de superação da
violência / Rodrigo José da Silva. – 2025.

94 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin.

1. Cultura do Encontro. 2. Escuta. 3. Diálogo. 4. Misericórdia. I.
Susin, Luiz Carlos. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

RODRIGO JOSÉ DA SILVA

**FRATERNIDADE UNIVERSAL:
horizonte e caminho de superação da violência**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS (Orientador)

Prof. Dr. Talis Pagot – PUCRS

Prof. Dr. Érico João Hammes – PUCPR

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me dado o dom da vida e a oportunidade de encontrar tantas pessoas especiais ao longo do caminho.

A meus pais (*in memoriam*), pelo testemunho de fé, pelos ensinamentos recebidos e por semearem em meu coração o amor e a capacidade de perseverar.

À Diocese de Tubarão, na pessoa de Dom Adilson Pedro Busin – CS, por me permitir esta oportunidade de crescimento intelectual e espiritual.

Aos amigos, que me enriquecem e que ajudaram a tornar as dificuldades da vida mais suaves.

À PUCRS, de modo especial, à coordenação, à secretaria do PPG em Teologia e ao meu orientador, Frei Luiz Carlos Susin, que, pacientemente, sempre orientaram e incentivaram para que as coisas se encaminhassem da melhor forma possível.

À CAPES, pela oportunidade da bolsa de estudo para a pesquisa.

RESUMO

A dissertação aborda, a partir do Magistério do Papa Francisco, a fraternidade universal ao mesmo tempo como horizonte e caminho de superação da violência. Na *Laudato Si'*, na *Fratelli Tutti* e na *Evangelii Gaudium*, o Pontífice, sensível aos sinais dos tempos, elenca as manifestações de violência contra a Casa Comum, a Sociedade e, inclusive, a Igreja. Segundo o Papa, as manifestações de violências desdobram-se a partir de dois paradigmas: o antropocentrismo e a tecnocracia. Para a superação do fenômeno da violência, identificado pelo Pontífice, recorre-se a uma justificativa teórica na Sagrada Escritura que serve de inspiração. Trata-se do caminho bíblico para resgatar a fraternidade: de Caim a Jesus. Por fim, segundo Francisco, a partir dos documentos *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium*, a fraternidade universal é possível, mas desafia a humanidade a comprometer-se com a fraternidade criatural, com a fraternidade entre as religiões e a fraternidade na e da Igreja.

Palavras-chave: cultura do encontro; escuta; diálogo; misericórdia.

ABSTRACT

The dissertation examines, based on the Magisterium of Pope Francis, universal fraternity at the same time as a horizon and as a means of overcoming violence. In *Laudato Si*, in *Fratelli Tutti* and in *Evangelii Gaudium*, the Pontiff, sensitive to signs of the times, outlines the expressions of violence against the Common Home, Society, and including, the Church. According to the Pope, the manifestations of violence arise from two paradigms: the anthropocentrism and the technocracy. In order to overcome the phenomenon of violence, as identified by the Pope, it appeals to a theoretical justification in the Holy Scriptures which serves as inspiration. This is the biblical path to restoring fraternity: From Cain to Jesus. Finally, according to Francis, based on the documents *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* and *Evangelii Gaudium*, universal fraternity is possible, but it challenges the humanity to commit to creaturely fraternity, interreligious fraternity and fraternity in and from the Church.

Keywords: meeting culture; listening; dialogue; mercy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SINAIS DE VIOLÊNCIA SEGUNDO FRANCISCO	11
2.1 A SENSIBILIDADE DE FRANCISCO	11
2.2 <i>LAUDATO SI'</i> : SINTOMAS E RAÍZES DE UMA CRISE GLOBAL ECOLÓGICA	13
2.3 <i>FRATELLI TUTTI</i> : UM MUNDO QUE SE FECHA	20
2.4 <i>EVANGELII GAUDIUM</i> : CRISE DO COMPROMISSO COMUNITÁRIO	26
3 O CAMINHO BÍBLICO DA FRATERNIDADE: DE CAIM A JESUS	33
3.1 CAIM E A FRATERNIDADE FRACASSADA	33
3.2 O DILEMA DE ABRAÃO	39
3.3 A VITÓRIA DA FRATERNIDADE EM JOSÉ	46
3.4 JESUS: MISERICÓRDIA E NÃO SACRIFÍCIO	55
4 A FRATERNIDADE NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO	61
4.1 O CAMINHO PARA A FRATERNIDADE CRIATURAL	62
4.2 AS RELIGIÕES PARA A FRATERNIDADE	67
4.3 A IGREJA PARA A FRATERNIDADE	75
5 CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

Segundo a definição da antropologia teológica cristã, a pessoa humana é um ser relacional, tornando-se plena na relação, na interação, na comunhão e na harmonia com o Criador, com a obra criada, com o próximo e consigo mesma. No entanto, sabe-se que, ao longo da história e até mesmo no contexto hodierno, essa relação nem sempre foi harmoniosa. Muitas vezes, a comunhão e a harmonia são rompidas pela violência.

O ideal antropológico de fraternidade, comunhão e harmonia não é uma utopia, mas encontra tensão na realidade, e é dessa tensão que surge a problemática norteadora deste trabalho. Como superar a violência que se manifesta na relação das pessoas com a Casa Comum, com a sociedade e com a Igreja? Que horizonte e caminho podem ser propostos para a superação da violência nessas três dimensões? Que compromisso ou consciência cada um pode assumir para contribuir com a erradicação da violência nas relações com a Casa Comum, a sociedade e a comunidade eclesial?

Essas perguntas delimitam a problemática do trabalho e abrem horizonte para seu objetivo, que é apresentar a fraternidade universal, a partir do Magistério do Papa Francisco, como horizonte e caminho para a superação da violência nessas três dimensões. Busca-se, assim, resgatar a harmonia e a paz nas relações, gerando de forma integral um ambiente em que todos se sintam irmãos e responsáveis uns pelos outros.

O itinerário em direção à fraternidade universal será construído a partir do Magistério do Papa Francisco, que exorta cristãos e não cristãos, ou seja, todas as pessoas, à consciência da importância da fraternidade criatural, da fraternidade entre as religiões e da fraternidade na e da Igreja. A fraternidade universal engloba a criação de modo integral e envolve todos na dinâmica da responsabilidade. Fraternidade é comunhão, é equilibrar os impulsos, superar o egoísmo, domesticar os impulsos e a maldade presentes no interior da pessoa humana. Fraternidade é o retorno ao paraíso original descrito no livro do Gênesis.

O trabalho será desenvolvido a partir da metodologia do círculo hermenêutico. Esse método descreve o processo interpretativo do texto, demonstrando que a compreensão do todo depende da compreensão das partes, e que estas, por sua vez, só podem ser plenamente compreendidas em referência ao todo. O método do círculo hermenêutico foi criado por Heidegger e aprofundado por Gadamer, adquirindo, na concepção de ambos, uma dimensão existencial que supera a compreensão meramente filológica e linguístico-literária. Segundo Rui Sampaio, a partir de Heidegger e Gadamer, “o círculo hermenêutico já não se limita à tese da interdependência entre a interpretação das partes e a interpretação do todo, pois refere-se,

sobretudo, à relação circular entre a pré-compreensão do intérprete (incluindo sua autocompreensão) e o *interpretandum*".¹

Definidos o título do trabalho, a problemática, o objetivo e o método, é relevante destacar a estrutura da dissertação. O tema será desenvolvido em três capítulos. O primeiro capítulo, mais sucinto, tem como objetivo apresentar os sinais de violência destacados pelo Papa nos documentos *Laudato Si'* (2015), *Fratelli Tutti* (2020) e *Evangelii Gaudium* (2013).² Os três documentos, em sua primeira parte, apresentam como pressuposto para a reflexão as diversas formas de violência que se tornaram explícitas na criação, na sociedade e na vida eclesial. O Papa Francisco demonstra sensibilidade diante da violência. Dessa forma, antes de abordar o tema nos documentos, após uma breve introdução do capítulo, justifica-se a origem dessa sensibilidade por parte do Pontífice.

Para Francisco, a superação da violência é um processo lento e exige perseverança. Por isso, ele destaca: “O amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez por todas; hão de ser conquistados a cada dia”.³ Os documentos servirão como pressupostos para a fundamentação teórica da pesquisa, uma vez que indicam os sinais de violência presentes na atualidade. Em *Laudato Si'*, o Papa Francisco chama a atenção para a responsabilidade no cuidado com a Casa Comum. Em *Fratelli Tutti*, ele afirma que a história dá sinais de regressão diante de situações que, em determinados momentos, pareciam ter sido superadas. Já em *Evangelii Gaudium*, a reflexão é “*ad intra*”, ou seja, volta-se, de modo particular, à dimensão comunitária, abordando a crise do compromisso comunitário e eclesial.

O segundo capítulo, mais extenso, resgata o caminho bíblico da fraternidade, desde Caim até Jesus. Ele tem dois objetivos: primeiro, demonstrar que a violência é uma realidade presente na história do povo de Deus desde o Primeiro Testamento; segundo, justificar que Jesus, descendente de Abraão, supera a tensão da fraternidade fracassada, tornando-se o novo paradigma da salvação. Esse itinerário é traçado a partir do livro do Gênesis, que, segundo André Wénin, “contém, na verdade, mais de um quarto dos usos do termo ‘irmão’ (*'ah*) da Bíblia hebraica”.⁴

¹ SILVA, Rui Sampaio. O círculo hermenêutico e a distinção entre ciências humanas e ciências naturais. *Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica*, Portugal, v. 1, n. 2, p. 54-72, 2013. p. 56.

² Os Documentos do Magistério do Papa Francisco na dissertação não serão utilizados de forma cronológica, pois no desenvolvimento do primeiro capítulo os sinais de violência seguirão a ordem das dimensões relacionais: sinais de violência contra a Casa Comum (*Laudato Si'* - 2015), sinais de violência na sociedade (*Fratelli Tutti* - 2020) e os sinais de violência na comunidade eclesial (*Evangelii Gaudium* - 2013).

³ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 16.

⁴ WÉNIN, André. *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: dificuldades e possibilidades*. São Leopoldo: Unisinos, 2013a. p. 5.

Neste itinerário do segundo capítulo, em direção a Jesus Cristo, serão utilizados autores como André Wénin, Franz Hinkelammert, Luiz Alonso Schökel e Luiz Carlos Susin. Esses autores possibilitarão um resgate histórico de alguns personagens bíblicos que fracassaram na vivência da fraternidade. Wénin destaca que “Caim, o primeiro ser humano a ter um irmão, nunca será um irmão. Na verdade, se Abel é apresentado desde o início como ‘seu irmão’ (Gn 4,2), Caim nunca é mencionado na história como o irmão de Abel”.⁵ A não aceitação do irmão, motivada pela cobiça, tem como consequência o primeiro fratricídio bíblico, e é justamente nesse momento que, pela primeira vez, a palavra “pecado” aparece na boca de Deus como uma advertência (Gn 4,7).

A experiência de Abraão, o pai da fé, segundo Susin, “é recordada como fundamento deste salto qualitativo: Abraão é a memória de um sacrifício que não foi cumprido”.⁶ O dilema de Abraão — entre a obediência à primeira ordem de sacrifício prescrito e a audácia de transgredi-la para preservar a vida — atravessa o livro do Gênesis e se encerra com José do Egito. Neste desfecho, a fraternidade triunfa, apesar dos sofrimentos causados pela inveja e pelo ódio. Wénin afirma que, “mostrando-se para os seus irmãos, José minimizou o que lhe haviam causado, dizendo-lhes que não se preocupassem: aquilo fazia parte de um desígnio providencial, e agora viviam as felizes consequências”.⁷

Nesse sentido, Jesus rompe com a violência porque aniquila dentro de si toda e qualquer forma de poderio. Dessa forma, ele se torna o novo Caim, o novo Abraão, o novo José. Jesus renova, restabelece e se torna a figura paradigmática da história da salvação. François Varone afirma que a fraqueza é a condição da verdade e que “fraco, com efeito, é o humano desde que deixe de se camuflar por detrás do poder e de suas grandes estruturas de dominação”.⁸ O teólogo Susin complementa: “de Abraão a Jesus, pode-se ler a Escritura com o fio dourado da busca de superação do sacrifício, desmascarando ou ao menos diminuindo, tornando assimétrica a violência que está sacralizada na justiça da vingança, na guerra aos outros, nas punições de todo tipo”.⁹ Jesus é, portanto, o novo paradigma. Para Susin, “o Reino de Deus é um critério de liberdade em relação a qualquer tipo de sacrifício”.¹⁰

Por fim, o terceiro capítulo tem como objetivo justificar a fraternidade universal como horizonte e caminho para a superação da violência, que envolve a criação de modo integral. A

⁵ WÉNIN, 2013a, p. 6.

⁶ SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrifício à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./jan. 2010. p. 384.

⁷ WÉNIN, op. cit., p. 18.

⁸ VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Editora Santuário, 2001. p. 49.

⁹ SUSIN, op. cit., p. 384.

¹⁰ Ibid., p. 385.

proposta da fraternidade universal encontra-se explicitamente no magistério do Papa Francisco, que, por meio dos documentos *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium*, desafia a humanidade a comprometer-se com a fraternidade criatural, a fraternidade entre as religiões e a fraternidade na e da Igreja.

Para o Papa, a referência central é sempre Jesus Cristo. O Mestre, ao abdicar do poder religioso, ao comprometer-se com os menos favorecidos e ao acolher indistintamente pobres, ricos, puros, impuros e mulheres, inverte a lógica do poder e revela a fraternidade como caminho e horizonte de superação da violência. Francisco afirma que “o ser humano se faz de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude a não ser por um sincero dom de si mesmo aos outros”.¹¹

Responsabilizar-se pela alteridade aproxima as pessoas, fortalece os laços afetivos e expande a fraternidade. Para Francisco, “o amor ao outro por ser quem é impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos”.¹² O Pontífice ainda acrescenta: “Para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância”.¹³

“Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,5). Jesus amou a todos e propôs a fraternidade universal como sacramento do Reino de Deus.

¹¹ FRANCISCO, 2020, p. 51, n. 87.

¹² Ibid., p. 54, n. 94.

¹³ Ibid., p. 59, n. 106.

2 SINAIS DE VIOLÊNCIA SEGUNDO FRANCISCO

O primeiro capítulo da dissertação, logo no início, justifica a sensibilidade do Papa Francisco e, na sequência, apresenta os sinais de violências destacados nos documentos: “*Laudato Si’*” (2015), “*Fratelli Tutti*” (2020) e “*Evangelii Gaudium*” (2013). Os documentos oferecem uma visão ampla das luzes e das trevas, das alegrias e das tristezas¹⁴, frutos de uma análise da realidade atual que tem como pressuposto as perspectivas ecológica-social-ecclesial. A *Laudato Si’* faz uma análise da dimensão ecológica, aborda a Casa Comum de forma integral e relacional; a dimensão social é trabalhada na *Fratelli Tutti*, que, diante de tantos desafios, oferece a proposta de resgatar a fraternidade universal. Por fim, a *Evangelii Gaudium* propõe uma reflexão sobre a dimensão ecclesial.

Os documentos do Papa Francisco refletem, à luz da fé, um olhar sensível para a verossímil realidade. É, ao mesmo tempo, um olhar cheio de compromisso e esperança. Observando ainda os escritos do Pontífice, percebe-se, por detrás das palavras, um homem que sonha, sonha com os pés no chão, consciente e convicto. Francisco afirmou em uma entrevista: “Alguém que deixa de sonhar na vida é uma pessoa sem graça, envelhecida. Há sempre algo para sonhar... Às vezes são planos; outras vezes são projeções... Qualquer coisa! Mas temos que sonhar...”.¹⁵ Cada um dos documentos revela a sensibilidade de Francisco para as angústias e as tristezas da existência humana e, ao mesmo tempo, a esperança de que é possível um mundo melhor.

2.1 A SENSIBILIDADE DE FRANCISCO

No dia 13 de março de 2013, no segundo dia do conclave, da chaminé da Capela Sistina, a fumaça branca anunciava o novo Papa. Depois de alguns minutos, da sacada central da Basílica de São Pedro, a voz do Cardeal Protodiácono Jean-Louis Tauran irrompe o silêncio: “Anuncio-vos uma grande alegria: Temos um Papa.”¹⁶ Aos 76 anos de idade, o Cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, tornou-se o primeiro Papa latino-americano.

¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Coord. Geral). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007a. p. 539, n. 1.

¹⁵ FRANCISCO, Papa. Com o que sonha o Papa Francisco? Entrevista com o Papa Francisco. *Instituto Humanitas Unisinos*. Vaticano, 05 de agosto de 2023a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631140-com-o-que-sonha-o-papa-francisco-entrevista-com-o-papa>. Acesso em: 28 out. 2023.

¹⁶ *Annuntio vobis gaudium magnum; habemus papam*.

Um Papa vindo da periferia do mundo escolhe o nome de Francisco. Para o teólogo Ney Souza, “a eleição parece evocar aquela visão de oito séculos atrás: vai Francisco, e restaura a minha Igreja em ruínas. Sua missão, outorgada pelos cardeais eleitores é a de mudar a arranhada imagem da Igreja”.¹⁷ Francisco assumiu a missão desafiadora de resgatar a credibilidade da Igreja, abalada por diversos escândalos.

O Pontífice é forjado, a partir da realidade latino-americana, filho de um contexto eclesial que buscou encarnar o Concílio Vaticano II à prática pastoral. De acordo com Jorge Costadoat, “no pós-concílio os latino-americanos ergueram a cabeça e quiseram pensar por si mesmos, em poucas palavras, ensaiaram sua maioridade”.¹⁸ Desse contexto latino, de alegrias e tristezas experienciadas pelo Povo de Deus, emanam a sensibilidade pastoral de Francisco e os aspectos de sua eclesiologia.

Para Francisco, a eclesiologia é simbolizada pela imagem da mulher, por isso afirma que “a Igreja é mulher e quando pensamos no papel da mulher na Igreja devemos remontar a esta fonte: Maria, mãe. E a Igreja é mulher porque é mãe, pois é capaz de dar à luz filhos”.¹⁹ A Igreja precisa, assim como a mãe, gerar, proteger e acompanhar os filhos até a maturidade, levando-os ao amadurecimento da fé: processo que leva a vida inteira. Ainda para o Papa, “uma Igreja que é mãe anda pelo caminho da ternura; conhece a linguagem da grande sabedoria das carícias, do silêncio, do olhar de compaixão”.²⁰

A sensibilidade faz com que Francisco se torne humano, desmistifica protótipos e arquétipos preestabelecidos referentes à pessoa do Papa e sua missão. O Pontífice humaniza com seus gestos simples e cheios de carinho, manifesta ternura, amor e misericórdia. Um Papa homem, igual a todos os homens, alguém que necessita de orações e bênçãos para exercer com alegria, fidelidade e amor ao ministério que lhe foi confiado.

No ano de 2013, o Pontífice, em sua primeira saudação à multidão que aguardava o novo Papa na praça de São Pedro, diz: “E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros.

¹⁷ SOUZA, Ney. A Igreja herdada pelo Papa Francisco, um estudo histórico. *Revista de Cultura Teológica*, PUC-SP, n. 88, p. 173-196, jul./dez. 2016. p. 192.

¹⁸ COSTADOAT, Jorge. Um Papa latino-americano. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/570672-um-papa-latino-americano-artigo-do-teologo-jorge-costadoat>. Acesso em: 27 set. 2023.

¹⁹ FRANCISCO, Papa. *A Igreja é mulher e mãe*. Vaticano: Site, 21 de maio de 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em: 27 set. 2023.

²⁰ FRANCISCO, Papa, 2018a.

Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade.”²¹ Terminando a saudação naquela noite, Francisco apresenta-se como bispo de Roma e surpreende a multidão de católicos presentes na praça, assim como aqueles que acompanhavam pelos meios de comunicação. O Papa, humildemente, inclina-se. O Pastor põe-se diante do rebanho e pede orações e bênçãos. “E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim.”²²

A sensibilidade de Francisco leva a dois gestos que humanizam e são relevantes em seu ministério. O Papa acolhe com ternura e leveza e, ao mesmo tempo, escuta e valoriza. Acolher e escutar, duas atitudes que levam e manifestam misericórdia, pressuposto de quem ama e sente-se amado por Deus. A partir dessa dinâmica simples, Francisco desafia os cristãos a resgatarem a alegria do Evangelho, “que enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”.²³

O compromisso integral do Papa com a humanidade é consequência de sua sensibilidade. Nos documentos *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium*, Francisco, sensível, enumera uma série de manifestações da violência. Para superar a violência, é necessário antes conhecê-la e nomeá-la. A *Laudato Si'* aborda os sintomas e as raízes de uma crise global e ecológica; a *Fratelli Tutti*, um mundo que se fecha; e a *Evangelii Gaudium*, a crise do compromisso comunitário.

2.2 LAUDATO SI': SINTOMAS E RAÍZES DE UMA CRISE GLOBAL ECOLÓGICA

Quando o Papa Francisco escreve a *Laudato Si'*, no ano de 2015, objetivava mostrar que todo avanço tecnológico da humanidade, motivado pelo impulso do capital econômico, depreda e agride a Casa Comum. Francisco não é contra o avanço tecnológico e não possui postura extrema como aqueles que, segundo ele, “defendem a todo custo o mito do progresso”²⁴ ou, como os que acreditam que “o ser humano, com qualquer uma das intervenções, só pode ameaçar e comprometer o ecossistema mundial”.²⁵ A partir desta preocupação, o Pontífice

²¹ FRANCISCO, Papa. *Primeira saudação do Papa Francisco*. Vaticano, 13 de março 2013b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 29 set. 2023.

²² FRANCISCO, Papa, 2013b.

²³ FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013a. p. 7. n. 1.

²⁴ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015, p. 41, n. 60.

²⁵ Ibid., p. 41, n. 60.

afirma: “O urgente desafio de proteger a nossa Casa Comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.”²⁶

A Encíclica *Laudato Si'*, segundo Francisco, “é destinada não apenas aos católicos e evangélicos, mas a todas as pessoas de boa vontade, e até às pessoas sem boa vontade”²⁷. O gênero humano, de forma plena e integral, deveria preocupar-se e sentir-se interpelado pelo desejo de cuidar da Casa Comum. Segundo Schneider, essa encíclica “envolve questões candentes, de caráter político, e com tal força que nos leva a escolher uma mudança radical, capaz de renovar o homem e as coisas feitas pelo homem”²⁸.

O Papa Francisco, sensível aos apelos, empresta sua voz para o meio ambiente gritar suas dores, manifestar um pedido de socorro e desafia toda pessoa humana a construir uma visão ecológica integral. A visão ecológica integral proposta pela *Laudato Si'*, para Crystiano Ferraz e Maria Tereza Cardoso, se dá quando Francisco convida todas as instâncias que compõem a sociedade para contribuírem através dos seus saberes distintos”.²⁹ O Pontífice, logo nos primeiros números da Carta Encíclica, afirma: “São necessários os talentos e o envolvimento de todos para reparar o dano causado pelos humanos sobre a criação de Deus.”³⁰

O cristão, de modo particular, a partir da relação com Deus e da experiência de fé, está profundamente vinculado, segundo Francisco de Aquino Júnior, “com o conjunto da criação. Isso faz com que as questões sociais e ambientais sejam questões de fé e, conseqüentemente, faz com que o compromisso socioambiental dos cristãos seja um compromisso de fé”.³¹ A criação não é Deus, mas revela-O, manifesta a Sua bondade e o Seu amor para com cada pessoa. A partir da criação se tem a possibilidade de uma experiência de encontro com o Criador. O verbo cuidar torna-se imperativo.

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, logo no início, Francisco exorta, dizendo: “Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra. O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta;

²⁶ FRANCISCO, 2015, p. 16, n. 13.

²⁷ Ibid., p. 44, n. 64.

²⁸ SCHNEIDER, José Odelso. Alguns ecos relativos à repercussão da *Laudato Si*. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/544600-alguns-ecos-relativos-a-repercussao-da-laudato-si>. Acesso em: 12 fev. 2024.

²⁹ FERRAZ, Chrystiano Gomes; CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. A Cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 415-434, 2020. p. 415.

³⁰ FRANCISCO, 2015, p. 17, n. 14.

³¹ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Fé cristã e superação da crise ecológica. Abordagem teológica. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 30.

o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.”³² O teólogo Leonardo Boff corrobora o pontífice ao afirmar: “O ser humano emerge como a porção da Terra que sente, pensa, ama e cuida.”³³ Na perspectiva antropológica católica, o princípio unificador entre o Criador e as criaturas, entre o meio ambiente, com todos os vegetais e espécies de vida, e o homem, é sempre o mesmo: um ato amoroso de Deus que cria. E cria gratuitamente.

No primeiro parágrafo da *Laudato Si'*, Francisco aponta dois paradigmas que, vividos de maneira desintegrada, são instrumentos de violência para com a toda a criação. Para Gilmar Zampieri, Francisco diz de forma veemente e límpida que as causas “são de dupla natureza, mesmo que conectadas: o paradigma tecnocrático dominante (sistema capitalismo) e o antropocentrismo”.³⁴ O paradigma tecnológico, como afirma Zampieri, é um “subproduto do antropocentrismo”.³⁵

Com o florescimento da Revolução Industrial (1760), início da modernidade, quando o homem passa a produzir em grande escala e sente-se no direito de depredar a natureza em benefício próprio e com interesses econômicos, a criação passa a gemer com mais intensidade as rupturas da desarmonia relacional. Para Leonardo Boff, “a causa mais profunda da crise ecológica se situa na ruptura da religação universal do ser humano com a natureza e seu Criador”.³⁶

A *Laudato Si'*, na visão de Altemeyer Júnior, “propõe uma visão holística do homem, do mundo e da utopia cristã. Fala de ecologia, mas não se prende ao seu sentido raso”.³⁷ O homem pode ser o centro da criação, mas a partir da perspectiva de responsabilidade e de cuidado para com a Casa Comum. Porém, o que se vê normalmente é que estar no centro despertou no homem o desejo irresponsável e desenfreado de exploração. Para Weliton Osmaré, “colocamos a técnica acima dos recursos e criamos um paradigma que exige o dominar sem regras e sem responsabilidade”.³⁸

³² FRANCISCO, 2015, p. 9, n. 2.

³³ BOFF, Leonardo. O desafio ecológico à luz da *Laudato Si'* e da COP21 de Paris. *REB*, Petrópolis, v. 76, n. 301, p. 24-43, jan./mar. 2016. p. 29.

³⁴ ZAMPIERI, Gilmar. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 4-23, jan./jun. 2016. p. 10.

³⁵ *Ibid.*, p. 10.

³⁶ BOFF, 2016, p. 24.

³⁷ ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. Uma teologia ecológica integral: procuro, logo sou! In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 53.

³⁸ OSMARÉ, Weliton. A Antropologia Teológica contida na *Laudato Si'* como caminho de espiritualidade contra o consumismo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/609881-a-antropologia-teologica-contida-na-laudato-si-como-caminho-de-espiritualidade-contra-o-consumismo>. Acesso em: 12 mar. 2024.

A Igreja, desde sua origem, preocupa-se com a dimensão social da fé. Para João Décio Passos, “as coisas relacionadas à vida social fazem parte da vida da Igreja desde as suas origens”.³⁹ A sensibilidade de Francisco para com os sinais dos tempos está relacionada ao discurso programático de Jesus quando entra na sinagoga, abre o livro do profeta Isaías e lê a passagem, que diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres [...] para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos [...]” (Lc 4, 17-18).

É missão profética da Igreja anunciar e denunciar! Por isso, na *Laudato Si'*, assim como Jesus, o Papa Francisco, segundo Ana Maria Casarotti, “é conduzido pelo Espírito que, como aos profetas, o levará também a denunciar tudo aquilo que oprime o ser humano pelo caminho do orgulho, da soberba, da vaidade, do poder, do individualismo”.⁴⁰ A voz profética de Francisco levanta-se como um sinal de esperança. Para os cristãos, todas as pessoas deveriam ter acesso aos recursos extraídos ou colhidos por meio da Casa Comum. O progresso social, tecnológico e econômico, de onde brotam os desafios, deveriam ser acessíveis a todas as classes sociais, mas se sabe que não funciona assim na prática.

Tudo foi criado por Deus, mas foi dada ao homem a capacidade de recriar e cuidar, claro, segundo Emilce Cuda, “de forma sustentável. Deus é criador e o homem é criativo”.⁴¹ Criação e criatividade não são elementos paradoxais. O paradoxo está na criação e na exploração; no cuidado e na dominação; na sustentabilidade e no lucro; no homem e no antropocentrismo; na técnica e no tecnicismo. O paradoxo está na forma arrogante e violenta com que o homem quer dominar e imperar sobre o meio ambiente.

Diante dos paradigmas que expressam violência, Francisco nomeia corajosamente os gestos de agressões - gestos paradoxais à relação harmoniosa do homem com a natureza. O Pontífice revela as faces da violência manifestada de forma explícita contra a Casa Comum. Leonardo Boff explica: “Inegavelmente, vivemos uma crise dos fundamentos que sustentam nossa forma de habitar e organizar o planeta Terra e de tratar os bens e serviços da natureza.”⁴² Com o intuito de inquietar e gerar reflexão, o Papa cita seis formas explícitas que manifestam violência à natureza.

³⁹ PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; São Paulo: Paulus, 2016. p. 9.

⁴⁰ CASAROTTI, Ana Maria. Chamados a ser profetas hoje. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/576101-chamados-a-ser-profetas-hoje>. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁴¹ CUDÁ, Emilce. Trabalho como cuidado criativo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607106-trabalho-como-cuidado-criativo-artigo-de-emilce-cuda>. Acesso em: 13 mar. 2024.

⁴² BOFF, 2016, p. 25.

A poluição é a primeira forma de violência evidenciada pelo Papa na Carta Encíclica. Segundo a *Laudato Si'*, para Zampieri, a poluição é produzida pelos resíduos das “indústrias, pela queima de combustíveis, pelos agrotóxicos, pelos resíduos não biodegradáveis que tornam a terra, como Casa Comum, um depósito de lixo”⁴³. A *Laudato Si'* ainda chama a atenção: “A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provoca milhões de mortes prematuras.”⁴⁴ O documento ainda continua afirmando: “A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo.”⁴⁵ Para Frank Hammes, CEO da IQAir⁴⁶, enquanto “o novo coronavírus dominou as manchetes internacionais, um assassino silencioso contribuiu para quase 7 milhões de mortes a mais por ano: a poluição do ar”.⁴⁷

A segunda forma de violência, destacada pelo Papa, é o aquecimento sistêmico global. O aquecimento se dá “por efeitos naturais e por ação direta da atividade humana que libera gases de efeito estufa (anidrido carbônico, metano, óxido de azoto e outros), pondo em perigo a vida na Terra de boa parte da população mundial, sobretudo os pobres”.⁴⁸ Segundo o Papa Francisco, converter o estilo de vida é urgente. As consequências estão cada vez mais evidentes. A *Laudato Si'* exorta, afirmando que “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam”.⁴⁹

A civilização está diante do caos, para José Eustáquio Diniz, aquilo que era chamado de “mudanças climáticas se transformou em crise climática ou caos climático, passando a representar um perigo existencial à civilização e uma ameaça concreta à sobrevivência da vida humana e não humana”.⁵⁰ Assim, a ameaça é urgente, o tempo é curto perante o desafio. Aliás, o tempo está esgotado diante do aquecimento global. A *Laudato Si'* afirma que “as mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas,

⁴³ ZAMPIERI, 2016, p. 6.

⁴⁴ FRANCISCO, 2015, p. 20, n. 20.

⁴⁵ Ibid., p. 20-21, n. 21.

⁴⁶ IQAir é uma plataforma global de tecnologia que pesquisa a qualidade do ar. A empresa é Suíça.

⁴⁷ TOLEDO, Bruno. Novos dados reforçam riscos da poluição do ar para a saúde humana. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596655-novos-dados-reforcam-riscos-da-poluicao-do-ar-para-a-saude-humana>. Acesso em: 17 mar. 2024.

⁴⁸ ZAMPIERI, op. cit., p. 6.

⁴⁹ FRANCISCO, op. cit., p. 22, n. 23.

⁵⁰ DINIZ, José Eustáquio. Recorde de temperatura no sexênio (2014-2019): prelúdio do colapso ecossocial. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/595739-recorde-de-temperatura-no-sexenio-2014-2019-preludio-do-colapso-ecossocial>. Acesso em: 17 mar. 2024.

distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade”.⁵¹

A terceira forma explícita de violência contra a Casa Comum é a escassez da água. A água é um bem primordial à existência humana, mas em muitas regiões do mundo, segundo Francisco, está impossível “manter o nível atual de consumo”.⁵² Na *Laudato Si'*, o Papa recorda que a água potável é um direito universal de todos; é condição necessária para a sobrevivência saudável de todas as pessoas. Francisco diz ainda que “este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável.”⁵³

O quarto elemento de agressão é a perda da biodiversidade. O Papa explica que “os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva”.⁵⁴ A agressão à biodiversidade se dá a partir da forma como a pessoa humana utiliza os recursos da terra e do mar. Em consonância com a pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, “isto inclui a transformação de áreas de terra tais como florestas, áreas úmidas e outros habitats naturais para usos agrícolas e urbanos”.⁵⁵ O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente traz alguns dados interessantes, como o de que “o sistema alimentar global é o principal impulsionador da perda da biodiversidade, sendo a agricultura por si só a ameaça identificada em mais de 85% das 28.000 espécies em risco de extinção”.⁵⁶ Francisco chama atenção: “O cuidado dos ecossistemas requer uma perspectiva que se estenda para além do imediato, porque, quando se busca apenas um ganho económico rápido e fácil, já ninguém se importa realmente com a sua preservação.”⁵⁷

A quinta manifestação de agressão é a deterioração da qualidade da vida humana, neste caso dos mais frágeis. Para Elton Alisson, “a contínua e rápida degradação dos sistemas naturais observada em todo o planeta coloca em risco a saúde humana e pode reverter conquistas obtidas nas últimas décadas, como o aumento da expectativa de vida”.⁵⁸ Francisco, na encíclica, ressalta

⁵¹ FRANCISCO, op. cit., p. 23, n. 25.

⁵² FRANCISCO, 2015, p. 24, n. 27.

⁵³ Ibid., p. 25-26, n. 30.

⁵⁴ Ibid., p. 26, n. 32.

⁵⁵ UNEP. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. *Principais causas da biodiversidade*. São Leopoldo, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/625370-principais-causas-da-perda-de-%20biodiversidade>. Acesso em: 17 mar. 2024.

⁵⁶ UNEP, 2013.

⁵⁷ FRANCISCO, op. cit., p. 28, n. 36.

⁵⁸ ALISSON, Elton. Degradação ambiental ameaça a saúde humana e pode reverter conquistas obtidas nas últimas décadas. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/espiritualidade/169->

que alguns sinais “mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significaram, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida.”⁵⁹ Aqui há, na realidade, um paradoxo, uma vez que se busca o progresso em vista da qualidade de vida, mas o efeito é contrário, gera-se uma realidade cada vez mais dispar.

O sexto sinal de agressão, por fim, segundo Zampieri, é a desigualdade “planetária em que os mais afetados pelas agressões ambientais são as pessoas mais pobres que clamam por justiça”.⁶⁰ A encíclica diz que muitas vezes falta a consciência sobre os problemas que afetam particularmente os mais pobres. Vale lembrar que o conceito de pobreza vai além do sociológico, pois se sabe que há muitas pessoas privadas da cultura, do conhecimento e da dimensão espiritual que são agredidas pela desinformação ou pelo acesso a ela. O Papa Francisco afirma que “culpar o incremento demográfico em vez do consumismo exacerbado e seletivo de alguns é uma forma de não enfrentar os problemas”.⁶¹

A *Laudato Si'* apresenta, portanto, um caráter emergencial. De forma simples e direta, o Pontífice, em meio a tantas manifestações de violência, clama por respeito, paz e harmonia para com a Casa Comum. Além do caráter emergencial, Francisco revela os “principais motivos para a morosidade de uma reação política”.⁶² Para o Papa, “a submissão da política à tecnologia e às finanças impede o desenvolvimento de uma noção de ecologia integral”.⁶³ Desse modo, a conversão passa pela ruptura com as estruturas que geram violência. A partir da *Laudato Si'*, que trabalha a relação do homem com o meio ambiente, o Pontífice na *Fratelli Tutti* dá um passo além na reflexão, propõe a fraternidade como paradigma para as relações humanas, de modo especial a fraternidade entre as religiões, diante de um mundo que se fecha. Logo no início da *Fratelli Tutti*, o Papa se refere a São Francisco, enfatizando que “a fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs”.⁶⁴

noticias/noticias-2015/547429-degradacao-ambiental-ameaca-a-saude-humana-e-pode-reverter-conquistas-obtidas-nas-ultimas-decadas. Acesso em: 17 mar. 2024.

⁵⁹ FRANCISCO, 2015, p. 32, n. 46.

⁶⁰ ZAMPIERI, 2016, p. 7.

⁶¹ FRANCISCO, op. cit., p. 35, n. 50.

⁶² MALLMANN, Arthur Lersch. Semana Laudato Si' 2023: Os oito anos de uma encíclica que é um laboratório para a cura do pensamento. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/192-paginas-especiais/628562-oito-anos-da-enciclica-laudato-si-o-filme-a-carta-e-o-ensejo-para-o-dialogo#:~:text=N%C3%A3o%20por%20acaso%2C%20%22Louvado%20seja,e%20d%C3%A3o%20nome%20%C3%A0%20enc%C3%ADlica>. Acesso em: 19 mar. 2024.

⁶³ MALLMANN, 2023.

⁶⁴ FRANCISCO, 2020, p. 12. n.3.

De acordo com Edgard de Assis Carvalho⁶⁵, “dentre os pontos principais da encíclica está o apelo para a urgência de se pôr em prática uma política da civilização planetária multilateralista, voltada ao bem comum, à solidariedade, ao convivialismo, ao reconhecimento da igualdade e da fraternidade”.⁶⁶ Para Francisco, a proposta é clara: devem-se perceber os sinais de violência nas relações humanas e aniquilar o vírus da desigualdade, tendo, assim, a possibilidade de gerar fraternidade.

2.3 *FRATELLI TUTTI*: UM MUNDO QUE SE FECHA

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, assim como também a *Laudato Si'*, teve como fonte de inspiração São Francisco de Assis. Como mencionado anteriormente, foi publicada nas vésperas da sua memória litúrgica em 2020. São Francisco de Assis, desde aquela época, inquietava-se com a realidade social desafiadora que havia entre muitos países e nações. Por isso, o mestre de Assis aconselhava “evitar toda a forma de agressão ou contenda e viver uma submissão humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé”.⁶⁷ A partir da afirmação do pobre de Assis, faz-se relevante recordar o que o Apóstolo Paulo, séculos antes, na carta aos Filipenses, ao referir-se à relação fraterna e harmoniosa da comunidade, ressalta: “Nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus” (Fl 2,3-4).

É relevante destacar que a *Fratelli Tutti* foi publicada durante a pandemia do novo coronavírus, quando o mundo estava mergulhando num contexto de crise e insegurança. As pessoas, diante do risco iminente da contaminação, estavam isoladas e amedrontadas. Desta maneira, o Pontífice exorta: “Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe”⁶⁸. E continua: “Juntos que se constroem os sonhos.”⁶⁹

⁶⁵ Edgard de Assis Carvalho é coordenador do núcleo de estudos da complexidade, correpresentante brasileiro do Centro de Informática Universidade Eduardo Mondland (CIUEM), cátedra itinerante da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e coeditor da revista *Espiral*.

⁶⁶ FACHIN, Patricia; SANTOS, João Vitor. Complexidade e a necessidade de uma reforma do pensamento a partir da encíclica *Fratelli Tutti*. Entrevista especial com Edgard de Assis Carvalho. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/603518-complexidade-e-a-necessidade-de-uma-reforma-do-pensamento-a-partir-da-enciclica-fratelli-tutti-entrevista-especial-com-edgard-de-assis-carvalho>. Acesso em: 19 mar. 2024.

⁶⁷ FRANCISCO, 2020, p. 12, n.3.

⁶⁸ Ibid., p. 14, n. 8.

⁶⁹ Ibid., p. 14, n. 8.

Nesse sentido, os fatores externos, sociais, econômicos, políticos e até mesmo religiosos, quando não equilibrados e agregados à realidade das pessoas, geram uma realidade interna, existencial, de angústia e medo. Percebe-se, assim, uma luta desleal pela sobrevivência, na qual os vencedores são os mais fortes e, conseqüentemente, os vulneráveis e frágeis são os marginalizados. Esses comportamentos desagregadores eclipsam o projeto de Deus e revelam na sociedade sinais explícitos de violência.

Para Marcello Neri⁷⁰, “o paradigma moderno parece ter se resolvido em um individualismo consumista que mede tudo e toda relação a partir das vantagens que pode obter exclusivamente para si, pondo em risco os laços fundamentais que unem a sociedade humana”.⁷¹ Ou seja, o individualismo consumista gera conflitos e instrumentaliza as pessoas, transformando-as pacificamente em “coisas”, objetos obsoletos, vazios de sentido existencial. Diante desta realidade desafiadora, Domenico Sorrentino afirma que a “fraternidade é o novo nome de esperança para o mundo.”⁷²

O objetivo da *Fratelli Tutti*, conforme Neri, é resgatar “o cuidado da fé pela dimensão social da existência humana”⁷³, mas também é a carta “que recolhe com maior persuasão os melhores resultados da modernidade ocidental”.⁷⁴ O paradigma que norteia a reflexão está presente principalmente no primeiro capítulo, onde o Papa destaca as sombras de um mundo fechado que conseqüentemente traz sinais maléficos de agressão à sociedade. O Pontífice fala numa “indiferença acomodada, fria e globalizada, que afeta a humanidade e leva a formas de individualismo sem conteúdo alimentadas pela necessidade de consumir sem limites”.⁷⁵

A *Fratelli Tutti* afirma que “os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas [...]”.⁷⁶ Para o Papa, o problema não está no progresso e na globalização, mas sim na falta de responsabilidade e de ética com as pesquisas e com os métodos. Sem um rumo comum, a globalização e o progresso, ainda segundo o Papa,

⁷⁰ Marcello Neri é teólogo, padre italiano e professor da Universidade de Flensburg, na Alemanha.

⁷¹ NERI, Marcello. *Fratelli tutti*: na primeira pessoa do plural. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603451-fratelli-tutti-na-primeira-pessoa-do-plural-artigo-de-marcello-neri>. Acesso em: 24 mar. 2024.

⁷² ALLEN JR., John L. A Assis vazia reflete a “fraternidade da dor” que papa Francisco vem para curar. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603465-a-assis-vazia-reflete-a-fraternidade-da-dor-que-papa-francisco-vem-para-curar>. Acesso em: 24 mar. 2024.

⁷³ NERI, 2020.

⁷⁴ NERI, 2020.

⁷⁵ AGÊNCIA ECCLESIA. “Fratelli Tutti”: Papa propõe novo paradigma global, em alternativa ao individualismo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603459-fratelli-tutti-papa-propoe-novo-paradigma-global-em-alternativa-ao-individualismo>. Acesso em: 25 mar. 2024.

⁷⁶ FRANCISCO, 2020, p. 16, n. 12.

disseminam “uma sensação geral de frustração, solidão e desespero, [...] nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, em uma situação mundial dominada pela incerteza, pela decepção e pelo medo do futuro, além de controlada por míopes interesses econômicos”.⁷⁷

Diante das tensões e das próprias guerras geradas pelo desejo de dominação que se dá, muitas vezes, pela utilização da tecnologia, os mais vulneráveis sofrem as consequências da violência. Para Francisco, por maior que seja o avanço tecnológico, a humanidade nem sempre “vislumbra um rumo verdadeiramente humano”⁷⁸ em meio à fome e à violência. Para o Papa, o avanço tecnológico e o progresso deveriam caminhar juntos com a equidade, com o respeito, pois que bom seria se antes que a ciência descobrisse outros planetas, descobrisse o irmão que está do lado, o qual, muitas vezes, grita por socorro, assim como o Cristo abandonado na cruz: “Por volta da hora nona, Jesus deu um grande grito: Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27,46).

A Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, para Márcio Pochmann, “reconstitui ensinamentos acerca da atualidade humana em meio à percepção das falsas seguranças impostas pela própria mercantilização da vida”.⁷⁹ Francisco percebe que a violência é consequência de uma perspectiva equivocada de conceitos básicos à pessoa humana, como: segurança, qualidade de vida, desenvolvimento econômico, progresso ou, até mesmo, os três conceitos relevantes da modernidade: liberdade, igualdade e fraternidade que levam ao fechamento.

Neste sentido, assim como a *Laudato Si'*, a *Fratelli Tutti* também se apresenta diante de um desafio antropológico. Precisa resgatar, antes de tudo, o valor transcendente da pessoa humana, resgatar os aspectos da antropologia teológica cristã, da qual o *antropos* foi criado à “imagem e semelhança” (Gn 1,26) do próprio Criador. Neri destaca que o fundamento antropológico ofereceria o pressuposto necessário para a compreensão da “esperança como sonho realista de um mundo diferente”.⁸⁰ A *Fratelli Tutti* traz formas de violência que precisam ser superadas a partir da esperança que brota da fé e fundamenta-se nas Escrituras.

A primeira manifestação de violência na sociedade são os sinais de regressão, nos quais tudo aquilo que foi superado ressurge novamente. Para o Papa Francisco, “reacendem-se conflitos anacrônicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos.”⁸¹ O contexto socio-cultural-econômico de insegurança

⁷⁷ FRANCISCO, 2020, p. 24-25, n. 29.

⁷⁸ Ibid., p. 25, n. 29.

⁷⁹ POCHMANN, Márcio. Economia de Francisco e o novo sujeito social. In: PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes (orgs.). *Todos irmãos: reflexões interdisciplinares sobre a Encíclica Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2021. Kindle: p. 130-197. p. 132.

⁸⁰ NERI, 2020.

⁸¹ FRANCISCO, op. cit., p. 15, n. 10.

faz com que se firmem as ideologias e se justifiquem posições extremas, anulando a memória histórica e criando “formas de egoísmo e de perda do sentido social mascaradas por uma suposta defesa dos interesses nacionais”.⁸² A busca e o desejo das grandes potências de uma economia global instrumentaliza o desejo do bem comum e “divide as pessoas e as nações”.⁸³ A regressão, o aniquilamento da memória histórica, arranca a dignidade das pessoas, de modo especial dos mais pobres e frágeis. Nesse sentido, a *Fratelli Tutti* diz: “Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência.”⁸⁴

Como consequência de comportamentos já superados, ou seja, a regressão ao passado histórico, o Papa destaca o fim da consciência histórica como uma forma específica de violência. Francisco enfatiza: “Nota-se a penetração cultural de uma espécie de desconstrucionismo, em que a liberdade humana pretende construir tudo a partir do zero.”⁸⁵ Esta forma de violência pode se manifestar de maneira específica por meio dos jovens que se deixam levar, muitas vezes, pelo ideal de um mundo novo, construído a partir da técnica e do aspecto econômico estritamente. Francisco afirma, de modo específico ao jovem, que, caso alguém proponha um projeto no qual se abandone o passado ou se negue a história, “esta pessoa os quer vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, de modo que só confiem em suas promessas e submetam aos seus planos. Assim funcionam as ideologias de diferentes cores que destroem tudo o que é diferente e, dessa maneira, podem reinar sem oposições”.⁸⁶

Na segunda manifestação de violência, o Papa destaca a ausência de um projeto político-econômico-ambiental que busque o bem para todos, que supere os interesses escusos dos países e das grandes potências industriais. Francisco ressalta: “Usa-se hoje, em muitos países, o mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar. Com várias modalidades, nega-se a outros o direito de existir e pensar e, para isso, recorre-se à estratégia de ridicularizá-los, insinuar suspeitas sobre eles e reprimi-los.”⁸⁷ A polarização gera intolerância. Com a anuência da força, pretende-se anular qualquer oposição à verdade absoluta defendida pelo grupo com o qual a pessoa se identifica. Quando se perde a consciência do coletivo, o particular se empobrece. Assim, conforme Francisco, “hoje, um projeto com grandes objetivos para o desenvolvimento de toda a humanidade soa como um delírio.”⁸⁸

⁸² FRANCISCO, 2020, p. 16, n. 11.

⁸³ Ibid., p. 16, n. 12.

⁸⁴ Ibid., p. 16, n. 12.

⁸⁵ Ibid., p. 17, n. 13.

⁸⁶ Ibid., p. 17, n. 13.

⁸⁷ Ibid., p. 18, n. 15.

⁸⁸ Ibid., p. 18, n. 16.

Para Francisco, na *Fratelli Tutti*, o terceiro sinal de violência é a cultura do descarte. Logo no início do parágrafo 18 da Encíclica, o Pontífice começa afirmando: “Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício de uma seleção que favorece um setor humano digno de viver sem limites.”⁸⁹ Em vista da liberdade de alguns e de seus luxos, uma grande porção é anulada em sua dignidade e explorada. Roubam-lhe toda a possibilidade de viver de forma digna. Diante desta lógica, a cultura do descarte atinge os objetos e as pessoas, de modo especial, os idosos. Como afirma Francisco, “tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício [...]”.⁹⁰ Tendo como pressuposto a liberdade, a qualidade de vida e o progresso, a sociedade está cada vez mais sectária. Exclui-se, descarta-se. Comportamentos que se achavam superados retornam de forma violenta, “o racismo que se dissimula, mas não cessa de reaparecer [...]. Aumentou a riqueza, mas sem equidade, e assim nascem novas pobreza”.⁹¹

O olhar de Francisco é sensível. A eclesiologia do Papa parte da realidade, da vida das pessoas. O quarto sinal de violência, para o Pontífice, é o fato de os direitos humanos não serem suficientemente universais, principalmente nas fronteiras. Afirma o Pontífice: “Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo económico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem.”⁹² O Bispo de Roma é firme na denúncia, não hesita: “Enquanto uma parte da humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada ou espezinhada e os seus direitos fundamentais ignorados ou violados”.⁹³ A *Fratelli Tutti* traz uma série de categorias de pessoas que compõem o tecido social e que não têm, muitas vezes, os direitos assegurados: os idosos, as mulheres, as crianças, os adolescentes, as pessoas que sofrem racismo, homofobia, xenofobia, os migrantes e as comunidades LGBTQIA+. Muitas vezes, “as palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra”.⁹⁴

A quinta manifestação de violência são as guerras, para o Papa, a mais grotesca. O Pontífice mostra-se solidário para com os povos que enfrentam as duras realidades da guerra que geram angústia e espalham o medo. Mesmo depois do que a humanidade já passou, há países que ainda recorrem a esta forma esdrúxula de resolver problemas. A *Fratelli Tutti* esclarece: “As guerras, os atentados, as perseguições por motivos raciais ou religiosos e tantas afrontas contra a dignidade humana são julgados de maneira diferente, segundo convenham ou

⁸⁹ FRANCISCO, 2020, p. 19, n. 18.

⁹⁰ Ibid., p. 19, n. 16.

⁹¹ Ibid., p. 20, n. 20-21.

⁹² Ibid., p. 21, n. 22.

⁹³ Ibid., p. 21, n. 22.

⁹⁴ Ibid., p. 21, n. 23.

não a certos interesses fundamentalmente económicos [...].”⁹⁵ Justificam-se as guerras segundo os interesses.

Para o Papa, diante da desconfiança e do medo, o mundo do outro deixa de existir, passa a existir “apenas o meu mundo; e muitos deixam de ser considerados seres humanos com uma dignidade inalienável, passando a ser apenas os outros”.⁹⁶ A beleza está na pluralidade, a uniformidade empobrece e agride. “O mundo cresce e enche-se de nova beleza, graças a sucessivas sínteses que se produzem entre culturas abertas, fora de qualquer imposição cultural.”⁹⁷

Francisco aborda, como sexta forma de violência, o aspecto da comunicação, de modo especial da comunicação digital. Num contexto plural e polarizado, a comunicação digital transformou-se numa arma fatal de proliferação do ódio e da destruição em massa. O avanço da comunicação digital furtou de muitas pessoas a existência da proximidade física, gerando, assim, indivíduos mais isolados. As relações digitais burlam o esforço de criar amizades e dispensam “uma reciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo [...]. Habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo às pessoas mais fragilizadas”.⁹⁸

A comunicação digital gera o isolamento consumista e consequentemente a agressividade despudorada. Francisco, referindo-se à má utilização da comunicação digital, afirma que ela favorece o crescimento de “formas insólitas de agressividade, com insultos, impropérios, difamação, afrontas verbais que chegam a destroçar a figura do outro, em um desregramento tal que, se existisse no contato pessoal, acabaríamos todos por nos destruir mutuamente”.⁹⁹ O Pontífice continua: “A agressividade social encontra um espaço de ampliação incomparável nos dispositivos móveis e nos computadores.”¹⁰⁰

A reflexão do Papa Francisco na *Fratelli Tutti* traz um panorama sociopolítico-econômico da realidade e mostra os desafios, sinais de violência enfrentados pelos cristãos e pelos não cristãos na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Para Alfredo Gonçalves, o contexto ganha relevância na encíclica, logo no início, quando o Papa utiliza duas expressões “que descrevem o mundo atual. Uma delas corresponde ao título do primeiro

⁹⁵ FRANCISCO, 2020, p. 23, n. 25.

⁹⁶ Ibid., p. 24, n. 27.

⁹⁷ Ibid., p. 80, n. 148.

⁹⁸ Ibid., p. 31, n. 43.

⁹⁹ Ibid., p. 31-32, n. 44.

¹⁰⁰ Ibid., p. 32, n. 44.

capítulo: as sombras de um mundo fechado, imediatamente seguida de outra que figura como subtítulo do mesmo: sonhos em pedaços”.¹⁰¹

Para Francisco, o aspecto que deve ser considerado relevante é o antropológico, que, segundo Afonso Garcia Rúbio, compreende “o ser humano a partir de uma perspectiva relacional”.¹⁰² Assim, a *Laudato Si'* mostra uma abordagem ampla, relacional, da pessoa humana com a Casa Comum e o seu compromisso de cuidar. A *Fratelli Tutti* reflete o aspecto relacional a partir do contexto social. Agora, para findar a reflexão do primeiro capítulo, serão observados os sinais de violência na *Evangelii Gaudium*; o contexto torna-se mais específico, refere-se à relação entre os cristãos, na comunidade eclesial, impulsionados pela influência dos desafios da Casa Comum – *Laudato Si'* – e sociais – *Fratelli Tutti*.

2.4 EVANGELII GAUDIUM: CRISE DO COMPROMISSO COMUNITÁRIO

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, olha para Igreja – *ad intra* – e desafia a comunidade de fé a encontrar novas respostas diante dos sinais de violência existentes na sociedade, mas que influenciam a Igreja. Nesse sentido, o Papa lança o desafio de buscar sem medo a renovação pastoral. Essa proposta de Francisco tem duas fontes de inspiração: primeira, o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, encontro realizado em 2007 no Brasil, na cidade de Aparecida; segunda, o Sínodo dos Bispos sobre “a evangelização para a transmissão da fé cristã”, realizado em 2012 em Roma. Pode-se dizer que na *Evangelii Gaudium* está o programa pontifical de Francisco.

Francisco afirma que é necessário “que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento dum mundo novo”.¹⁰³ O Pontífice sonha a Igreja como uma casa de acolhida, lugar onde todos deveriam sentir-se amados. Isso porque as pessoas estão feridas, solitárias e, muitas vezes, sentem-se abandonadas, por isso necessitam encontrar um lugar de paz que as restaure. Henri Nouwen diz que “Deus ama a humanidade. Foi por isso que Ele se tornou humano: para acolher toda humanidade em seus braços”.¹⁰⁴ As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil afirmam que “a casa, enquanto

¹⁰¹ GONÇALVES, Alfredo. Texto, contexto e pretexto da encíclica "Fratelli tutti". *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603661-texto-contexto-e-pretexto-da-enciclica-fratelli-tutti>. Acesso em: 26 mar. 2024.

¹⁰² RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 131.

¹⁰³ FRANCISCO, 2013a, p. 161, n. 128.

¹⁰⁴ NOUWEN, Henri. *Comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 227.

espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados de encontro e de diálogo de Jesus e seus seguidores.”¹⁰⁵

Na *Evangelii Gaudium* o verbo *acolher* apresenta um movimento duplo de abertura e saída. Abertura para acolher bem os que se aproximam. Para o Papa, “se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza de uma porta fechada.”¹⁰⁶ Mas os que já estão dentro precisam sair ao encontro, romper a inércia e o comodismo. Para Francisco, a experiência de fé faz aventurar-se “em direção aos outros para chegar às periferias humanas [...] Muitas vezes, é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”.¹⁰⁷ Neste duplo movimento, Francisco exorta a dimensão missionária.

A Igreja em saída, em uma perspectiva missionária, é uma Igreja que acolhe! Quem são os que precisam ser acolhidos, segundo a *Evangelii Gaudium*? A partir de Jesus Cristo, a figura paradigmática, o Papa desafia a acolher com misericórdia a todos, especialmente aqueles que sofrem as consequências da violência. Para Walter Kasper, “na misericórdia, Deus não abandona ninguém; oferece a cada qual uma nova oportunidade e um novo começo, se houver disposição para mudar de vida e orar por isso.”¹⁰⁸

De acordo com Francisco, as seguintes realidades, que são as pessoas que mais sofrem diretamente com as manifestações de violência, deveriam inquietar e gerar gestos de acolhida: as famílias daqueles que estão nas catequeses sacramentais e que não participam, os jovens, as mulheres, os pobres, os imigrantes, os migrantes, os marginalizados, as pessoas que vivem em situação de rua, dependentes químicos, os que fazem uma opção de gênero, os enfermos, os idosos, os não crentes, os irmãos de outras religiões e de outras igrejas, os que buscam os sacramentos em situações de irregularidades documentais... Todos! Para Francisco, “a misericórdia é a justiça própria de Deus, não condena o pecador desejoso de conversão, mas justifica-o.”¹⁰⁹ Na *Evangelii Gaudium*, o Papa escreve: “A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa.”¹¹⁰

A *Evangelii Gaudium* quer motivar respostas criativas e novas diante de realidades desafiadoras, violentas, que influenciam a comunidade eclesial a romper a harmonia com Deus

¹⁰⁵ CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. CNBB, 2019 (Documentos da CNBB, 109). p. 47.

¹⁰⁶ FRANCISCO, 2013a, p. 33, n. 47.

¹⁰⁷ Ibid., p. 33, n. 46.

¹⁰⁸ KASPER, Walter. *Papa Francisco a revolução misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015a. p. 49.

¹⁰⁹ KASPER, 2015a, p. 49.

¹¹⁰ FRANCISCO, op. cit., p. 34, n. 47.

e, principalmente, entre os irmãos que professam a mesma fé. O Papa Francisco, no capítulo segundo da Exortação Apostólica, traz como centralidade da reflexão a crise do compromisso comunitário e analisa a realidade a partir de duas dimensões: a dimensão social e a eclesial.

A *Gaudium et Spes* refere-se à missão da Igreja, afirmando ser “necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático”.¹¹¹ Iluminado pelo espírito do Concílio Vaticano II, Francisco lança dois olhares: o primeiro, voltado para o mundo externo; o segundo, para os desafios internos, onde estão as contingências da própria Igreja. A Igreja não tem como caminhar à margem das realidades. Os desafios da Igreja são os desafios do mundo, ou seja, as tentações enfrentadas pelos agentes de pastorais advêm da relação Mundo-Igreja. O teólogo Vitor Feller diz que

a Igreja deverá buscar a santidade no mundo, através do difícil equilíbrio entre diálogo e desconfiança. Tendo de posicionar-se de modo crítico e profético diante de expressões diferentes da verdade cristã, o diálogo é sempre útil para não perder as relações com o mundo e suas instituições.¹¹²

O apelo de Francisco é para que os fiéis novamente se reencantem e redescubram que “a Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”.¹¹³ Sabendo o que quer e onde quer chegar, o Papa aborda, de forma profética, algumas manifestações de violências presentes no mundo atual e pede aos cristãos, como membros da Igreja, um comportamento diferente. Moisés Sbardelotto afirma que o Pontífice tem consciência de que, diante das “enormes e velozes mudanças culturais, é preciso tentar expressar as verdades de sempre em uma linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade”.¹¹⁴ O olhar de Francisco para as manifestações de violência não pretende exaurir todos os elementos necessários para uma análise de conjuntura social ou eclesial. “Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos.”¹¹⁵

Segundo Francisco, o medo e o desespero assolam o coração de muitas pessoas; “a alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes

¹¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2007a, p. 542, n. 4.

¹¹² FELLER, Vitor Galdino. A reforma da Igreja. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n. 128, p. 21-44, jan./abr. 2014. p. 33.

¹¹³ FRANCISCO, 2013a, p. 7, n. 1.

¹¹⁴ SBARDELOTTO, Moisés. Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/526339-um-estilo-evangelizador-o-horizonte-eclesial-da-evangelii-gaudium>. Acesso em: 26 mar. 2024.

¹¹⁵ FRANCISCO, op. cit., p. 37, n. 51.

viver com pouca dignidade”.¹¹⁶ A Igreja, a comunidade de fé, diante deste cenário angustiante, deveria ser um oásis, espaço onde as pessoas pudessem ter a dignidade restaurada. Francisco profeticamente ergue sua voz e denuncia a violência. É importante, de acordo com Paulo Fernando Carneiro de Andrade, que o “engajamento social dos cristãos não possa ser considerado mera consequência da evangelização, mas sim deva ser tido como parte integrante e fundamental do querigma”.¹¹⁷

Para o Papa, a violência manifestada na sociedade tem como paradigma o aspecto econômico. A partir desta economia sem alma, as pessoas precisariam erguer a voz e dizer basta, chega desta “economia da exclusão e da desigualdade. Esta economia mata”.¹¹⁸ A economia da exclusão traz algumas consequências violentas: primeira, descarta pessoas, principalmente idosos e as pessoas com deficiência; os ricos engolem os pobres, gerando, segundo Francisco, uma cultura do descartável. A cultura do descarte vai para além da exploração, para o Pontífice é uma “realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, sobras”.¹¹⁹

A luta pelo econômico, de acordo com o Papa, gera uma idolatria ao dinheiro em detrimento da dignidade das pessoas, segunda forma de violência. Francisco afirma que “a crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano”.¹²⁰ Todas as lutas da pessoa humana são justificadas caso sejam em vista da sua dignidade e que todos tenham acesso, independentemente da etnia ou classe social. Caso contrário, torna-se violência, pois exclui e divide. O Papa diz que “a ambição do poder e do ter não conhece limites”.¹²¹ O limite acaba sendo a morte!

A busca pela bonança econômica gera uma violência tão profunda que as pessoas vivem sempre buscando o que é excepcional. Henri Nouwen explica que é uma luta “tão onipresente que mal nos damos conta da medida que influencia nossas emoções, paixões e sentimentos”.¹²² Neste sentido, Francisco chama a atenção, afirmando que “o dinheiro deve servir, e não

¹¹⁶ FRANCISCO, 2013a, p. 38, n. 52.

¹¹⁷ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. A Dimensão social da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 228-229

¹¹⁸ FRANCISCO, 2013a, p. 38, n. 53.

¹¹⁹ Ibid., p. 38, n. 53.

¹²⁰ Ibid., p. 40, n. 55.

¹²¹ Ibid., p. 40-41, n. 56.

¹²² NOUWEN, 2023, p. 94.

governar!”¹²³ Quando a perspectiva é invertida, o dinheiro passa a governar, as atrocidades surgem, pois o princípio ético é esquecido ou reduzido ao subjetivismo, consequentemente, gerando violência. A *Evangelii Gaudium* afirma: “Enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigar a violência.”¹²⁴

Por conseguinte, a partir do paradigma econômico, a terceira forma de violência é manifestada, por meio dos desafios culturais. “O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares”.¹²⁵ Os desafios da cultura manifesta-se de duas formas: primeiro, pela inculturação da fé; segundo, por meio da cultura urbana. A inculturação da fé e a experiência de Deus e religiosa deveriam humanizar, superando, assim, tudo o que divide e oprime, como o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria, etc. Por fim, a cultura urbana, onde “na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência. A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil”.¹²⁶ O mundo urbano, movido pelo ritmo frenético das preocupações e tensões, onde o vazio e o individualismo exercem uma função muitas vezes vital, é um espaço onde proliferam o tráfico de drogas, “o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, várias formas de corrupção e crime”.¹²⁷

Os desafios do mundo tornam-se desafios eclesiais, pois o cristão está inserido no mundo e tem por missão transformá-lo, mas nem sempre é tarefa simples. Neste sentido, Francisco destaca os desafios dos agentes de pastorais, os quais, muitas vezes, deixam-se levar pelo mundanismo espiritual. Para o Papa, “o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal”.¹²⁸ Diante do mundanismo espiritual, cabe o seguinte questionamento: quando a Igreja, através dos seus agentes de pastorais poderá tornar-se sinal de violência? Categoricamente o Papa responde na *Evangelii Gaudium* e, ao mesmo tempo, desafia à conversão.

¹²³ FRANCISCO, 2013a, p. 41, n. 58.

¹²⁴ Ibid., p. 42, n. 59.

¹²⁵ Ibid., p. 46, n. 67.

¹²⁶ Ibid., p. 50, n. 71.

¹²⁷ Ibid., p. 50, n. 75.

¹²⁸ Ibid., p. 60, n. 93.

Francisco, na *Evangelii Gaudium*, destaca quatro manifestações de violência: o individualismo, fruto do egoísmo, que nega a dimensão missionária; o pessimismo estéril, gerando “sensação de derrota”¹²⁹; rivalidades entre os agentes de pastoral; o clericalismo. O que deve impulsionar os agentes de pastorais é o desejo de servir e tornar-se configurado ao Mestre Jesus. “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9, 35).

A superação da violência requer acolhida, escuta e diálogo, ou seja, a promoção da cultura do encontro. Segundo o teólogo Agenor Brighenti¹³⁰, como indica Santo Domingo, a superação dos pecados dos agentes de pastorais acontece em quatro âmbitos:

- a) Conversão no âmbito da consciência da comunidade eclesial. Consiste em assumir a eclesiologia do Povo de Deus e superar a concepção de uma Igreja composta pelo binômio clero-leigos, para entendê-la como uma comunidade ministerial.
- b) Conversão no âmbito das ações pessoais e comunitárias. Uma ação pastoral que promova a vida plena para todos deve ser uma resposta aos desafios de hoje, especialmente ao clamor dos pobres.
- c) Conversão no âmbito das relações de igualdade e autoridade. O testemunho do amor fraterno é, antes de tudo, o anúncio do Evangelho. Não há conversão pastoral da Igreja nas suas relações, consistente com o Concílio, sem a erradicação do clericalismo.
- d) Conversão no âmbito das estruturas. Por fim, a conversão pastoral requer uma revisão profunda das estruturas da Igreja.

Esta Igreja, que busca a renovação e a conversão, é a comunidade dos discípulos de Jesus que sempre deve tomar a iniciativa; precisa ousar e inclinar-se para alcançar o limite da vida humana. A comunidade dos discípulos é missionária e “experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor, e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”.¹³¹

Tendo destacado, nos três documentos do Papa Francisco, os sinais explícitos de violência, agora, seguindo o círculo hermenêutico, o segundo capítulo recorrerá ao livro do Gênesis a fim de mostrar que a fraternidade, desde os primórdios, foi violentada pelo egoísmo,

¹²⁹ FRANCISCO, 2013a, p. 55, n. 85.

¹³⁰ BRIGHENTI, Agenor. A conversão pastoral integral e os quatro sonhos proféticos. *CRB Nacional*, 2021. Disponível em: <https://crbnacional.org.br/assim-caminha-a-assembleia-ecclesial-a-conversao-pastoral-integral-e-os-quatro-sonhos-profeticos-pe-agenorbrighenti/>. Acesso em: 19 maio 2023.

¹³¹ FRANCISCO, 2013a, p. 21, n. 24.

pela cobiça, pela avareza que habita o coração humano. As manifestações de violência identificadas pelo Papa nos três documentos encontram a fundamentação teórica na hermenêutica bíblica no livro do Gênesis, onde Deus cria tudo e, por fim, cria o homem e a mulher e os põe no paraíso. Cria para a comunhão, para a harmonia, mas o impulso, a autossuficiência e o egoísmo desintegram a harmonia e instauram o caos, a violência.

O jardim, no relato da criação (Gn 2, 4-25), é sinal da comunhão e da complementariedade entre o Criador e as criaturas, que fora perdido, arrancado pela desobediência. Quando Francisco percebe e enumera os sinais de violência, quer justamente isso, resgatar a fraternidade original, universal, propósito primeiro e último do projeto de Deus quando cria. A violência é consequência de uma antropologia mal compreendida, quando a pessoa humana deixa-se dominar pelo desejo, pelo egoísmo e não observa os outros e as demais criaturas como irmãos.

Jesus Cristo, que descende de Abraão, ao esvaziar-se de si mesmo, restaura e resgata a fraternidade universal, vocação comum a toda criação. O olhar de Francisco tem este objetivo, resgatar a vocação da criação à fraternidade universal, por isso afirma: “Como pessoas que creem, pensemos que, sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade. Estamos convencidos de que só com esta consciência de filhos que não são órfãos, podemos viver em paz entre nós.”¹³²

¹³² FRANCISCO, 2020, p. 139, n. 272.

3 O CAMINHO BÍBLICO DA FRATERNIDADE: DE CAIM A JESUS

A violência é uma realidade explícita hoje, como se vê e, na história como se verá. Este capítulo, assim, objetiva mostrar que a violência é uma realidade presente na história do Povo de Deus, de modo especial, no livro do Gênesis, por meio das tensões relacionais. Percorrendo o caminho da Bíblia, a partir do Gênesis, percebe-se a presença do paradoxo que, normalmente, questiona a experiência de fé. Existe uma tensão relacional entre os homens, do homem com o Criador, algo que extrapola o coração e a sensatez. Mas Jesus, filho da descendência de Abraão, é aquele que rompe a violência instaurada. Neste caminho bíblico da fraternidade: de Caim a Jesus, será oferecido um resgate histórico de alguns personagens bíblicos, Caim e Abel, o patriarca Abraão e José do Egito. Alguns fracassaram e outros fortaleceram a fraternidade.

3.1 CAIM E A FRATERNIDADE FRACASSADA

Os relatos da criação são protótipos, modelos, parâmetros para a humanidade que atravessam o tempo e sempre oferecem elementos para uma hermenêutica vigente. Wénin afirma: “Gênesis conta resumidamente o que se pode dizer do mundo, do ser humano e de Deus [...]. Conta a complexidade da vida e das relações das quais cada pessoa, em cada época, se descobre como parte integrante.”¹³³

Caim é o filho primogênito de Eva (Gn 4,1), nasceu quando o homem a conheceu. O teólogo Luiz Carlos Susin explica que etimologicamente Caim significa “conquistado com o poder de Deus, nome que transmite poder divino a Caim”.¹³⁴ Este homem nasce envolto do poder divino e do olhar de admiração de sua mãe; talvez, de forma inesperada, ganha um irmão que se chama Abel (Gn 4,2). Para Wénin, o nascimento de Abel é relevante e, “além disso, seu nome é significativo: em hebraico, a palavra *habel* quer dizer fumaça. Como em muitas culturas antigas, o caçula não tem importância; só o primogênito tem valor”.¹³⁵

O nascimento de Abel faz estremecer as seguranças de Caim. Talvez isso seja um dos fatores relevantes para que a relação dos irmãos não aconteça de forma harmoniosa e fraterna. Cada um é dotado de virtudes, habilidades, mostram excelência a partir das singularidades. “Abel tornou-se pastor de ovelhas e Caim cultivava o solo” (Gn 4,2). Para André Wénin, “como

¹³³ WÉNIN, André. *O Homem Bíblico*. Leituras do Primeiro Testamento. São Paulo: Loyola, 2006. p. 47.

¹³⁴ SUSIN, Luiz Carlos. Sou eu, acaso, guarda do meu irmão? Uma hipótese teológica sobre o “pecado original.” *REB*, Petrópolis, v. 65, n. 257, p. 5-24, jan. 2005. p. 13.

¹³⁵ WÉNIN, op. cit., p. 20.

em muitas culturas antigas, o caçula não tem importância; só o primogênito tem valor”.¹³⁶ Esta concepção perpassa também a cultura hebraica, chão de onde brota a história de Caim e Abel. Caim cresceu tendo consciência de que era o predileto, tanto de Deus quanto de sua mãe. Para Schökel, a primeira maternidade de Eva se refere simbolicamente à “primeira maternidade da humanidade. Não é estranho o seu grito de júbilo e triunfo”.¹³⁷ A partir desta realidade cultural e religiosa justifica-se o nome de Caim e seu significado teológico espiritual, criado, adquirido, conquistado com o poder de Deus.

Para os biblistas André Wénin e Luis Alonso Schökel, a paternidade de Adão e Eva é simbólica. Os filhos, Caim e Abel, representam um prolongamento daquilo que aconteceu no Éden, mas, para Wénin, os pais, Adão e Eva, a “missão expressa é dominar a animalidade”¹³⁸ com o objetivo de levar, se possível, à realização neles da imagem de Elohim, consoante a qual ele os havia criado”.¹³⁹ No Éden, os pais não tiveram o equilíbrio necessário para suportar a ausência, o vazio que se deu na criação após Deus se retirar para descansar no sétimo dia (Gn 2,3).

A partir desta realidade vigente, vale destacar a importância da integração social na vida das crianças. Por isso, faz-se necessário recorrer a Alfred Adler, que, nas palavras de Rollo May, afirma que a “criança não teria nascido, não fosse um ato social realizado pelos pais, e não teria sobrevivido um dia sequer, não fossem os cuidados da família”.¹⁴⁰ A integração social possibilita aos filhos reproduzirem, mesmo de forma inconsciente, as virtudes e os limites dos pais. Deste modo, Caim e Abel trazem as marcas da humanidade fragilizada e, evidentemente, correm o risco de reproduzirem neles próprios a história de seus pais. Wénin ressalta que “Caim sofre uma violência relacional que marca sua história desde o começo”.¹⁴¹

O nascimento de Abel, o segundo filho de Eva, irmão de Caim, deveria ser um dom para a família, a possibilidade de um maior enriquecimento, mas no aspecto humano foi um desafio. Dom é um presente, normalmente, algo não merecido, fruto da gratuidade e da generosidade. Quem ganha não pode autodenominar-se dono, proprietário. Para compreender o dom,

¹³⁶ WÉNIN, 2006, p. 47.

¹³⁷ SCHÖKEL, Luis Alonso. *¿Donde está tu Hermano?* textos de fraternidad en el libro del Génesis. 3. ed. Pamplona: Verbo Divino, 1997. p. 25.

¹³⁸ A expressão *animalidade*, para Wénin, não está relacionada à superioridade humana sobre os demais animais. Os animais não cometem atos de atrocidade ou violência contra indivíduos da própria espécie; sua violência está ligada à defesa contra predadores. A pessoa humana, ao contrário, agride as demais espécies e a si mesma. Para Wénin, a animalidade é o desequilíbrio das forças internas, a autossuficiência, o egoísmo — tudo o que rompe as relações.

¹³⁹ WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano*. Leitura de Gênesis 1,1-12,4. São Paulo: Loyola, 2011a. p.123

¹⁴⁰ MAY, Rollo. *A arte do Aconselhamento Psicológico*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 31.

¹⁴¹ WÉNIN, 2011a, p. 132.

necessita-se entrar na dinâmica da singularidade, da abertura e da partilha. O dom leva à alteridade. Aqui está o desafio fulcral da vida de Caim. Influenciado pela preferência de sua mãe, não compreendeu o nascimento de seu irmão como um dom, um presente de Deus para enriquecê-lo e torná-lo mais pleno. Compreender e aceitar o dom exige equilíbrio e maturidade.

A singularidade estava presente na vida dos irmãos. Faz-se importante destacar, além do significado dos nomes, o próprio exercício laboral: Caim, poder divino de Deus; Abel, fumaça, vazio; Abel era pastor de ovelhas e Caim agricultor. A personalidade de cada um fora construída a partir das particularidades. Caim, como predileto, traz consigo o egoísmo, desenvolve a soberba e a arrogância, não se faz próximo do seu irmão. Abel precisou mostrar que não era vazio, pois não tinha a atenção merecida, por isso precisa destacar-se, fazer com amor e bravura para mostrar seu valor e sua dignidade.

Caim, o primogênito, o preferido, por que Iahweh não se agradou da sua oferenda? Para Susin, “a relação entre os dois pode ter múltiplas direções, e novamente Deus entra nesta encruzilhada excitando a uma decisão”.¹⁴² Diante da autoconfiança, segurança do primogênito e do desejo de Abel de ser reconhecido, valorizado, de encontrar seu espaço, ecoam outras perguntas: qual dos dois realizou a oferenda com maior amor? Qual dos dois compreendeu a oferenda e a vida como dom, não simplesmente como um rito meramente obrigatório e vazio? Com estes questionamentos, abre-se um horizonte para se compreender a fraternidade fracassada. Quando se fracassa na fraternidade, abre-se de forma iminente um caminho à violência. No caso de Caim e Abel, de forma mais específica ao fratricídio.

O livro dos Provérbios diz que “o sacrifício dos ímpios é abominação para Iahweh, mas o seu favor é para a oração dos homens retos” (Pv 15,8). Portanto, Schökel destaca: “Se Deus rejeitou as ofertas de Caim, é porque Caim era mau, quer na sua conduta anterior, quer no ato da oferta.”¹⁴³ O que justificaria a maldade de Caim? Segundo Adler, pela integração social os filhos são influenciados pelos pais. Caim traz junto de si as marcas do pecado dos pais, do egoísmo não equilibrada. Mesmo o primogênito recebendo a influência dos pais, não significa que esteja condicionado à mesma queda; há na história a oportunidade de fazer diferente, para que o ciclo de violência seja rompido. Fazer diferente exigiria a capacidade de abrir-se a si mesmo e à alteridade.

Deus, ao agradar-se da oferenda de Abel, percebe em Caim o descontentamento. Wénin diz que “Caim se vê privado do olhar aprovador que Adonai dirige a Abel. Incapaz de se alegrar com a felicidade do irmão e de compartilhá-la, Caim é tomado por uma inveja que o consome

¹⁴² SUSIN, 2005, p. 13.

¹⁴³ SCHÖKEL, 1997, p. 27.

e o faz sofrer”.¹⁴⁴ Caim é questionado por Yahweh: “Se estivesses bem disposto, não levantarias a cabeça?” (Gn 4,7). Yahweh percebe a postura cabisbaixa de Caim; estava ensimesmado com suas decepções, absorto em si mesmo, não tinha acolhido Abel como seu irmão e a ira estava tomando seu coração.

Schökel, quando se refere ao questionamento de Deus feito a Caim, afirma: “A pergunta de Deus desperta a consciência reflexiva, produz no homem o distanciamento do seu mundo emocional amorfo ou confuso.”¹⁴⁵ O questionamento apresenta um caráter instrutivo e se referia à fraternidade, mas Caim é indiferente. A tristeza, a frustração e a inveja levam à ruptura, ao pecado e, conseqüentemente, são caminhos para a violência. Segundo Wénin, Yahweh “indica que o sofrimento causado pelo ciúme pode ser resolvido sem o uso da violência contra os outros e que a situação que provoca a inveja pode fazer a real fraternidade florescer.”¹⁴⁶

A pessoa autossuficiente não sabe o que significa fraternidade e não entende a forma como Deus se manifesta, torna-se vítima do próprio egoísmo. Caim caiu nesta armadilha. Susin destaca que Caim não compreendeu que “Deus prefere a oferenda do frágil e não olha a oferenda do poderoso”.¹⁴⁷ Humanamente é muito desafiador entrar nesta dinâmica ilógica de Deus. Esvaziar-se. Susin ainda continua: “Deus tem preferência por aquilo que menos indica seu poder e parentesco – os inconsistentes, as vítimas, os fracos.”¹⁴⁸ Na relação entre os irmãos, Abel era o mais fraco, mas Deus, ainda segundo o autor, “obriga Caim, desta forma, a uma inelutável decisão diante do irmão frágil”.¹⁴⁹

Solidarizar-se com o próximo e superar a inveja exigem a compreensão da vida como dom, aceitar o outro como irmão. Para que esse processo acontecesse, Caim precisaria erguer a cabeça e o olhar e acolher fraternalmente Abel, seu irmão, ao invés de vê-lo como inimigo. O irmão precisa ser acolhido; o inimigo necessita ser eliminado, extirpado, pois sua existência significa ameaça. André Wénin afirma: “A cobiça é o desejo que não aceita ser estruturado por um limite. Um desejo sem limite é invasor e destrutivo.”¹⁵⁰ O mesmo autor ainda continua dizendo que o olhar, quando é movido em direção ao outro pela cobiça, pela inveja, a alteridade corre três riscos: “1) a objetificação humana; 2) a compreensão do Outro como obstáculo para

¹⁴⁴ WÉNIN, 2013, p. 6.

¹⁴⁵ SCHÖKEL, 1997, p. 32.

¹⁴⁶ WÉNIN, 2013a, p. 7.

¹⁴⁷ SUSIN, 2005, p. 13.

¹⁴⁸ Ibid., p. 13.

¹⁴⁹ SUSIN, 2005, p. 13.

¹⁵⁰ WÉNIN, André. A cobiça como desejo que não aceita ser estruturado por um limite. Leituras do Gênesis pelo exegeta André Wénin. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/518557-a-cobica-como-desejo-que-nao-aceita-ser-estruturado-por-um-limite-leituras-do-genesis-pelo-exegeta-andre-wenin>. Acesso em: 10 abr. 2024.

sua cobiça; 3) a compreensão do Outro como meio para a obtenção de seus desejos.”¹⁵¹ Caim é envolvido pelos três sentimentos que limitam a compreensão da alteridade e está cômico de que a eliminação de Abel resgatará o olhar de predileção de Deus para consigo.

Sobre romper a estrutura de violência, Wénin diz que, “para agir bem, Caim deve domar, dominar em si este ímpeto, esta fera que está pronta para estabelecer sobre ele o domínio. Ele deve se mostrar mais forte que ela, mais forte que o ciúme, que sua inveja”.¹⁵² Caim deve tornar-se senhor dos seus impulsos, controlar a raiva devoradora que existe dentro de si, mas a história mostra que isso não acontece. O sentimento destruidor se apoderou de Caim e fez com que a morte de Abel fosse arquitetada, planejada e executada. O gesto de lançar-se sobre o irmão significa que Caim desejava aniquilar, banir a existência da alteridade. O homicídio de Caim manifesta o fechamento à diversidade, não teve condições de compreender a vida do irmão como dom, riqueza, como caminho de crescimento humano e de comunhão com Deus.

Caim, novamente, é questionado: “Onde está teu irmão? Ele respondeu: Não sei. Acaso sou guarda do meu irmão? Iahweh disse: Que fizeste! Ouço o sangue do teu irmão, do solo, clamar por mim!” (Gn 4,9-10). Encontra-se neste relato o primeiro homicídio ou primeiro pecado contra o semelhante, um fratricídio, pois todo homicídio é fratricídio. Susin diz que “seria a decadência do humano em mera animalidade, mas pior do que os animais, que, na criação, são dados à convivência e ao governo humano e possuem dignidade própria com seus nomes, humanizados pela nomeação humana”.¹⁵³ Caim esquiva-se, tenta fugir da pergunta de Iahweh, procura abdicar a fraternidade em relação a Abel e desresponsabilizar-se do ofício de proteger o mais frágil. Mas Schökel destaca: “Por ser seu irmão, ele deve protegê-lo; por ser o mais velho, está ainda mais obrigado.”¹⁵⁴

Qual o caminho para superar a inveja? Na verdade, Deus alertou, mas o desequilíbrio humano foi mais forte. André Wénin salienta que “o antídoto da inveja, o caminho para dominá-la, é aprender a se regozijar com a felicidade dos outros, é sentir alegria com a felicidade deles e, dessa forma, partilhar. Caim recusa-se a entrar nesta dinâmica, deixa a inveja dominá-lo e elimina Abel, cuja felicidade lhe era insuportável”.¹⁵⁵ A força não está simplesmente no ato de produzir ou fazer coisas a partir da destreza, da prática ou das capacidades intelectivas, pelo contrário, forte é aquele que controla e domina seus impulsos. Apesar de ser um homem forte fisicamente, Caim era fraco, pois deixou-se envolver por sua fragilidade e acabou cometendo o

¹⁵¹ WÉNIN, 2013b.

¹⁵² WÉNIN, 2006, p. 48.

¹⁵³ SUSIN, 2005, p. 13.

¹⁵⁴ SCHÖKEL, 1997, p. 36.

¹⁵⁵ WÉNIN, op. cit., p. 48.

primeiro fratricídio. Toda ação, necessariamente, gera uma reação. As mãos manchadas de sangue, do sangue inocente do irmão, tornaram Caim maldito sobre a terra, assumindo a condição de errante e fugitivo.

Caim sofre um golpe, sua profissão, agricultor - homem que vivia cultivando o solo e aguardando os frutos no tempo certo - agora, como consequência do crime, o solo tornar-se-á estéril. Wénin diz que “Caim é desse modo golpeado de morte naquilo que constituía sua vida”.¹⁵⁶ O fraticida transforma-se num errante e fugitivo. Wénin define: “Errante à busca de si mesmo”.¹⁵⁷ “Fugitivo, ou talvez foge de si mesmo, porque construiu sua própria infelicidade.”¹⁵⁸

Deus privou Caim da morte, quem o matasse seria castigado, sua punição foi aliviada. Destaca Schökel: “O homicídio levava à pena de morte.”¹⁵⁹ Mas Caim ganha uma oportunidade de reconstruir sua vida, sua história. O fratricídio gerou em Caim um medo permanente, que nunca o abandonou. O cheiro do sangue derramado por Abel nunca saiu de suas mãos. Em Nod, Caim e sua descendência construíram uma cidade fortificada, cheia de seguranças.

A vida nômade, exposta, cheia de perigos, era o castigo de Caim, mas sua busca de segurança contra seus inimigos reais ou potenciais, que se multiplicam na sombra inclusive da imaginação de sua descendência, leva Caim e seus descendentes a fundarem obsessivamente cidades fortificadas, com muralhas e torres.¹⁶⁰

A inveja leva à violência, mas diretamente ao fratricídio e, conseqüentemente, à insegurança e ao medo; a resposta humana diante desta dinâmica torna as pessoas egocêntricas e autorreferenciais. O dom é anulado e a diversidade eliminada. O caos toma conta da história. As manifestações de violência destacadas pelo Papa Francisco na *Ladato Si', Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium* são conseqüências, ainda hoje, de forma mais estruturada do egoísmo, da autossuficiência que se apodera do coração humano na busca pelo poder político-econômico. Com Caim, a comunhão, a fraternidade, desejo intrínseco do ser humano à realização plena, foi maculada, fracassada.

A ausência de Deus não é abandono, mas sim liberdade e possibilidade de amadurecer. Deus quer tornar o homem corresponsável, cocriador, mas o homem precisa aprender a dominar

¹⁵⁶ WÉNIN, 2011a, p. 145.

¹⁵⁷ Ibid., p. 146.

¹⁵⁸ WÉNIN, 2006, p. 49.

¹⁵⁹ SCHÖKEL, 1997, p. 39.

¹⁶⁰ SUSIN, Luiz Carlos. Uma cidade para Abel. Ângulos de uma teologia da cidade. *Studium: Revista Teológica*, a. 10, n. 18, p. 11-44, 2016. p. 31.

e domar seus impulsos, precisa abrir-se à fragilidade, que é potenciadora de força. Para Wénin, “longe de ver no outro um rival, sua alteridade pode ser reencontrada como uma chance. Sua diferença abre um espaço de reencontro e de partilha, constitui uma chance de crescimento mútuo para aqueles que ousam alegrar-se com os outros pela felicidade deles”.¹⁶¹

O Gênesis indica à humanidade um caminho de superação, a possibilidade do retorno ao paraíso. Na sequência serão trazidos os relatos de Abraão e José do Egito. Abraão supera o dilema de sacrificar ou não o seu filho. Mostra confiança em Deus e olha para seu filho como um dom, não como um objeto de posse. O Patriarca consegue oferecer Isaac novamente a Deus, consciente de que a alteridade não podia ser possuída por si mesmo, caso contrário não se tornaria pleno. José, filho de Jacó, desperta no coração dos irmãos a inveja e fora vendido como escravo. Anos depois, quando se encontram no Egito, José supera o ódio, o desejo de vingança e acolhe, solidariza-se com os irmãos que estão em situação de vulnerabilidade.

3.2 O DILEMA DE ABRAÃO

Antes de passar a ser chamado de Abraão, o patriarca, no início de sua história chama-se Abrão, filho de Taré, irmão de Nacor e Arã, a família vivia em Ur dos caldeus. Melca, filha de Arã (Gn 11, 29), sobrinha de Abrão, era esposa de Nacor, seu tio. A esposa de Abrão chamava-se Sarai. Segundo o relato bíblico, Arã morreu na presença de seu pai, Taré, em sua terra natal (Gn 11, 28). Os nomes eram escolhidos a partir da missão que os pais desejavam aos filhos, Abraão significa Pai elevado. Conforme André Wénin, “quanto ao segundo filho, recebe o nome de seu avô Nahor, característica única no conjunto do livro do Gênesis”.¹⁶²

O simbolismo do nome Arã, filho falecido de Taré, não faz luz ao aspecto religioso, semelhante a Abraão e Nacor. A morte de Arã, consideravelmente jovem, diante de seu pai, dá abertura para o florescimento de muitas hipóteses (Gn 11, 27-32). O biblista André Wénin acredita que “os fatos se alinham como se fosse preciso sugerir que apenas pelo fato de gerar e, portanto, tornar-se pai de um filho Haran se tivesse colocado contra a face de seu próprio pai, houvesse-lhe feito de alguma maneira uma afronta”.¹⁶³ A morte de Arã teria o objetivo de revelar uma mensagem implícita, que aguçaria muitas hermenêuticas. Para Wénin, “em todos os casos o embate se paga pelo desaparecimento do filho que se tornou pai”.¹⁶⁴

¹⁶¹ WÉNIN, 2006, p. 49.

¹⁶² Ibid., 2011a, p. 216.

¹⁶³ WÉNIN, 2011a, p. 217.

¹⁶⁴ Ibid., p. 217.

Na exegese narrativa, Wénin diz que é necessário que “o filho morra como filho se quer viver como pai”.¹⁶⁵ A morte de Arã é rica de significado, era o único filho de Taré casado na terra onde vivia seu pai. Tinha filhos, mas a partir da cultura patriarcal não poderia exercer a paternidade, pois a terra continuava sendo ainda do seu pai. Simbolicamente, apenas a morte daria a paternidade a Arã; na presença do pai, o filho sempre é filho, dificilmente tornar-se-á pai. Outra possibilidade trazida por Wénin é de que o falecimento de Arã era para garantir a posteridade de Taré em Ur, sendo que Abraão e Nacor só conseguiram ter filhos após saírem ao encontro de outra terra.

Neste contexto patriarcal do povo hebreu, o filho tornar-se pai ao lado do pai era algo impossível, a única chance encontrava-se na possibilidade de retirar-se de sua terra natal em busca de outra terra; lugar onde poderia chamá-la de sua e da sua descendência. A partir deste pressuposto, pode-se compreender a vocação de Abraão e o pedido que Deus lhe faz. Segundo o relato bíblico, “Iaweh disse a Abraão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma benção” (Gn 12,1-2). Deus promete para Abraão descendência, mas Sara, sua esposa, era estéril na terra de seu pai. A esterilidade de Sara, esposa de Abraão, é uma forma de morte. A possibilidade da paternidade existe somente quando Abraão assume sua vida como um dom, rompe a estrutura patriarcal com suas nuances religiosas e parte para construir sua própria identidade.

Para o biblista André Wénin, “Abraão deve, portanto, recolocar-se a caminho, avançar mais longe na direção do desconhecido, desenraizando-se daquilo que lhe é conhecido”.¹⁶⁶ O gesto de sair faz Abraão romper a inércia, a paralisia. Deus, na verdade, está pedindo para que Abraão renuncie a tudo aquilo que considera ser seu; a fé exige a capacidade de se desapegar, para que a confiança, o sentido existencial, esteja realmente Nele, Aquele que não desampara. Abraão parte, leva consigo sua esposa, seu sobrinho Ló e todos os seus bens. Wénin destaca que Deus, “jogando com as palavras, poder-se-ia dizer que lhe pede que passe do ‘ter’ ao ‘ver’, uma atitude sem apropriação, posse ou cobiça”.¹⁶⁷

A vocação de Abraão está relacionada à superação dos verbos: possuir, dominar e ter. Quando esta tendência, puramente humana, é superada, compreende-se a dinâmica vocacional como dom, partilha, entrega e doação. Wénin destaca que a partir da “saída”, “as relações vão

¹⁶⁵ WÉNIN, 2011a, p. 217.

¹⁶⁶ Ibid., p. 221.

¹⁶⁷ WÉNIN, 2011a, p. 222.

alargando-se incessantemente”.¹⁶⁸ Através de Abraão, Deus pretende: primeiro, resgatar o que foi perdido. Como afirma Wénin, Deus envia Abraão “na direção do desabrochar da vida”¹⁶⁹; segundo, Abraão é eleito, escolhido. A bênção dependerá do desdobramento da missão, ou seja, da sua resposta. Wénin ressalta: “A bênção da qual Abraão será beneficiário em caso de partida é destinada a estender-se às famílias da terra.”¹⁷⁰ Abraão é abençoado para tornar sua vida uma bênção.

A vocação de Abraão, na verdade, é uma resposta de Deus, uma tentativa de resgatar, recuperar as relações fraternas, humanas, que foram perdidas pela inveja e que desencadearam gestos de violência como o fratricídio. Quando não se compreende a vida como dom, facilmente, cai-se no aniquilamento da alteridade, como foi visto, Caim elimina seu irmão Abel. Deus quer que Abraão saia, parta, instale-se numa terra desconhecida, que Ele mostrará, que não é de sua posse, mas receberá para cultivá-la. Wénin afirma que a bênção de Abraão é destinada a “todas as famílias do Húmus”.¹⁷¹ Receberão bênçãos os que não reproduzirem o espírito de Caim e que forem suscetíveis a Abraão, ou seja, ao seu ato de fé. O biblista diz que Caim “mergulha na maldição e na morte, porque é incapaz de ver positivamente a consideração concedida por Adonai a seu irmão”.¹⁷²

A escuta de Abraão à Palavra e a sua obediência gera em sua vida um dilema crucial. A ruptura à estrutura egoísta e dominadora que existe no “*antropos*” necessita constantemente de equilíbrio e capacidade de esvaziamento, muitas vezes, daquilo que mais se ama. A exigência feita por Deus a Abraão, não envolve mais apenas uma decisão referente à sua vida, mas também à vida do filho; filho da promessa, sinal da bênção. Para Wénin, “o sacrifício de Abraão é a chave de abóboda da história do patriarca, um ciclo de relatos que Israel lê porque reconhece neles a imagem do que é e do que é chamado a ser na relação com Deus”.¹⁷³ a construção da fraternidade.

O texto bíblico narra que “Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Abraão!’ Ele respondeu: ‘Eis-me aqui!’ Deus disse: ‘Toma teu filho, único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei’” (Gn 22, 1-2). A experiência de Abraão, para André Wénin, tem o seguinte sentido: “No primeiro Testamento, quando se põe alguém à prova, é com o fim de conhecer.”¹⁷⁴ Deus quer conhecer a profundidade

¹⁶⁸ WÉNIN, 2011a, p. 222.

¹⁶⁹ Ibid., p. 222.

¹⁷⁰ Ibid., p. 223.

¹⁷¹ Ibid., p. 225.

¹⁷² Ibid., p. 224.

¹⁷³ WÉNIN, 2006, p. 55.

¹⁷⁴ Ibid., p. 61.

do coração de Abraão; sua obediência, sua capacidade de esvaziar-se. A vida do próximo precisa ser compreendida como um dom, presente do Criador, riqueza que, quando aceita, gera fraternidade.

Isaac, mesmo sendo filho, não é posse de Abraão. Através de Isaac é a alteridade, a singularidade, que precisa ser aceita como um caminho de fraternidade, mas, para se conseguir êxito, faz-se necessário romper a relação paternalista. Para Susin, “com Abraão temos um novo e revolucionário marco nas origens e no círculo fechado da violência justificada pela sua sacralidade”.¹⁷⁵ Abraão está prestes a sacrificar seu filho primogênito em obediência à experiência religiosa de seus pais; o gesto seria, segundo Susin, “a sua boa consciência, a sua tranquilidade e comodidade, a afirmação do seu poder patriarcal, sacralizado pela aceitação e ratificação do Grande Patriarca Celeste”.¹⁷⁶

No dilema de Abraão encontram-se ambiguidades, sentimentos paradoxais, que despertam no patriarca emoções ambivalentes. Franz Hinkelammert diz que, “enquanto mito fundante, revela-se na ambiguidade de uma decisão: por um lado, de não matar; e, por outro, de assassinar, sendo, porém, o assassino impedido por uma força maior”.¹⁷⁷ Para Abraão, segundo Wénin, “a prova se impõe como uma ordem, e a exigência de Deus envolve bem mais que Isaac”.¹⁷⁸ Para Abraão, neste dilema, está intrínseca toda a sua história, desde o início a sua aventura é ambígua, cheia de controvérsias. Wénin destaca que no princípio da história do patriarca, “Deus se compromete com ele pela promessa de uma descendência, inesperada porque Abraão é idoso e sua mulher estéril”.¹⁷⁹

Isaac tem um significado profundo, mas, para Abraão, o pedido feito por Deus está para além do filho; o homem de Deus não poderia titubear, ganhara de Deus o dom, o presente, a graça, durante todo o seu caminho, agora, se necessário fosse, entregaria. Wénin afirma: “Deus parece querer destruir o que lentamente construiu.”¹⁸⁰ Abraão confia e faz o que Deus lhe pede; levanta-se cedo e se prepara para a viagem, o homem não apresenta dúvidas, parte com tudo o que é necessário. Franz Hinkelammert diz que, “por um lado, a fé que não mata, e por outro, a fé que mostra sua força ao mostrar a disposição de matar”.¹⁸¹

¹⁷⁵ SUSIN, 2005, p. 16.

¹⁷⁶ Ibid., p. 16.

¹⁷⁷ HINKELAMMERT, Franz. *La Fe de Abraham y el Edipo Occidental*. Segunda edición ampliada. Costa Rica: Editorial Dei, 1991. p. 15.

¹⁷⁸ WÉNIN, op. cit., p. 61.

¹⁷⁹ Ibid., p. 62.

¹⁸⁰ WÉNIN, 2006, p. 62.

¹⁸¹ HINKELAMMERT, 1991, p. 15.

O patriarca leva consigo e com Isaac dois dos seus servos. A compreensão de servo, para Bernard Renaud, pode variar a dignidade a partir de “seu ofício e de seu amo. Quando se aplica às relações do homem com Deus, seu Senhor, o termo implica certamente humildade e disponibilidade total, mas também capacidade de receber as confidências do Senhor, e até participar das deliberações divinas”.¹⁸²

Os servos, para Abraão, seriam os seus confidentes, aqueles que estavam caminhando lado a lado, sem saber o que realmente estava acontecendo, mas conscientes de que aquele caminho simbolizaria uma verdadeira transformação, uma mudança de paradigma na experiência religiosa do povo inteiro. “Abraão, levantando os olhos, viu de longe o lugar. Abraão disse a seus servos: ‘Permaneça aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e voltaremos a vós’” (Gn 22, 4-5). Para Wénin, “as palavras que dirige aos servos deixam já adivinhar em Abraão uma confiança obscura: ‘nós voltaremos até vocês’.”¹⁸³ O pai Abraão sabe que precisa sacrificar seu filho, não compreende os porquês, mas confia em Deus, Aquele que é o único a saber os reais motivos.

Abraão é um pai que ama! Em momento algum fica indiferente, pensa e organiza com detalhes o sacrifício do seu primogênito. Wénin diz que “Abraão se encarrega, pessoalmente, do fogo e do punhal que poderiam ferir o jovem”.¹⁸⁴ Os objetos que causariam risco à vida de Isaac estavam guardados cuidadosamente pelo pai; mesmo em meio ao dilema, Abraão manifesta carinho, zelo. Isaac interpelou o pai perguntando sobre o cordeiro para o holocausto, a resposta de Abraão é cheia de ternura quando diz: “Sim, meu filho! É Deus quem proverá o cordeiro para o holocausto e foram-se os dois juntos” (Gn 22, 7-8). Wénin destaca: “A confiança de Abraão é grande. Mas nem por isso é cega. Abraão, como vimos, está no final de uma longa história em que conheceu o amor fiel de seu Deus.”¹⁸⁵

Ao subir o monte indicado por Deus a sós com Isaac, Abraão representa a religião tradicional de cunho patriarcal, para a qual os filhos não eram reconhecidos e aceitos como dom, e a singularidade era anulada em obediência aos preceitos familiares representados pela figura paterna, mas, ao mesmo tempo, Abraão não apresenta resistência em oferecer para Deus o sacrifício de Isaac. André Wénin ressalta: “Não fechaste, sobre o dom, uma mão contraída para guardá-lo ciosamente”.¹⁸⁶

¹⁸² RENAUD, Bernard. Servo de Javé. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004. p. 1661-1663.

¹⁸³ WÉNIN, op. cit., p. 63.

¹⁸⁴ Ibid., p. 63.

¹⁸⁵ WÉNIN, 2006, p. 63.

¹⁸⁶ Ibid., p. 64.

O gesto de Abraão é interceptado pelo anjo que representa Deus. Hinkelammert diz que, “satisfeito com Deus, Abrão sai para matar seu filho. Sem dúvida, escuta o anjo de Deus, que ordena não o matar. Obedece e isso leva às suas bênçãos”.¹⁸⁷ Abraão torna-se bendito, justamente pelo fato de não cometer o filicídio. Hinkelammert afirma que Abraão “não cumpriu a lei de Deus em seu tempo: sacrificar a Deus o primogênito. Abraão não faz e, portanto, é bendito”.¹⁸⁸ Para Wénin, “Deus dá a Abraão a formidável possibilidade de lhe fazer um dom idêntico ao seu”.¹⁸⁹

A obediência de Abraão ao abraçar o ambíguo dilema faz com que a violência seja rompida, pois abre-se à alteridade e se solidariza com Isaac. As frases ditas pelo anjo mostram como Deus intercepta a ação de Abraão sobre Isaac: “Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faças nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único” (Gn 22, 12). Abraão, o pai, diante da obediência dispõe a vida do filho, mas, também pela obediência, baixa o cutelo e o guarda novamente na cintura. Hinkelammert destaca: “Abraão sai para sacrificar seu filho, porque Deus exige este sacrifício. Se trata de um sacrifício do primogênito, que é lei geral no tempo em que Abraão vive.”¹⁹⁰

O fato de não cometer o filicídio faz com que o patriarca transgrida a lei de Deus. Para o teólogo Susin, “este novo limite coincide com uma transgressão: obedecer ao interdito que se atravessa e pode impedir o gesto de imolação é transgredir uma ordem sagrada, é desmontar o eixo sobre o qual roda toda a máquina sagrada do patriarcalismo”.¹⁹¹ A violência justifica-se a partir de uma antropologia equivocada que gera uma perspectiva errônea de religião e que fere a dignidade e a singularidade da pessoa humana. Para Franz Hinkelammert, “a surpresa é que agora o anjo de Deus aparece, pedindo para que Abraão não sacrifique seu filho. Pede para violar a lei, pede uma transgressão da lei de Deus. Ele pede um ato difícil, que confrontará Abraão com toda a sua cultura e com toda a sociedade em que vive”.¹⁹² O dilema de Abraão é consequência desta tensão.

O que faz Abraão obedecer ao anjo? A obrigação de Abraão à lei torna-se irrisória, diante do amor que Abraão sente pelo filho único, primogênito. A capacidade de amar tornou Abraão livre, capaz de romper a tradição religiosa e as tradições culturais. Hinkelammert ressalta: “Acontece um rompimento com toda a lei vigente do seu tempo e, portanto, uma

¹⁸⁷ HINKELAMMERT, 1991, p. 16.

¹⁸⁸ Ibid., p. 16.

¹⁸⁹ WÉNIN, op. cit., p. 64.

¹⁹⁰ HINKELAMMERT, op. cit., p. 17.

¹⁹¹ SUSIN, 2005, p. 17.

¹⁹² HINKELAMMERT, 1991, p. 17.

luta.”¹⁹³ Amar é ter a capacidade de superar as ambiguidades e acolher o outro a partir da sua própria realidade, valorizando a singularidade e tornando-o alteridade. Isaac desce da montanha, agora não mais simplesmente como filho, mas sim como irmão; a relação patriarcal, violenta, possessiva, foi superada pela nobreza do amor que gera fraternidade, responsabilidade e afetos.

A liberdade de Abraão não é sinônimo de arbitrariedade. Hinkelammert diz que o pai “afirma a sua liberdade, afirmando a vida, a sua e a dos outros”.¹⁹⁴ Caso o patriarca tivesse realizado o sacrifício, não estaria sendo livre diante da lei, da tradição, estaria perpetuando a violência e rompendo o desejo antropológico da fraternidade. A violência é a negação da alteridade, o seu aniquilamento, o desejo de uma criação uniforme e pobre, sem a possibilidade da diversidade. Wénin diz que Abraão “ousa acreditar que esse Deus, que lhe pede o dom, quer tanto sua felicidade quanto o desejava quando lhe prometeu e lhe deu o dom”.¹⁹⁵

A obediência de Abraão a Deus, tanto na disposição de sacrificar o filho quanto na escuta à voz do anjo, faz com que o patriarca receba abundância de bênçãos. André Wénin destaca que: “Abraão pôs tudo em jogo a pedido do Senhor para tudo receber de novo, e esta troca do dom é a manifestação de uma reciprocidade no amor. Nesse jogo sublime Abraão ganhou certamente pouco. Mas reencontrou o Senhor como seu parceiro”.¹⁹⁶

Isaac, ao descer da montanha, praticamente é retirado de cena. O patriarca não poupou para si o filho. Segundo Wénin, “Abraão renunciou verdadeiramente a apropriar-se do dom de Deus”.¹⁹⁷ Após a cena, Isaac ganha a liberdade. No entanto, assim como Abraão teve que abandonar sua terra, seu pai, a vida de Isaac agora recebe um novo sentido, transforma-se num verdadeiro dom, precisa partir. Susin salienta que “o verdadeiro holocausto, culto agradável ao Deus de Abraão, será a obra de misericórdia, a piedade e a compaixão, que tornam irmãos o frágil e o poderoso, este a serviço daquele”.¹⁹⁸ Através de Abraão acontece, na vida de Isaac, uma nova criação. Susin continua: “Abraão se torna um ‘seio’ – Eva – que gera possibilidades novas para os filhos.”¹⁹⁹

As ambiguidades da fé, experimentadas pelo velho patriarca, mostram a beleza da fraternidade e o caminho para alcançá-la; diante deste horizonte, percorrendo a história, encontra-se José do Egito (Gn 37-50). José, filho de Isaac, neto de Abraão, precisa também

¹⁹³ HINKELAMMERT, 1991, p. 17.

¹⁹⁴ Ibid., p. 17.

¹⁹⁵ WÉNIN, 2006, p. 65.

¹⁹⁶ Ibid., p. 65.

¹⁹⁷ Ibid., p. 66.

¹⁹⁸ SUSIN, 2005, p. 17-18.

¹⁹⁹ Ibid., p. 18.

superar as ambiguidades humanas. Segundo Wénin, “quem não consegue atravessar esta crise dolorosa tranca-se para o mundo da fraternidade. É isto que acontece com Caim: marcado pela infeliz opção pela cobiça feita por seus pais ao escutarem a serpente, ele se encontra diante de uma animalidade interior que toma conta dele”.²⁰⁰ José do Egito, para resgatar a fraternidade, precisou equilibrar muitos sentimentos que, até então, poderiam ser justos, mas que não recuperariam a irmandade.

3.3 A VITÓRIA DA FRATERNIDADE EM JOSÉ

Na história de José do Egito encontra-se uma síntese da história de seus antepassados. O lastro da violência fere a humanidade por muitas gerações. Para Wénin, “o outro, negado assim como sujeito, não pode ser parceiro de intercâmbio ou aliança. Deste modo, a cobiça destrói as relações, porque mata o outro, ou, pelo menos, o sujeito que está nela”.²⁰¹ Desde o início da criação, segundo o Gênesis, a fraternidade é rompida pela cobiça, pela inveja, pela não aceitação do outro como dom, atitudes que acompanham a humanidade.

A história é retilínea. O presente traz em si alguns elementos do passado. José do Egito é filho deste contexto de incongruências. Isaac, seu avô, teve dois filhos, os gêmeos Esaú e Jacó. Jacó, o filho mais novo, deixa-se dominar pelo desejo dominador da mãe, que o prefere ao primogênito Esaú. Para Susin, a generalidade “ameaça e arrisca anular a singularidade, introduz o ‘horror da cópia’, o não-ser que é somente sócia do ser e anula o ser confundindo-o com sócia, vazio de consistência própria”.²⁰²

A generalidade não deve significar o rompimento com a diversidade, pelo contrário, deveria salientá-la a partir da perspectiva da integralidade e da complementariedade. Quando se busca a inteireza, mais íntegro, mais singular e mais consciente de si a pessoa se torna e, automaticamente, mais plural; nesta dinâmica, vai compreendendo a alteridade. Esta tessitura vai representando uma riqueza, pois cada qual, a partir da diversidade, vai enriquecendo a humanidade. Susin afirma: “Os inimigos acabam se tornando progressivamente mais gêmeos, sócias uns dos outros, cada um vivendo como possuído pelo outro, até a mútua destruição.”²⁰³

A história repete-se no presente! Rebeca, assim como Sara, prefere o amor do caçula, excluindo o mais velho e privando-o das bênçãos de pai. O desejo da mãe incute no coração de

²⁰⁰ WÉNIN, André. *José ou a invenção da fraternidade*. Leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50. São Paulo: Loyola, 2011b. p. 19.

²⁰¹ Ibid., p. 21.

²⁰² SUSIN, 2005, p. 18.

²⁰³ Ibid., p. 19.

Jacó a cobiça pela primogenitura de Esaú, seu gêmeo. O conflito instaura-se entre os gêmeos. A distância, a separação entre ambos, foi o caminho que encontraram para que os sinais de ódio e rancor fossem apagados. Wénin diz que, “vendo seu irmão renunciar à vingança, Jacó reconhece nele a imagem de Deus e depois insiste em que aceite uma parte da bênção roubada anteriormente”.²⁰⁴

Através dos meandros da humanidade, fragilizada, marcada pela cobiça, pelo ódio, pela inveja e pela violência, podem-se encontrar gestos implícitos e explícitos de fraternidade. José do Egito, seguindo os passos de Abraão e de Esaú, oferece a oportunidade de superar a violência, resgatando a fraternidade. Resgatar a fraternidade é um caminho de esvaziamento. Neste sentido, Wénin afirma que Abraão, Esaú e José são homens que foram colocados à prova: “Devem livrar-se da influência – ainda que indireta – de seu pai e das interferências de sua presença em suas vidas.”²⁰⁵ José dispõe-se ao exílio, ao sofrimento, à dor, à separação dos familiares com quem não tinham uma relação fraterna para restaurar uma fraternidade autêntica, verdadeira.

Para Wénin, desde o início, o “Gênesis faz também do pastor o tipo de ser humano capaz de controlar sua animalidade interior, as forças de vida que habitam e, às vezes, o agitam até à violência”.²⁰⁶ Ao enviar José ao encontro dos irmãos, Jacó gostaria que o jovem assumisse a responsabilidade de pastorear. Cuidar. Proteger. Fazer com que a família, o rebanho, permanecesse unida fraternalmente. Simbolicamente, o pastoreio de José refere-se à missão de equilibrar a animalidade presente no interior de cada um dos irmãos. Domesticação dos impulsos que, muitas vezes, geram comportamentos violentos.

O redator do livro do Gênesis, logo no início do relato, deixa claro duas afirmações relevantes para a compreensão da história de José: “Israel amava mais a José do que a todos os outros filhos” e “mandou fazer-lhe uma túnica adornada.” Diante destas duas afirmações, é perceptível que a relação familiar na casa de Jacó não era harmoniosa e que não havia entre os irmãos sinais de fraternidade, afeto e solidariedade, pois o pai amava preferencialmente um aos demais.

Mesmo com as circunstâncias contextuais do nascimento de José, a postura de Jacó diante dos demais filhos não é justificável, não há razões para torná-lo objeto preferencial do seu amor. Wénin afirma: “A compreensão para com o velho homem não deve impedir de ver

²⁰⁴ WÉNIN, 2011b, p. 23.

²⁰⁵ Ibid., p. 27.

²⁰⁶ Ibid., p. 29.

que tal preferência constitui uma injustiça em relação aos outros filhos.”²⁰⁷ A história bíblica revela que o amor preferencial dos pais sempre é motivo de violência; Jacó não levou em consideração sua própria história, marcada pela preferência de sua mãe, quando furtou a primogenitura de seu gêmeo, levando-os à separação. Para Schökel, “o tema do irmão mais novo ser o preferido é recorrente na literatura popular”.²⁰⁸

A preferência de Jacó se materializa na oferta da vestimenta de presente a José, uma túnica adornada. Para Wénin, como consequência do presente ou talvez uma forma de retaliação, José “é visivelmente posto à parte em relação aos outros filhos, afastado de seus irmãos”.²⁰⁹ Schökel salienta o significado que o gesto teve perante os demais irmãos, afirmando: “Não é só a beleza e a riqueza da vestimenta; é que significa também dignidade, privilégio. O terno ostentoso está negando a igualdade entre os irmãos. Assim, instaura a aversão.”²¹⁰

Os filhos de Israel viviam próximos, mas a falta de relações justas e fraternas cessou o diálogo e o afeto; os irmãos não mais conseguiam dialogar, conversar amigavelmente. A inveja e o ódio destroem a palavra. Sem palavras, não há diálogo e, conseqüentemente, não há fraternidade, abre-se a porta à violência. A palavra foi eclipsada pela preferência de José aos irmãos, gesto que lhes despertou ódio, rancor e inveja. Wénin destaca: “A preferência de Israel é, por conseguinte, um obstáculo à fraternidade, separando os irmãos uns dos outros.”²¹¹ José, o dileto, para os irmãos, torna-se símbolo da injustiça e da rejeição. Esta experiência desperta no coração dos irmãos o desejo de recuperar o amor do pai, mas como? Qual caminho?

Quando a pessoa se fecha aos sentimentos ínfimos, inclina a cabeça, assim como Caim abre as portas à irracionalidade e, conseqüentemente, à violência. Além desta primeira situação conflituosa na relação entre os irmãos, os sentimentos se agravam ainda mais. Os sonhos de José inflamam mais a inveja e o ódio dos irmãos. Susin ressalta: “Um sonho indica que José seria senhor de seus irmãos, o cúmulo para justificar um parricídio através do filho predileto. A ocasião surge quando o pai envia seu predileto aos irmãos no campo.”²¹² O jovem obedece ao pedido do pai, parte sozinho para o campo encontrar os irmãos. Diante deste pedido, surge naturalmente o questionamento: por que Jacó envia José ao encontro dos irmãos, mesmo sabendo da animosidade, do ciúme e do ódio que havia entre eles?

²⁰⁷ WÉNIN, 2011b, p. 32.

²⁰⁸ SCHÖKEL, 1997, p. 264.

²⁰⁹ WÉNIN, op. cit., p. 32.

²¹⁰ SCHÖKEL, op. cit., p. 264.

²¹¹ WÉNIN, op. cit., p. 34.

²¹² SUSIN, 2005, p. 19.

Na solidão do caminho, os desafios favorecem a oportunidade de construir a própria autonomia, a individualidade e a responsabilidade. O envio de José é análogo à ausência pedagógica de Deus do paraíso (Gn 3,8), quando deixa Adão e Eva sozinhos ou, como afirma Wénin, “enviado, José deve deixar seu pai, como Abraão, Isaac e o próprio Jacó”.²¹³ Sair ao encontro dos irmãos e enfrentar o caminho e as intempéries são elementos constitutivos para que José conquiste seu espaço e construa a sua identidade diante dos irmãos a partir dele, não simplesmente impostado pelo seu defensor, Jacó.

Mesmo consciente dos sentimentos contrários dos irmãos, o pai envia José para uma missão de paz. Segundo Schökel, “seu pai o enviou para descobrir notícias do bem-estar – *Shalom* –, dos irmãos e do rebanho. Uma expedição de paz, que ele realiza com solicitude e perseverança”.²¹⁴ A paz e a fraternidade, necessariamente, precisam da palavra, do diálogo, para serem resgatadas e expandidas nos corações dos irmãos. Mas o ódio e o ciúme imperaram e despertaram a violência, a morte. Para os irmãos, a eliminação de José resgataria a convivência familiar, a relação do pai com os demais filhos, ou seja, a partir desta perspectiva estariam recuperando a fraternidade. No entanto, antes de José aproximar-se, o texto afirma: “Eles viram de longe e, antes que chegasse perto, tramaram sua morte” (Gn 37,18).

Para encontrar seus irmãos, José passou por um profundo deserto existencial. Vagueou sem rumo. Wénin faz alusão à essa questão, afirmando: “Compreendemos assim que, em sua solidão, José está perdido. Incapaz de encontrar quem quer que seja – muito menos a si mesmo –, ele só pode ser encontrado por um terceiro, que tirará sua errância.”²¹⁵ Para encontrar-se consigo mesmo, constituir sua identidade, é necessário que José “mate” a imagem do pai patriarcal que habita dentro de si, caso contrário, não conseguirá manifestar o seu próprio desejo.

No caminho, José encontra um homem desconhecido que o interroga sobre seu destino que se apresenta no contexto da história de forma relevante e significativa. Para Wénin, “pela primeira vez na história ele apresenta-se como sujeito capaz de formular um desejo que seja próprio dele”.²¹⁶ A busca dos irmãos empreitada por José, agora, transforma-se num desejo de fraternidade; ao afastar-se do pai, o peregrino sente-se preparado, pronto.

José visualiza os irmãos, mas o sonhador, como era chamado, foi acolhido rispidamente. Jogá-lo às feras ou colocá-lo abandonado na cisterna, em ambas as situações, José seria deixado

²¹³ WÉNIN, 2011b, p. 46.

²¹⁴ SCHÖKEL, 1997, p. 268.

²¹⁵ WÉNIN, 2011b, p. 49.

²¹⁶ Ibid., p. 49.

sem vestes, sinal da preferência do amor de Jacó. Susin afirma: “A comutação pela venda de José como escravo e a devolução da veste, dada pelo pai a José, manchada com sangue para significar que foi morto por um animal, quase matam, de fato, Jacó.”²¹⁷ Wénin destaca que o gesto “é, portanto, uma forma de revide que opera no gesto dos irmãos quando transformam uma marca visível do amor preferencial num sinal de ódio dissimulado sob uma palavra destinada a esconder o crime”.²¹⁸

Os irmãos decidem não matar, mas jogarem José na cisterna vazia, despido; mas não permanece na cisterna por muito tempo, pois na sequência fora vendido aos ismaelitas que o levaram para o Egito, onde o jovem teve a possibilidade de reconstituir sua dignidade que, simbolicamente, fora desfigurada quando arrancaram de seu corpo sua túnica adornada, presente de seu velho pai. Susin enfatiza: “No Egito, no entanto, José interpreta um sonho do faraó, graças ao qual é reabilitado e elevado a governador, administrador dos armazéns. Em tempo de penúria chegam-lhe os irmãos pedindo provisão para si e para o pai, sem reconhecê-lo. Mas ele os reconhece.”²¹⁹

O sonho que José, ainda em casa, havia partilhado com os irmãos e com Jacó, que gerou entre eles um sentimento de medo e insegurança, consequentemente, corroborou ainda mais a inveja e o ódio. Coincidentemente, agora, José no Egito, como estrangeiro, tem a possibilidade de interpretar os sonhos do Faraó que crê e deposita esperança, deste modo, a partir de sua singular sabedoria, tem a sua dignidade devolvida.

A sabedoria de José e os serviços prestados fizeram-no transformar-se em bênçãos para o Egito. Salienta Schökel: “Isso significa que José é portador das bênçãos de Abraão.”²²⁰ Mas, mesmo diante do respeito conquistado, as dificuldades não se ausentaram da vida do jovem. O sucesso e o reconhecimento, necessariamente, despertaram sentimentos ínfimos em pessoas próximas, principalmente naqueles que ainda não tinham construído a própria identidade e que queriam dominar para si seus talentos. José, belo e sábio, desperta na esposa de Putifar o encanto, o desejo; a mulher tenta, muitas vezes e de muitas formas, seduzi-lo. O desejo da mulher que se põe no centro para seduzir José é um gesto típico de cobiça e de egoísmo.

Não conseguindo o que queria, a esposa de Putifar arma uma situação embaraçosa contra José, que na fuga deixa em posse da sedutora, como álibi, sua veste. A veste é a prova de um crime que não foi cometido, mas que fará José sofrer as consequências. A nudez do jovem

²¹⁷ SUSIN, 2005, p. 19-20.

²¹⁸ WÉNIN, op. cit., p. 71.

²¹⁹ SUSIN, op. cit., p. 20.

²²⁰ SCHÖKEL, 1997, p. 273.

revela a sua inocência. Para Wénin, “José é o homem que, até o fim, terá dito não à cobiça da mulher que o convidava a usurpar um lugar que não lhe competia”.²²¹ José resiste à cobiça. Caso se dobrasse aos encantos, o jovem estaria se deixando levar pelo impulso, pela animalidade, colocando-se num lugar que não lhe pertencia, reduziria a alteridade a si mesmo, uma violência à existência humana.

Por duas vezes, em sua história, José é aprisionado, mas, em ambas as situações, mantém-se numa atitude pacífica e serena, não reage diante da injustiça, prefere silenciar. Para Wénin, o silêncio de José “parece, portanto, testemunhar um realismo pleno de sabedoria. Por outro lado, não entrando no jogo da acusação da mulher, José testemunha também a recusa que ele opõe ao mal”.²²² A dignidade de José é restituída pela sua sabedoria. A interpretação que José deu aos sonhos agradou o Faraó e os seus oficiais que o nomearam administrador do palácio.

Após sete anos de fartura, José, o administrador, organiza o Egito para os sete anos de escassez que viriam afligir todas as regiões vizinhas, inclusive Canaã. A escassez de alimento obriga os filhos de Jacó a descerem até o Egito atrás de mantimento, proporcionando, assim, o reencontro entre os irmãos e José, o administrador do Faraó. Wénin destaca: “Tudo está pronto para o reencontro dele com esses homens que, [...] não carecem somente de pão, mas também de uma palavra que abra entre eles um caminho para a fraternidade.”²²³ Schökel acrescenta: “Jacó, sem saber, encaminha seus filhos para o irmão desaparecido, ‘desmembrado por uma fera’. E ele faz isso para preservar a vida e não morrer.”²²⁴

No início da história, Jacó envia José aos irmãos como emissário, para levar e trazer boas notícias; agora, novamente o pai, sem saber, envia os irmãos para trazerem a boa notícia do pão, o alimento que os libertará da morte. Destacam-se dois momentos relevantes: no primeiro, a fraternidade aconteceria por meio da palavra; no segundo, a fraternidade é representada pelo pão. Em ambos os momentos, José é o portador da fraternidade, sendo que, no primeiro, torna-se vítima; no segundo, os irmãos estão em condição inferior, são estrangeiros e dependem da sua clemência.

No primeiro encontro, os irmãos, mais uma vez, não reconhecem José como irmão. José interroga os irmãos severamente, acusando-os de espiões e colocando-os na prisão por alguns dias. Para André Wénin, o gesto é paradoxal, pois é como “se José hesitasse entre a sede de

²²¹ SCHÖKEL, 1997, p. 97.

²²² WÉNIN, 2011b, p. 104.

²²³ Ibid., p. 117.

²²⁴ SCHÖKEL, 1997, p. 278.

vingança e o desejo de fraternidade”.²²⁵ Wénin continua: “Pondo-os na prisão, ele os faz viver o que ele mesmo sofreu por causa deles.”²²⁶ José, para corroborar a veracidade da história contada, propõe um acordo com os irmãos. Venderia os mantimentos, desde que um deles permanecesse preso no Egito; o resgate dar-se-ia após um novo retorno, quando, desta vez trouxessem o filho mais novo, Benjamim.

A fome e o risco de morte fizeram os irmãos se renderem diante da proposta, mas tinham consciência da dificuldade que seria convencer Jacó. No diálogo, José logo percebeu que na sua ausência, Benjamin tornou-se o predileto do pai; era o filho mais novo, fruto do casamento com Raquel, sua esposa amada. Com o plano, José está disposto a fazer os irmãos recordarem, reviverem, por meio de Benjamim, o que fizeram com ele. Wénin afirma: “Segurando um irmão prisioneiro no Egito e reenviando somente nove, faltando ‘um único’, José os obriga a voltar a seu pai nas mesmas condições que depois de seu próprio desaparecimento, vinte anos antes”.²²⁷

A proposta de fraternidade para José, necessariamente, passa pela capacidade de recordar a história, pois caso não tenham sido equilibradas e curadas, as experiências hodiernas fazem reviver o passado de forma atualizada no hoje e, muitas vezes, de maneira desequilibrada e violenta. Aos poucos, diante desta dinâmica, a verdade que havia sido rejeitada, obscurecida mediante a inveja, vagarosamente vai desvelando-se, tornando-se mais clara e compreensiva. André Wénin destaca: “Mexer na ferida, com efeito, pode ser benéfico, se é na esperança – cirúrgica, digamos – de retirar o pus que gera gangrena.”²²⁸ Recordar é dar possibilidade à recicatrização.

José consegue seu objetivo, a proposta fez os irmãos reviverem, mesmo que de forma inconsciente, uma experiência traumática, o sofrimento de seu pai Jacó. A lembrança da venda – morte – de José emanou no coração dos irmãos, que não tiveram escolha, deixaram Simeão aguardando na prisão o retorno, acompanhados de Benjamin, o dileto. Convencer Jacó não foi tarefa simples! A relação paternalista, protetora, exclusivista de Jacó para com o caçula torna-se um entrave patente à fraternidade. Segundo Wénin, José sabia que “eles terão que voltar, porque a fome durará ainda muito tempo”.²²⁹

O primeiro encontro que os irmãos tiveram com José ajudou-os na elaboração de alguns elementos da verdade escondidos no passado da família. A fome e o risco da morte fazem a fraternidade ganhar espaço. Diante das tratativas, o velho pai abre-se aos poucos ao diálogo.

²²⁵ WÉNIN, 2011b, p. 128.

²²⁶ Ibid., p. 133.

²²⁷ Ibid., p. 137.

²²⁸ WÉNIN, 2011b, p. 137.

²²⁹ Ibid., p. 148.

Para Wénin, “Jacó é quem detém a chave de tudo – ter alimento para viver e não morrer – depende exclusivamente dele”.²³⁰ Na construção deste caminho de convencimento, Judá tem um papel relevante. Wénin afirma que Judá “remete, portanto, o pai a seu próprio desejo de vida: se deseja que este se realize para todos, deve consentir em deixar seu filho, objeto de desejo para si mesmo, ele deve concordar em dizer não à cobiça e à desconfiança”.²³¹ Com doses homeopáticas, José, pacientemente e didaticamente, vai construindo a fraternidade entre Jacó e os demais filhos.

Jacó permite a partida de Benjamin para o Egito com os irmãos. Na chegada, José os recebe em sua casa com um banquete, mas quando percebe a presença do irmão mais novo, não resiste, sai do meio deles para chorar. Após a festa, no retorno, a caminho de Canaã, José, propositalmente, acusa Benjamin de roubo. A pena do crime é tornar-se escravo no Egito. Para Susin, “eles sofrem e se lamentam pensando no pai que já tinha perdido um deles de forma trágica – o próprio José – e, segundo eles, não suportaria mais esta perda. Judá, que tinha tomado a iniciativa de vender José, se dispõe a permanecer como escravo no lugar de Benjamin”.²³²

Em meio às situações que foi provocando, sabiamente, José confronta os irmãos e, de modo especial, a forma de Jacó relacionar-se com os filhos. Pedagogicamente vai gerando um espaço propício à fraternidade. Wénin destaca: “Tudo está no lugar como José tinha calculado. Benjamin está preso na armadilha, e os demais estão contra a parede.”²³³ De forma imediata e surpreendente, há entre os irmãos aspectos de solidariedade para com Benjamin; mergulham num poço de crise e lamentação e sofrem no profundo da alma a dor do pai.

Judá, o irmão mais velho, toma a liderança do grupo e, de modo inconsciente, assume a culpa dos dois delitos. O primeiro, contra José, verdadeiro; o segundo, falso, articulado pela própria vítima do primeiro. Astutamente José consegue desvelar a verdade e percebe que, entre os irmãos, há um caminho possível para a fraternidade. O horizonte de fraternidade para José é o gesto de solidariedade para com Benjamin. Wénin diz: “O crime deles que vem à tona estava escondido, de fato, protegido pelo silêncio e mesmo reprimido neles até os acontecimentos recentes.”²³⁴

José, no diálogo com Judá, percebe a transformação que a história havia realizado no coração dos irmãos. Judá oferece a sua vida em resgate do irmão e profere um discurso cheio de afeto e ternura, defendendo o pai e sua predileção pelo filho de Raquel. O ciúme é superado.

²³⁰ WÉNIN, 2011b, p. 166.

²³¹ Ibid., p. 170.

²³² SUSIN, 2005, p. 20.

²³³ WÉNIN, 2011b, p. 209.

²³⁴ Ibid., p. 216-217.

Wénin afirma que “José deve ver claramente que Judá renunciou ao ciúme em relação ao irmão privilegiado”.²³⁵ A tensão e a emoção tomam conta do coração de José, que chora. Susin destaca: “No entanto, José, tendo chorado copiosamente, ‘liquidifica’ dentro de si a vingança, o que dá condições de surgir um vazio, um seio de piedade e de perdão regenerador, o ‘seio de Abraão.’”²³⁶ A misericórdia abre espaço para a fraternidade e o abraço torna-se o símbolo da unidade, da comunhão.

A vitória da fraternidade é um processo árduo, fruto, muitas vezes, do sofrimento, das lágrimas, como se revela em José. Susin diz que “todos sabemos o que aconteceu: José, o penúltimo, gerado na velhice, ganha um afeto especial do pai e, com isso, o ódio dos irmãos”.²³⁷ Jacó tinha filhos com quatro esposas. Para Schökel, “nesta família não encontramos diferenciação de ofícios. Ainda que os irmãos sejam de quatro mães, não diferenciam suas ocupações, todos formam a base de uma economia familiar unificada”.²³⁸ A missão de José é resgatar a fraternidade da família, a comunhão, assegurando a singularidade, a verdade e a solidariedade. A diversidade é uma riqueza.

José torna-se o protótipo da imagem de Jesus Cristo, pois percorre um caminho semelhante e, mesmo diante das injúrias e do ciúme, faz uma opção pelo perdão e pela fraternidade. O itinerário para José alcançar a fraternidade teve os seguintes passos: primeiro, a história precisa ser recordada a partir dos elementos do tempo presente; segundo, a verdade precisa ser revelada; terceiro, quem conduz o processo precisa zelar pelo diálogo e pelo equilíbrio, ou seja, cultivar a sabedoria e o discernimento; quarto, a sensibilidade de perceber os sinais de transformação, postura que exige neutralidade emocional e maturidade; quinto, a compaixão e a solidariedade são portas de entrada para a fraternidade.

A fraternidade necessita de entrega e esvaziamento; é necessário renunciar a tudo aquilo que gera desconforto e rouba a paz. José abre as portas para Jesus, que busca a fraternidade, acrescentando aos gestos de José a misericórdia, assim, torna-se o novo José. Para Jesus, a proposta da fraternidade é a concretização do Reino de Deus, o sonho de Deus para a humanidade. A fraternidade rompe as distâncias, aproxima as pessoas e as torna irmãos. Através de Jesus, a humanidade percebe que a fraternidade é resgatar a imagem do paraíso que fora perdida pela violência, consequência do pecado. Lugar de paz, harmonia, integralidade, comunhão, onde todos viviam como irmãos. O Papa Francisco diz que para os cristãos a fonte

²³⁵ WÉNIN, 2011b, p. 231.

²³⁶ SUSIN, 2005, p. 20.

²³⁷ Ibid., p. 19.

²³⁸ SCHÖKEL, 1997, p. 264.

da dignidade humana e da “fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. Dele brota, para o pensamento cristão e para ação da Igreja, o primado reservado à relação, ao encontro com o mistério sagrado do outro, à comunhão universal com a humanidade inteira”.²³⁹

3.4 JESUS: MISERICÓRDIA E NÃO SACRIFÍCIO

A realidade da violência e o desejo de superação tornam-se uma busca plausível a partir do momento que os olhares se voltam para Jesus de Nazaré; na pessoa dele encontra-se a síntese do caminho bíblico rumo ao horizonte da fraternidade. O profeta Isaías mostra que a missão do Servo, além de restaurar as tribos de Jácó, é ser uma luz para as nações, conforme Iahweh afirma: “Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até os extremos da terra” (Is 49,6). A missão do servo é salvar, fazer com que o Reino de Deus se torne conhecido, explícito. O servo deve oferecer a possibilidade de um novo caminho, uma nova vida. Para Pagola, “ninguém duvida desta informação que nos proporcionam as fontes: Jesus foi andando de povoado em povoado e de aldeia em aldeia proclamando e anunciando a boa notícia do Reino de Deus”.²⁴⁰

A centralidade da mensagem de Jesus é o Reino de Deus, que acontece no “já” da história e se prolonga na eternidade, no paraíso. Jesus oferta a sua vida de forma integral e plena para tornar explícitos os sinais do Reino no mundo, entre as pessoas. Vítor Feller define: “O Reino de Deus é a felicidade e o bem-estar de todos, é ‘alegria, justiça e paz no Espírito Santo’ (Rm 14,17), é a realização pessoal em todas as dimensões da existência humana.”²⁴¹ O Reino de Deus torna-se visível, explícito, a partir do momento que a pessoa humana se aproxima da sua plena realização existencial nas diversas dimensões relacionais.

Vítor Feller, fazendo alusão ao Reino de Deus, afirma:

O Reino de Deus querido por Jesus é o reino de vida em abundância para todos, nas três instâncias mais evidenciadas da vida: mínima, média e máxima. Há um nível mínimo, que se manifesta no cuidado com a vida física, o bem-estar do corpo, a posse dos bens materiais necessários à integridade da existência: comida, casa, trabalho, segurança etc. Sem essa condição mínima, o Reino de Deus fica sem base, sem chão. Há uma instância média, que se revela no cultivo do espírito, na liberdade de locomoção e de comunicação, nas expressões artísticas, esportivas, culturais, na promoção dos direitos humanos, pessoais e sociais, na construção da cidadania, na organização democrática, na segurança e na paz. De fato, de que adianta ter comida, se não

²³⁹ FRANCISCO, 2020, p. 142, n. 277.

²⁴⁰ PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 7 ed. 2022. p. 114-115.

²⁴¹ FELLER, 2014, p. 27.

há tranquilidade e paz? Mas, a posse de bens materiais e espirituais ainda é pouco para a felicidade humana. O ser humano tem dentro de si um desejo absoluto, um vazio que só será preenchido no encontro definitivo com Deus. Há, por isso, um horizonte máximo e último para a realização do Reino de Deus: a ressurreição final, a posse dos bens eternos, a vida eterna, a convivência feliz no céu.²⁴²

Vítor Feller explica que o Reino de Deus é um projeto fraterno. Pagola salienta também o caráter fraterno do Reino quando afirma: “Seu reinado não é para impor-se a ninguém pela força, mas para introduzir na vida sua misericórdia e encher a criação inteira com sua compaixão.”²⁴³ Para se alcançar a fraternidade, precisa-se ter, como pressuposto a misericórdia, a compaixão e a capacidade de empatizar-se com a alteridade numa atitude de humildade. Jesus, no Evangelho de Mateus, diz: “Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mt 9,13).

Os gestos de misericórdia de Jesus são sinais de vida, mas para os fariseus e doutores da lei simbolizam a perversão religiosa, a desobediência, a blasfêmia contra Deus. Susin diz que “todos os ‘sinais’ de Jesus, que são sinais de vida, são também transgressivos”.²⁴⁴ Ao transgredir a lei, Jesus aproxima-se de Abraão, que obedece ao anjo, rompe com a religião tradicional, poupa a vida do filho e desce a montanha como irmãos, dando-lhes a liberdade, reconhecendo a singularidade e superando o patriarcalismo.

A misericórdia de Jesus concretiza-se em atitudes; para tornar-se realidade, exige uma maneira diferente de se viver, de interpretar a história e seus fatos marcantes que, muitas vezes, geram sofrimentos. Quando o olhar se volta para Jesus, concomitantemente, pode ser comparado a José do Egito. A misericórdia une a vida de ambos e, desta forma, há sem erros a possibilidade de considerar Jesus também o “novo José”. Acolher é um ato de misericórdia que renova a vida e restitui a alegria perdida. Como afirma Walter Kasper, “a alegria do Evangelho pode novamente suscitar a alegria de viver, a alegria na criação, na fé e na Igreja”,²⁴⁵ possibilitando um retorno a Jesus Cristo, fonte da misericórdia.

A nova comunidade proposta por Jesus, ambiente fraterno, onde os membros vivem e se consideram irmãos, lugar onde a violência é superada pela misericórdia, não é meramente uma utopia. Jesus, a partir do seu testemunho, mostrou que é uma realidade possível de se alcançar na imanência, no tempo, na história. Pagola destaca: “A compaixão é o modo de ser de Deus, sua primeira reação perante seus filhos. Deus nos olha com compaixão, nos respeita,

²⁴² FELLER, 2014, p. 27-28.

²⁴³ PAGOLA, 2022, p. 126.

²⁴⁴ SUSIN, 2005, p. 23.

²⁴⁵ KASPER, 2015a, p. 40.

nos julga com compaixão.”²⁴⁶ O que torna irmãos não é o sacrifício, mas a misericórdia, a capacidade de amar, acolher, escutar e perdoar. Para Susin, “em Jesus, amor ao próximo e amor ao inimigo são duas faces da mesma moeda”.²⁴⁷ A misericórdia de Jesus para com as pessoas é a sua fidelidade a Deus e a sua opção comprometida pela humanidade.

A solidão, o desprezo, o sofrimento e a incapacidade de tornar-se útil geram a perda de sentido e, como consequência, a violência ou, em muitos casos, a apatia diante da vida. O fazer depende do ser. Caso o ser esteja adoentado, o fazer fica condicionado. Jesus, antes de confiar qualquer missão aos seus seguidores, restabelecia a humanidade a partir da escuta. O Homem de Nazaré conseguia escutar o que as pessoas tinham de mais precioso, o coração. Uma escuta silenciosa, acolhedora, atenta e propositiva. O Papa Francisco “lembra que a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus, que reconhece o ser humano como seu interlocutor e lhe dá ouvidos. Deus ama o ser humano: por isso inclina o ouvido para o escutar”.²⁴⁸ Escutar é comprometer-se com a empatia e a alteridade, colocando-se no lugar do outro com responsabilidade, buscando sempre a fraternidade.

O ato de escutar é um exercício que exige uma identidade amadurecida. Aqui está o desafio, o ponto nevrálgico do exercício da misericórdia. Para se chegar a uma identidade amadurecida é necessária uma pessoa humana aberta, capaz de desconstruir-se e se reconstruir; que tenha consciência de si mesma; que busque o equilíbrio; que seja segura e que, ao mesmo tempo, tenha capacidade de dialogar; que se questione a partir da fé e que tenha como horizonte a fraternidade proposta por Jesus Cristo.

Jesus, por meio da escuta, recupera a dignidade da pessoa humana que, muitas vezes, perde-se diante dos sofrimentos e das adversidades da vida. Faz-se relevante lembrar os primeiros interlocutores do Reino de Deus, de modo especial, quando Jesus se dispõe a escutar Levi, que era considerado indigno para o sistema religioso da época. Jesus diz: “Não são os que têm saúde que precisam de médicos, e sim os doentes” (Mt 9,12).

Escutar é deixar o outro falar as suas verdades que, muitas vezes, podem ferir ou machucar. Hoje, diante da violência, há muitas vozes que gritam pedindo socorro; gritos semelhantes ao de Jesus na Cruz, que se sente abandonado, fragilizado. “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Diante dessa missão, faz-se necessário questionar se os cristãos, assim como Jesus, têm estado atentos aos gritos daqueles que estão excluídos da

²⁴⁶ PAGOLA, José Antônio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 57.

²⁴⁷ SUSIN, 2005, p. 22.

²⁴⁸ SBARDELOTTO, Moisés. A força transformadora da escuta hospitaleira e convivial. *Instituto Humanitas Unisinos*, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618992-a-forca-transformadora-de-uma-escuta-hospitaleira-e-convivial>. Acesso em: 10 out. 2023.

sociedade e da comunidade de fé. Quais caminhos e horizontes estão sendo buscados para incluir e resgatar a dignidade dos que estão submersos na dinâmica de violência? As minorias e as comunidades de gênero estão sendo acolhidas com misericórdia? Jesus pede atenção aos sinais do tempo e indica um caminho de fraternidade que se dá por meio da misericórdia, da escuta e do diálogo.

Superar a violência e vislumbrar a fraternidade, percorrendo o caminho indicado pelo Mestre de Nazaré, exige o esvaziamento de si mesmo e o equilíbrio humano para suportar as adversidades sem perder a paz. Para Varone, Jesus recusa o profetismo de poder, no qual o Deus forte serve para justificar, muitas vezes, o desequilíbrio impetuoso do próprio profeta e desvela um profetismo humano. O profeta que assume a humanidade, segundo Varone, torna-se fraco, pois tem consciência de sua contingência e da necessidade da graça de Deus, logo, a fraqueza é força. Varone afirma: “A fragilidade é enfim condição de verdade para o povo de Deus.”²⁴⁹

Jesus esvazia-se para não correr o risco de manipular a experiência religiosa e reduzi-la a um mecanismo de poder e opressão, geradores de violência e não de fraternidade. De acordo com Varone, “lá onde outrora o povo tinha fracassado, recaindo na infidelidade à aliança, Jesus, chefe e tipo de Israel, messias que condensa em si toda a história de seu povo, vai vencer e realizar definitivamente a aliança”.²⁵⁰ Jesus oferece-se à humanidade como protótipo de pessoa humana, plena, integral, realizada, alguém que ama desde o mais profundo do seu ser e que não vive para si mesmo.

O esvaziamento e o equilíbrio humano de Jesus, segundo o teólogo Castilho, significam que “Jesus é o último modelo da humanidade, o ser humano que superou e venceu a desumanização que caracteriza e limita nossa condição humana”.²⁵¹ Jesus deixa-se gerar por Deus para ter a potencialidade de gerar. Diante de uma humanidade tão plena, manifesta-se a expressão de um Amor Maior, Deus. É por causa desta entrega que Varone afirma: “Jesus vem como último para ser o primeiro portador de uma novidade.”²⁵²

A novidade trazida por Jesus, segundo Varone, encontra-se na consciência e na postura que Ele possuía: primeiro, reconhecendo Deus como pai e contribuindo para que o seu desejo prevalecesse; segundo, Jesus é cômico de sua fragilidade, sente-se pobre, necessitado; terceiro,

²⁴⁹ VARONE, 2001, p. 50.

²⁵⁰ Ibid., p. 59.

²⁵¹ CASTILHO, José Maria. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 354.

²⁵² VARONE, 2001, p. 62.

Jesus não mascara, assume sua condição, não busca camuflar sua fragilidade, não se sente empoderado e nem tentado pelos poderes político, econômico e religioso.

Jesus, por meio do serviço, faz da sua vida uma oferta, uma entrega total, plena. O gesto do Nazareno é antagônico ao de Caim. Jesus acolhe a vida alheia como dom, alteridade, sensibiliza-se com os sofrimentos, inclina-se, olha nos olhos, estende a mão, liberta os cativos, cura os enfermos; sua vida dignifica, restaura, liberta, faz brotar o que o outro poderá oferecer de melhor. Caim, ao contrário, não acolhe, fecha-se, não aceita o próximo como irmão, maquina maldade, é ardiloso e mesquinho. Jesus supera Caim e assemelha-se com Abel, pois tem a docilidade de oferecer o que possui de melhor. Como afirma Wénin, “Jesus prefere respeitar a liberdade das pessoas, e também de Deus, a quem não quer colocar à prova. Jesus recusa a submissão do mal, recusa-se a cair nos sonhos da uniformidade na qual o homem pode se perder”.²⁵³

Quando o olhar se volta para a pessoa de Jesus, suas escolhas, seus gestos e seu compromisso, de modo especial, a forma como acolhe, rompendo os mecanismos de violência e renunciando ao sacrifício institucionalizado, torna-se essencial a consciência e o compromisso com a fraternidade. Para Jesus, a fraternidade é a capacidade de comprometer-se com a alteridade de forma integral, restituindo a dignidade e restabelecendo a comunhão entre si e com Deus. Resgatar o princípio da fraternidade fará a humanidade retornar à experiência do paraíso, desejo primevo de Deus; onde todos, o Criador, as criaturas e a obra criada viviam em harmonia, em comunhão, realidade rompida pelo egoísmo, pela cobiça e pela animalidade, realidades inerentes à pessoa humana. Jesus, peregrino do amor, mostra que é possível trilhar este caminho, tendo como horizonte a fraternidade.

O Papa Francisco afirma que

sem a fraternidade, a igualdade e a liberdade continuarão sendo sempre valores ameaçados, fracos e facilmente desrespeitados. Certamente, a fraternidade deve ser decidida por uma escolha: a rejeição da exclusão, a vontade de reconciliação, o desejo de uma profunda comunhão humana.²⁵⁴

Jesus é, desta forma, o paradigma da fraternidade. O Mestre de Nazaré, por meio da misericórdia, da escuta, esvazia-se de si mesmo. Segundo Pinto, o esvaziamento de Jesus “não

²⁵³ WÉNIN, 2006, p. 52.

²⁵⁴ FRANCISCO, Papa. Fraternidade. A identidade criada pela fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 20 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/643787-fraternidade-a-identidade-criada-pela-fraternidade-prefacio-do-papa-francisco>. Acesso em: 22 set. 2024.

procura derrubar ou dominar, mas, sim, nos fala de libertação e solidariedade”.²⁵⁵ Caminhos imprescindíveis em direção à fraternidade.

Com os olhos fixos em Jesus e atento à realidade, o Papa Francisco resgata a fraternidade universal como horizonte e caminho de superação da violência. A proposta do Pontífice é universal, envolve, de modo integral, todas as criaturas, as religiões e a Igreja. O Papa Francisco resgata o verdadeiro sentido do amor e suas implicações ao afirmar: “O amor ao outro por ser quem é impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando essa forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos.”²⁵⁶ A partir da proposta do Pontífice, a fraternidade não é simplesmente um destino a se chegar, mas sim um caminho, um horizonte a ser percorrido, buscado. A fraternidade transforma-se num estilo, num modo de viver, numa opção de conceber o mundo e as relações de forma integradora.

²⁵⁵ PINTO, Raphael Colvara. Kenosis como caminho para a construção da paz. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-7, jan./dez. 2021. p. 4.

²⁵⁶ FRANCISCO, 2020, p. 54.

4 A FRATERNIDADE NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

Os sinais de violência observados pelo Papa Francisco, destacados nos documentos *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium*, são experiências teoricamente fundamentadas, conforme os artigos e livros escritos por André Wénin. Essas experiências também são encontradas, de modo análogo, no livro do Gênesis. O sonho de Deus, a fraternidade, para tornar-se uma experiência possível, factível, necessita superar as tensões internas e externas, principalmente a má gestão da Casa Comum, a desconfiança entre as religiões e a superação do egoísmo na vida da comunidade eclesial. Não obstante o contexto histórico, a alteridade sofre consequências nefastas quando as pessoas se deixam levar pelos impulsos, pautando, assim, as relações a partir de critérios subjetivistas, que, muitas vezes, são míopes e interesseiros.

A esperança que brota da fé poderá tornar-se uma inesgotável fonte de vida e de amor,²⁵⁷ mas, muitas vezes, é uma manifestação tímida diante de um contexto amplo, generalizado, de violências e ausência de fraternidade. Para as pessoas de fé que cultivam a esperança, a fraternidade sempre encontra eco e torna-se uma realidade antecipatória. Abraão e José foram figuras paradigmáticas que superaram a violência, salvaguardaram a fraternidade e abriram o caminho para Jesus; para o Mestre de Nazaré, a misericórdia deve ter mais sonoridade que o sacrifício.

Diante de gestos ínfimos nas relações humanas - como as agressões à Casa Comum, a mercantilização e a instrumentalização das relações humanas em prol do lucro desenfreado, a intolerância religiosa, a xenofobia, os pré-conceitos com as opções de gênero, feminicídio, o descaso contra os idosos, a indiferença com as pessoas em situação de vulnerabilidade, o clericalismo, o mundanismo espiritual - Francisco tem assiduamente falado e escrito sobre a relevância da fraternidade. O Pontífice quer desafiar todas as pessoas, crentes ou não, cristãs ou não, a comprometerem-se com a alteridade e a sentirem-se responsáveis, irmãs, fraternas.

Este capítulo objetiva apresentar, a partir do Papa Francisco, a fraternidade universal, como horizonte e caminho para superação da violência. Cada pessoa precisa fazer escolhas responsáveis, levando em consideração a alteridade, caso contrário, a violência pode comprometer o futuro da humanidade. A fraternidade universal passa pelo compromisso em três âmbitos: a fraternidade criatural, entre todas as criaturas; a fraternidade entre as religiões; por fim, a Igreja, a comunidade eclesial, precisa estar a serviço da fraternidade.

²⁵⁷ Esse pensamento é inspirado no teólogo Jürgen Moltmann, no seu livro “Teologia da Esperança”. MOLTMAN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2023.

4.1 O CAMINHO PARA A FRATERNIDADE CRIATURAL

A sensibilidade do Papa Francisco, na *Laudato Si'*, faz com que o Pontífice empreste a sua voz para a Casa Comum expressar o seu grito de socorro. A criação geme e pede socorro! A voz do Papa ressoa em todas as esferas da sociedade, faz eco entre os cientistas do mundo inteiro e entre os crentes e não crentes. Segundo Magali Cunha, “nesse processo é preciso reconhecer que a humanidade se tornou, ao longo da história, a própria ameaça da Terra, sua Casa Comum, por meio da exploração abusiva dos seus recursos, do maltrato ao seres não-humanos e do descaso com os seus iguais”.²⁵⁸

O caminho que Francisco propõe para superar os dois paradigmas - do antropocentrismo e da tecnocracia, aqui apresentados no primeiro capítulo -, geradores da violência contra a Casa Comum, é a fraternidade criatural. Na *Laudato Si'* a palavra fraternidade encontra-se escrita de forma explícita apenas setes vezes, mas é um conceito que permeia todo o documento. Para Francisco, o conceito de fraternidade criatural está fundamentado no princípio de que todos os seres vivos são irmãos e irmãs, no sentido mais profundo e espiritual, pois todos fazem parte de uma única criação. Intrínseco à fraternidade criatural, está o conceito de Ecologia integral.

Para o Papa Francisco, o primeiro elemento para a fraternidade criatural fundamenta-se no princípio de que todas as criaturas são irmãs, pois foram criadas por um único Deus. A *Laudato Si'* faz, logo no início, referência a São Francisco de Assis, destacando a forma como se relacionava com o sol, a lua, os animais, as flores, chamando de irmão e irmã toda a criação. O testemunho do pobrezinho de Assis diante da criação é o transbordamento da sua espiritualidade, fruto do encontro com Jesus Cristo. O Papa, referindo-se a São Francisco, diz que ele “entrava em comunicação com toda a criação, chegando a pregar às flores convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão”.²⁵⁹

A espiritualidade profunda, amadurecida, é contemplativa, silenciosa, e leva a pessoa a encantar-se com a beleza. São Francisco, segundo Leonardo Boff, “passava horas na capelinha de São Damião, contemplando o rosto doce e terno de um crucifixo bizantino”.²⁶⁰ Enquanto mais se mergulha no mistério divino, mais se encanta pela beleza e pela harmonia da Criação, mais se tem consciência da relevância da fraternidade, como desejo do Criador. “A grandeza e

²⁵⁸ CUNHA, Magali. O gemido da Amazônia como grito da Terra e o papel das Igrejas. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592126-o-gemido-da-amazonia-como-grito-da-terra-e-o-papel-das-igrejas>. Acesso em: 17 dez. 2024.

²⁵⁹ FRANCISCO, 2015, p. 15, n. 15.

²⁶⁰ BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (I) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606325-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-i>. Acesso em: 18 dez. 2024.

a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu autor” (Sab 13,5). Na *Laudato Si'*, Francisco afirma: “Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros”.²⁶¹

A fé em Deus, alimentada pela espiritualidade, leva o crente a contemplar a criação e, segundo o Papa, “a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar”.²⁶² Francisco continua: “Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres”.²⁶³ Brighenti afirma: “Quando nos damos conta do reflexo de Deus em tudo o que existe, o coração experimenta o desejo de adorar o Senhor por todas as suas criaturas e juntamente com elas, como se vê no grandioso cântico de São Francisco de Assis”.²⁶⁴

A fraternidade criatural, desta forma, para os crentes é um princípio de fé, um ato de gratidão e responsabilidade a Deus que cria por amor; para os não crentes é um compromisso humano, um princípio de justiça, de responsabilidade para com a alteridade e com todas as criaturas que têm direito de viver com dignidade e liberdade. A fraternidade criatural é um gesto de responsabilidade que se concretiza no modo de pensar, sentir, agir de cada pessoa, crente ou não crente, e na forma que se relaciona com o próximo e com as demais criaturas. Não é possível fraternidade criatural diante de posturas indiferentes, egocêntricas, abusivas e mercantilistas que, muitas vezes, são comuns à sociedade.

Os sinais de violência contra a Casa Comum, destacados pelo Papa, são consequências de uma antropologia mal compreendida. O Papa Francisco exorta: “A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu também a natureza do mandato de dominar a terra e de a cultivar e guardar”.²⁶⁵ Para Leonardo Boff, o “grande obstáculo que impede a fraternidade humana e com todas as criaturas e que cria espaço para os

²⁶¹ FRANCISCO, 2015, p. 31, n. 42.

²⁶² FRANCISCO, Papa. *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Abu Dabhi, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 18 dez. 2024.

²⁶³ Ibid., p. 1.

²⁶⁴ BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 99.

²⁶⁵ FRANCISCO, 2015, p. 45, n. 66.

massacres e a eliminação sumária de pessoas, tidas inferiores ou sub-humanas [...] é a vontade de poder”.²⁶⁶

A fraternidade criatural é possível, mas o espírito de Caim precisa ser arrancado, extirpado; exige que seja resgatado, segundo o Papa Francisco, o espírito de São Francisco de Assis. O Papa afirma: “É significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma cura daquela ruptura”.²⁶⁷ Para os crentes, a fraternidade criatural é um caminho de espiritualidade; para os não crentes é uma busca humanitária, um caminho de paz, de harmonia e de justiça. Ainda segundo o Pontífice, “a fraternidade humana abraça todos os homens, une-os e torna-os iguais”.²⁶⁸

Para os crentes, a Casa Comum é a morada de Deus; para os não crentes, é o belo que precisa ser respeitado, pois é uma herança humanitária. Deborah de Paula escreve sobre Teilhard Chardin, afirmando: “Para este místico, o cosmo é a casa de Deus, um lugar desejado pelo Criador para sua morada e abrigo de suas criaturas. Esse cosmo, atraído por Cristo, caminha para sua plenitude, que é, nesse sentido, realização da harmonia entre mundo, homem e Deus”²⁶⁹. A humanidade caminha para a fraternidade criatural, princípio e fim de todas as criaturas.

No caminho da fraternidade criatural, o segundo elemento relevante é a radical humildade. O Papa Francisco afirma que “o desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente”.²⁷⁰ Para Leonardo Boff, a humildade “implica pôr-se junto ao húmus, à terra, onde todos se encontram e se fazem irmãos e irmãs porque todos vieram do mesmo húmus”.²⁷¹ No latim, na raiz da palavra humildade está a palavra humus, terra, terra fértil. Faz recordar o Gênesis, quando “Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo” (Gn 2,7). Partindo deste princípio, a pessoa humana é um ser da terra; traz em si a base estrutural de todas as demais criaturas.

A humildade é uma virtude, precisa ser cultivada, buscada; é fruto do amadurecimento humano, psíquico e espiritual. A pessoa humilde tem consciência de si mesma, se conhece, sabe

²⁶⁶ BOFF, 2021a.

²⁶⁷ FRANCISCO, 2015, p. 45-46, n. 66.

²⁶⁸ FRANCISCO, Papa, 2019, p. 2.

²⁶⁹ PAULA, Deborah Terezinha. Laudato Si’: um texto impregnado de Teilhard de Chardin. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/544002-laudato-si-um-texto-impregnado-de-teilhard-de-chardin-entrevista-especial-com-deborah-terezinha-de-paula>. Acesso em: 19 dez. 2024.

²⁷⁰ FRANCISCO, 2015, p. 132-132, n. 224.

²⁷¹ BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (II) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606327-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-ii>. Acesso em: 18 dez. 2024.

suas virtudes e seus limites, escapa com sabedoria daquilo que, talvez, lhe tire o equilíbrio. Para Boff, o caminho para a humildade “consiste em descer do pedestal onde nos colocamos como senhores e donos da natureza e operar um radical despojamento de qualquer título de superioridade. Consiste em fazer-se realmente pobre, no sentido de tirar tudo o que se interpõe entre o eu e o outro”²⁷² e as demais criaturas.

Para tornar-se humilde a pessoa necessita despojar-se da busca desenfreada pelo poder e assumir, diante da criação, uma atitude de reverência. De acordo com Varone, “a avidez impede assim o homem de chegar à grande serenidade e liberdade do desejo”.²⁷³ O apóstolo Paulo afirma que não se deve fazer nada por “competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo, nem cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros” (Fl 2,3-4). A humildade compromete, aproxima e torna todas as criaturas relevantes à existência do planeta, harmoniza o cosmos e gera fraternidade. O Papa Francisco diz que deve ser “nossa humilde convicção que o divino e o humano se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”.²⁷⁴

A pobreza é uma característica de quem assume a humildade como propósito de vida, não meramente a pobreza econômica e social, mas a pobreza fruto da humildade, relacionada à superação do conceito de autossuficiência, soberba e orgulho. A pobreza de sentir-se necessitado das demais criaturas para tornar-se pleno, íntegro. Segundo Boff, a pobreza “é o modo que nos faz descobrir a fraternidade, juntos sobre o mesmo húmus, sobre a irmã e mãe Terra. Quanto mais pobre, mais irmão do Sol, da Lua, do pobre, do animal, da água, da nuvem e das estrelas”.²⁷⁵ A fraternidade aproxima, torna as criaturas irmãs e plenifica o coração humano.

Numa das homílias, na Casa Santa Marta, o Papa Francisco afirma que onde está Jesus, há humildade, mansidão e amor. “Jesus é uma luz mansa, é uma luz tranquila, é uma luz de paz, é como a luz na noite de Natal: sem pretensões”.²⁷⁶ Despojado. Pobre. Pleno. Inteiro. Harmonizado. Francisco fez um apelo: “Entretanto, se vem uma luz que o torna orgulhoso, uma

²⁷² BOFF, 2021b.

²⁷³ VARONE, 2001, p. 127.

²⁷⁴ FRANCISCO, 2015, p. 14, n. 9.

²⁷⁵ BOFF, 2021b.

²⁷⁶ FRANCISCO, Papa. Onde está Jesus há humildade, mansidão e amor. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013c. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/523349-onde-esta-jesus-ha-humildade-mansidao-e-amor-afirma-francisco>. Acesso em: 19 dez. 2024.

luz que faz você olhar o outro do alto, a desprezar os demais, na soberba, esta não é a luz de Jesus: é a luz do diabo disfarçado de Jesus, de anjo de luz”.²⁷⁷

A fraternidade criatural, desta forma, é possível, desde que as pessoas façam uma opção pela simplicidade e sobriedade. Segundo Boff, por meio da humildade, a fraternidade criatural é um estilo de vida,

afastando tudo o que é supérfluo, todo tipo de coisas que vamos acumulando, fazendo-nos reféns delas, criando desigualdades e barreiras contra os outros e negando-se a conviver solidariamente com eles e a contentar-se com o suficiente, compartilhando-o com os outros.²⁷⁸

Na *Laudato Si'* o conceito de fraternidade criatural está intrinsecamente relacionado ao conceito de ecologia integral. Em consonância com o conceito de ecologia integral, tudo está interligado: natureza, relações humanas, trabalho, família, espiritualidade; é cuidar do meio ambiente; é tornar-se guardião da criação. Ecologia integral é também garantir melhoria global na qualidade de vida das pessoas; é deixar um mundo sustentável às gerações futuras; é, ainda, assumir novo modo de viver: desenvolver sem destruir ou agredir; consumir sem consumismo; conviver sem desconsiderar ninguém.

A fraternidade criatural, conseqüentemente, passa pela ecologia integral, transformando o estilo de vida, despojando-se, se empobrecendo do supérfluo, reverenciando o próximo e a criação e educando o olhar para contemplar a beleza. Francisco, na *Laudato Si'*, referindo-se à ecologia integral, diz: “Exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada”.²⁷⁹

O compromisso com a ecologia integral se dá a partir de gestos simples, cotidianos que, segundo o Papa, rompem “a lógica da violência, da exploração, do egoísmo”.²⁸⁰ Michael Czerny enfatiza que a ecologia integral interliga todas as criaturas a partir da diversidade de linguagens e categorias e conduz à “essência do humano. Então, temos que descobrir de uma

²⁷⁷ FRANCISCO, 2023c.

²⁷⁸ BOFF, 2021b.

²⁷⁹ FRANCISCO, 2015, p. 132, n. 225.

²⁸⁰ Ibid., p. 134, n. 230.

nova forma quem é o *Anthropos*, como parte integrante das ecologias dinâmicas do sistema Terra e como portador de um papel e responsabilidade colossais no Antropoceno”.²⁸¹

Segundo o Papa, a fraternidade criatural, para os que creem, direciona à fraternidade entre as religiões. A verdadeira experiência de Deus, quando profunda e madura, leva ao compromisso fraterno; é missão de todas as religiões a comunhão, a fraternidade, o compromisso pela paz, aproximar todos. Para Elias Wolff, “as religiões podem cumprir um papel muito importante para o enfrentamento das adversidades contemporâneas, caso sejam capazes de ultrapassar os limites de uma conexão global pautada apenas no tecnicismo e nas leis do mercado”.²⁸² Francisco, na *Fratelli Tutti*, salienta que, muitas vezes, a “violência fundamentalista desencadeia-se em alguns grupos de qualquer religião pela imprudência dos seus líderes”.²⁸³ As religiões precisam estar a serviço da fraternidade.

4.2 AS RELIGIÕES PARA A FRATERNIDADE

Há muitos desafios para a fraternidade universal, mas o Papa Francisco tem insistido que as religiões têm um papel relevante nesta missão, precisam comprometer-se com o anúncio desta boa nova. A partir da fraternidade entre as religiões, superando o fundamentalismo, há um caminho possível para reverter as seis manifestações de violência destacadas por Francisco na *Fratelli Tutti*: os sinais de regressão às realidades até então superadas; a carência de um projeto político-econômico-ambiental; a cultura do descarte; a ausência de direitos humanos suficientemente universais; a realidade das guerras; o mal uso da comunicação. Para Francisco, a fraternidade deveria ser algo evidente para todos os crentes, pois ou “se escolhe ser irmãos dos outros, de todos, ou se decide ficar sozinhos, dobrados num egoísmo que engole as pessoas e as coisas”.²⁸⁴

A fundamentação teórica para a compreensão das manifestações de violência na *Fratelli Tutti* está relacionada aos personagens bíblicos do Gênesis: Caim, Abraão e José. Caim, por influência da mãe, fecha-se no seu próprio egoísmo e não aceita Abel como irmão; o egoísmo

²⁸¹ CZERNY, Michael. Ecologia integral para uma nova humanidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632040-ecologia-integral-para-uma-nova-humanidade-artigo-de-michael-czerny>. Acesso em: 19 dez. 2024.

²⁸² WOLFF, Elias. As religiões como instâncias críticas no seio da globalização. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/160-cepat/606921-as-religioes-como-instancias-criticas-no-seio-da-globalizacao>. Acesso em: 19 dez. 2024.

²⁸³ FRANCISCO, 2020, p. 145, n. 284.

²⁸⁴ GAMBETTI, Mauro. O verdadeiro sentido da fraternidade é o único caminho para a paz e para salvar o meio ambiente. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629511-o-verdadeiro-sentido-da-fraternidade-e-o-unico-caminho-para-a-paz-e-para-salvar-o-meio-ambiente-entrevista-com-mauro-gambetti>. Acesso em: 19 dez. 2024.

mata. Abraão, homem obediente a Deus, na velhice, ganha o dom de ser pai. Mais tarde, Deus pede-lhe a vida do filho em sacrifício, um holocausto, segundo um sagrado costume patriarcal. O Patriarca, que começa a obedecer, no entanto, é atravessado por uma segunda ordem, a de não fazer mal ao adolescente, e fica diante de um dilema. A consciência da alteridade, a abertura e a superação de si fazem com que Abraão obedeça à segunda ordem. Abraão supera o fundamentalismo religioso da religião tradicional. José, filho predileto de Jacó, desperta no coração dos irmãos a inveja e, conseqüentemente, o ódio e a violência. No entanto, não obstante os meandros da história, os irmãos que tramaram a venda do dileto, diante da penúria e do risco de morte, aparecem numa situação de vulnerabilidade à frente de José. O irmão injustiçado perdoo, acolhe e restaura a fraternidade.

A religião tem como compromisso restituir a dignidade perdida que, muitas vezes, é eclipsada pela autossuficiência, que, necessariamente, como foi visto, gera violência. Segundo o evangelista Lucas, para Jesus, a religião deveria assumir a missão de “evangelizar os pobres; proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18-19). Para o Papa Francisco, a experiência religiosa precisa ser libertadora e promotora da fraternidade. O Pontífice afirma: “Nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos.”²⁸⁵

A contribuição das religiões na superação da violência, segundo o Papa Francisco, se dá a partir do momento em que a cultura do encontro é promovida. O Pontífice ressalta que “o isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação, mas a proximidade, a cultura do encontro, sim. O isolamento, não; a proximidade, sim”.²⁸⁶ Francisco ainda diz que “um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais”.²⁸⁷ Para Carlo Molari, o Pontífice pede “aos homens de religião e de cultura que redescubram e difundam os valores da paz, da justiça, da bondade, da beleza, da fraternidade humana e da convivência comum”.²⁸⁸

Diante de uma humanidade ferida e fragilizada, o Pontífice exorta as religiões a promoverem encontros, espaços que recuperem a dignidade das pessoas que se tornaram

²⁸⁵ FRANCISCO, 2020, p. 64-65, n. 118.

²⁸⁶ Ibid., p. 25, n. 30.

²⁸⁷ Ibid., p. 34, n. 50.

²⁸⁸ MOLARI, Carlo. A fraternidade universal. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588732-a-fraternidade-universal>. Acesso em: 01 jan. 2025.

vulneráveis diante de um sistema que, muitas vezes, oprime. Segundo Sassatelli, “diante de uma humanidade ferida por tantas divisões e fanatismos ideológicos, mostram que promover a cultura do encontro não é uma utopia, mas a condição necessária para viver em paz e deixar às gerações futuras um mundo melhor do que aquele em que vivemos”.²⁸⁹

A cultura do encontro necessita do equilíbrio humano, da maturidade e do discernimento para que possa tornar-se realidade; os grupos e as pessoas diversas precisam encontrar entre si aquilo que possuem em comum, o que os une, passo essencial no caminho da fraternidade universal. O diferente não deve repelir, mas aproximar e proporcionar a possibilidade de conhecer, aprofundar e, automaticamente, gerar o enriquecimento.

Para o Papa Francisco, a partir da cultura do encontro, três elementos são essenciais para que seja possível a fraternidade entre as religiões: o diálogo, a escuta e a misericórdia. Os três elementos não acontecem de forma estanque, mas fazem parte de um único processo e se desenvolvem de maneira concomitante. O diálogo, a escuta e a misericórdia fazem com que a dignidade humana seja restituída, passo relevante em direção à fraternidade. O outro tem identidade, história, rosto, nome, torna-se alteridade, é acolhido de maneira integral, por inteiro. O Papa diz que é necessário resgatar “o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos”.²⁹⁰

De acordo com o Pontífice, através do caminho do diálogo pode-se buscar a verdade, mas lembra que é exigente e que necessita de perseverança; é um caminho “feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e dos povos. A acumulação esmagadora de informações que nos inundam, não significa maior sabedoria”.²⁹¹ A informação em demasia, muitas vezes, não facilita o diálogo, pelo contrário, dificulta e cria muitas resistências, gerando sempre novas formas de violência. Segundo Sbardellotto, para Francisco, “chegou agora o tempo de um diálogo aberto e sem preconceitos que reabra as portas para um sério e fecundo encontro”²⁹² entre todas as religiões.

²⁸⁹ SASSATELLI, Marcos. A Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum - Parte 1. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586804-a-fraternidade-humana-em-prol-da-paz-mundial-e-da-convivencia-comum-parte-1>. Acesso em: 01 de jan. de 2025.

²⁹⁰ FRANCISCO, 2020, p. 50, n. 86.

²⁹¹ Ibid., p. 34, n. 50.

²⁹² SBARDELOTTO, Moisés. A comunicação do Papa Francisco e a "cultura do encontro": das palavras aos gestos. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/525507-a-comunicacao-do-papa-francisco-e-a-cultura-do-encontro-das-palavras-aos-gestos>. Acesso em: 01 de jan. 2025.

Para que o diálogo possa acontecer de forma madura é necessário que haja o esvaziamento de tudo aquilo que não é essencial de ambas as partes. Sabe-se que para chegar a uma identidade amadurecida é necessária uma pessoa humana aberta, capaz de desconstruir-se e se reconstruir, que tenha consciência de si mesma, que busque o equilíbrio, que seja segura e que, ao mesmo tempo, tenha capacidade de dialogar, que se questione a partir da fé, que ame a sua religião e que seja sensível aos apelos dos mais frágeis e vulneráveis da sociedade. Para o Papa, no caminho da fraternidade entre as religiões, “torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias”.²⁹³

Por meio do diálogo se constrói uma verdade, não se impõe; desbrava-se um caminho, não há obrigações normativas, há sim consciência da relevância do bem comum, da fraternidade. O diálogo é indutivo, valoriza as experiências e as particularidades de forma específica. Sbardelotto afirma que Francisco centraliza o seu magistério “no diálogo com todos e encarnado em seus sorrisos, abraços, telefonemas, cartas, entrevistas – nos desafia e nos serve de bússola para encontrar os caminhos, em cada contexto específico, que levem à construção de uma autêntica ‘cultura do encontro’”²⁹⁴, ou seja, à fraternidade.

Dialogar não significa abandonar a sua própria identidade, pelo contrário, só há possibilidade de diálogo com os que têm identidade definida e construída. Francisco diz que “não há diálogo com o outro sem identidade pessoal, assim também não há abertura entre povos”²⁹⁵ e entre as religiões se não existir amor à terra e às pessoas. Para Enzo Bianchi, “a fraternidade implica o exercício do mandamento do amor ao próximo, o mandamento novo, ou seja, o mandamento último e definitivo, que nos foi deixado por Jesus”.²⁹⁶

A partir do diálogo dá-se o primeiro gesto de acolhida, que se desdobra nos dois outros elementos: a escuta e a misericórdia. O diálogo é um gesto discreto, assemelha-se ao pequeno grão de mostarda ou ao fermento na massa (Mt 13,31-33), as duas imagens utilizadas por Jesus para falar do Reino de Deus. Francisco afirma: “O diálogo perseverante e corajoso não é noticiado como as desavenças e os conflitos; contudo, de forma discreta, mas além do que podemos notar, ajuda o mundo a viver melhor”²⁹⁷, gera um espaço mais fraterno e torna as pessoas irmãs.

²⁹³ FRANCISCO, 2020, p. 74, n. 134.

²⁹⁴ SBARDELOTTI, 2013b.

²⁹⁵ FRANCISCO, op. cit., p. 78, n. 143.

²⁹⁶ BIANCHI, ENZO. Fraternidade: a identidade criada pela fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/643787-fraternidade-a-identidade-criada-pela-fraternidade-prefacio-do-papa-francisco>. Acesso em: 02 de jan. 2025.

²⁹⁷ FRANCISCO, op. cit., p. 78, n. 143.

A fraternidade tem como referência o testemunho materno, que acolhe ao dialogar, que escuta e usa de misericórdia. O ato de escutar é um exercício que exige, também, uma identidade amadurecida. Aqui está o desafio, o ponto nevrálgico da experiência fraterna. Escutar é devolver a dignidade da pessoa humana que, muitas vezes, perde-se diante dos sofrimentos e das adversidades da vida. Faz-se relevante lembrar os primeiros interlocutores do Reino de Deus, quando Jesus se dispõe a escutar Levi, que era considerado indigno para o sistema religioso da época. Jesus diz: “Não são os que têm saúde que precisam de médicos, e sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas pecadores” (Mt 9,12-13).

A solidão, o desprezo, o sofrimento e a incapacidade de tornar-se útil geram a perda de sentido e, como consequência, a apatia diante da vida e dos grandes ideais, neste caso, da busca pela fraternidade. O fazer depende do ser. Caso o ser esteja adoentado, o fazer fica condicionado. Jesus, antes de realizar os milagres, restabelecia a humanidade a partir da escuta. O Homem de Nazaré conseguia escutar o que as pessoas tinham de mais precioso, o coração. Uma escuta silenciosa, acolhedora, atenta e propositiva. O Papa Francisco “lembra que a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus, que reconhece o ser humano como seu interlocutor e lhe dá ouvidos. Deus ama o ser humano: por isso inclina o ouvido para o escutar”.²⁹⁸ Escutar é comprometer-se com a empatia e a alteridade, colocando-se no lugar do outro com responsabilidade.

As religiões precisam ter coragem para escutar! Escutar é deixar o outro falar as suas verdades que, muitas vezes, podem ferir ou machucar, por isso a importância da maturidade humana. As religiões precisam deixar ressoar as vozes que hoje gritam pedindo socorro; gritos semelhantes ao de Jesus na Cruz, que se sente abandonado, fragilizado. “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27,46). Diante dessa missão, faz-se necessário questionar se as religiões estão atentas aos gritos daqueles que estão excluídos das comunidades de fé ou até mesmo da sociedade. Quais atitudes as religiões estão adotando para incluir e resgatar a dignidade dos que estão sofrendo as violências de uma sociedade que maltrata e exclui? As minorias, as comunidades de gênero, os imigrantes, os empobrecidos, os idosos estão sendo escutados e considerados lugar teológico por suas religiões?

Um dos desafios das religiões na busca da fraternidade é a escuta; precisam estar atentas aos sinais dos tempos, aos gritos que ecoam clamando por socorro. O Pontífice diz que “a capacidade de sentar-se para escutar o outro, característica de um encontro humano, é um

²⁹⁸ SBARDELOTTO, 2022.

paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo”.²⁹⁹ Desta forma, o Papa, ao destacar a relevância da escuta no caminho da fraternidade entre as religiões, recorda Jesus quando diz ao homem da mão atrofiada: “Levanta-te e vem aqui para o meio” (Mc 3,6).

Para o Papa Francisco, a fraternidade entre as religiões se dá através do comprometimento com a cultura do encontro que exige dos interlocutores: o diálogo, a escuta e a misericórdia. Aproximar-se. Esvaziar-se. Dialogar. Escutar com misericórdia. Restaurar e reconstruir. Esta dinâmica prolifera e restaura a fraternidade, recupera a dignidade perdida pela violência. Assim as religiões contribuirão para que a pessoa humana se torne plena, integrada, recuperando a harmonia perdida das origens e rompendo o lastro de violência que ainda perdura na sociedade vigente.

Logo no início do pontificado, alguns dias após ser eleito, na praça de São Pedro, domingo, dia 17 de março de 2013, no “*Angelus*”, Francisco traz uma reflexão sobre o Evangelho do quinto Domingo da Quaresma, a perícopes da “Mulher Adúltera” (Jo 8,1-11). O Papa diz: “Impressiona o comportamento de Jesus: não ouvimos palavras de desprezo, não ouvimos palavras de condenação, mas apenas palavras de amor, de misericórdia, que convidam à conversão.”³⁰⁰ Neste dia, Francisco, o novo papa, traçou para os cristãos o seu programa de governo e o quis mostrar para o mundo, de modo especial, para as religiões, o que deve ser sua essência, buscar a fraternidade restaurando a dignidade pela misericórdia.

O Papa Francisco afirma que “o rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que sempre tem paciência”.³⁰¹ Segundo Walter Kasper, a misericórdia torna o mundo mais humano, menos frio, mais fraterno e justo. A misericórdia de Deus é revelada de forma plena na Bíblia, de modo especial no Novo Testamento, a partir dos gestos e das ações de Jesus Cristo³⁰². O Homem de Nazaré sente compaixão e vai ao encontro de todos com o coração aberto, sem julgá-los e sem condená-los. Jesus, de maneira relevante, compadece-se dos pobres, dos enfermos, dos marginalizados, das mulheres e dos pecadores. Em Nazaré, “Jesus viu a realidade sofrida de seu povo, as injustiças, o desemprego, o abandono e a exclusão dos enfermos, considerados impuros”.³⁰³

²⁹⁹ FRANCISCO, 2020, p. 48, n. 33.

³⁰⁰ FRANCISCO, Papa. *Angelus*. Vaticano, 17 de março 2013d. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 27 set. 2023.

³⁰¹ FRANCISCO, 2013d.

³⁰² KASPER, Walter. *A Misericórdia*. Condições fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015b.

³⁰³ CODINA, Victor. *Uma Igreja nazarena: teología desde los insignificantes*. Espanha: Sal Terrae, 2010. Kindle. p. 70.

A misericórdia é um ato de acolhida que renova a vida e restitui a alegria perdida. Como afirma Walter Kasper, “a alegria do Evangelho pode novamente suscitar a alegria de viver, a alegria na criação, na fé e na Igreja”.³⁰⁴ As religiões, juntamente com seus interlocutores, são os responsáveis primeiros pelo processo de diálogo, de escuta e misericórdia. O Documento de Aparecida diz que é compromisso dos que fazem uma experiência religiosa “sair ao encontro dos afastados, interessar-se por sua situação, a fim de reencantá-los”³⁰⁵ e resgatar-lhes a dignidade furtada pela violência.

As religiões têm a missão de ser um oásis de misericórdia, lugar onde a fraternidade é gerada. Deverão, muitas vezes, relativizar as leis que afastam e superar a burocratização que inibe e que dá às religiões uma aparência de empresa, prestadoras de serviços religiosos, para transformarem-se em lugares de encontro com Deus e com o próximo. “A misericórdia do homem é para com seu próximo, mas a do Senhor é para todos os seres vivos” (Eccl 18,12). As religiões deveriam acolher todas as pessoas, favorecendo a possibilidade de uma experiência amorosa com a misericórdia, que transforma, restaura e gera fraternidade.

A misericórdia assusta muitas pessoas que professam a fé em determinadas religiões, porque na dinâmica da misericórdia não existe ninguém condenado. Todas as pessoas têm a possibilidade de retornarem à comunhão, à fraternidade. John W. Martens afirma que: “a misericórdia é a surpresa que as pessoas não querem porque significa que não têm como prever o que Deus fará e a quem Deus o fará”.³⁰⁶ Mas para os que recebem, a misericórdia é a surpresa que traz alegria em abundância. Na *Fratelli Tutti*, o Papa roga a Deus para que todas as pessoas tenham um coração bem-preparado para encontrarem-se com todos os irmãos, “independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; que unja todo o nosso ser com o óleo da sua misericórdia que cura as feridas dos erros, das incompreensões, das controvérsias”.³⁰⁷

Desta forma, segundo Francisco, a missão das religiões é serem promotoras da cultura do encontro, comprometendo-se com o diálogo, com a escuta e com a misericórdia, gerando a fraternidade. A fraternidade entre as religiões torna-se um caminho para a fraternidade universal, pois as religiões têm uma incidência sobre a vida de grande parte da população

³⁰⁴ KASPER, 2015a, p. 40.

³⁰⁵ CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/20886219/Documento-de-Aparecida-em-portugues>. Acesso em: 06 out. 2023. p. 107. n. 226.

³⁰⁶ MARTENS, John W. O foco do Papa Francisco na Bíblia e na misericórdia. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635846-o-foco-do-papa-francisco-na-biblia-e-na-misericordia-e-por-que-tantos-catolicos-se-sentem-desconfortaveis-com-isso>. Acesso em: 02 jan. 2025.

³⁰⁷ FRANCISCO, 2020, p. 130, n. 254.

mundial. A fraternidade entre as religiões gera, conseqüentemente, a superação das seis manifestações de violência elencadas pelo Pontífice na *Fratelli Tutti*.

Os três elementos da cultura do encontro - diálogo, escuta e misericórdia - ajudam as religiões na superação dos desafios “*ad intra*” que, muitas vezes, fazem com que o objetivo da fraternidade seja invertido em gestos de violência. Dentre os desafios, destacam-se o fundamentalismo e o extremismo, que levam muitos crentes à frustração, à solidão e a caírem no desespero ou no integralismo religioso. A cura desta chaga é o diálogo, a escuta e a misericórdia, os três elementos destronam qualquer forma de poderio, juízo de valor e intolerância que, aliados ao poder econômico, geram as guerras santas.

As religiões deveriam conduzir os crentes à fraternidade, mas Francisco, líder do cristianismo católico mundial, que tem 17,74% de fiéis da população mundial, insiste que, de modo específico, a Igreja Católica não pode perder de vista este desejo, que não é utopia. Na *Fratelli Tutti*, na introdução, o Pontífice escreve: “Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade”.³⁰⁸ Para a Igreja Católica, o Reino de Deus, anunciado por Jesus Cristo, concretiza-se numa profunda experiência de fraternidade.

A Igreja, a serviço da fraternidade, precisa, necessariamente, passar por uma experiência profunda de conversão, onde os fiéis possam se reencontrar com Jesus e se reconfigurarem, resgatando, promovendo a proposta da cultura do encontro e favorecendo as pessoas a recuperarem a alegria do Evangelho. Para chegar a este horizonte, faz-se necessário superar as manifestações de violência internas e externas que, muitas vezes, rompem a harmonia e a paz dos cristãos católicos. Para Francisco, “não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”.³⁰⁹

Para o Papa Francisco, a Igreja precisa tornar-se fraterna! Precisa superar o egoísmo, romper as conseqüências do pecado original que assolou e assola a comunidade eclesial e a humanidade. A Igreja tem a missão de ser na sociedade um sinal visível da presença do Deus Criador. A fraternidade universal é um horizonte, um caminho, quando os membros da Igreja se unem e, juntos, superam os sinais de violência que rompem a harmonia, a paz e a comunhão. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa busca resgatar este horizonte, mostrando que a partir da fraternidade a pessoa humana retorna à plenitude criacional, onde tudo era comunhão e todos sentiam-se irmãos.

³⁰⁸ FRANCISCO, 2020, p. 14, n. 8.

³⁰⁹ Ibid., 2013a, p. 8, n. 3.

4.3 A IGREJA PARA A FRATERNIDADE

Segundo o Papa Francisco, a fraternidade universal passa pela fraternidade criatural e pelas religiões e compromete, de modo especial, a Igreja. Cabe à Igreja conscientizar a partir da fé seus fiéis a se comprometerem com a expansão da fraternidade que é, na imanência, a prefiguração do Reino de Deus, a proposta de Jesus para a humanidade. Jesus afirma: “Eis que o Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21).

Para que a Igreja esteja a serviço da fraternidade, segundo Francisco, precisa erradicar as manifestações de violência e tornar-se perita em humanidade. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa destaca três manifestações de violência na sociedade que influenciam e fazem desencadear, principalmente, outras quatro manifestações de violência dentro da comunidade eclesial, entre seus agentes. As manifestações de violência na sociedade são: a cultura do descarte, principalmente idosos e pessoas portadoras de deficiência; a luta exagerada pelo poder econômico; os desafios culturais que se manifestam de duas maneiras: inculturação da fé e na cultura urbana. Já as manifestações de violência entre os membros da Igreja, o Papa destaca: o individualismo; o pessimismo estéril; as rivalidades e o clericalismo (Cf. EG n. 68; 78; 84; 98).

Na dinâmica de Francisco, as manifestações de violência *ad intra* e *ad extra*, como vimos, que envolvem a Igreja, podem encontrar fundamentação teórica no Gênesis, nas figuras de Caim, no dilema de Abraão e nos irmãos de José do Egito. Caim e os irmãos de José deixaram-se levar pela cobiça e pela inveja; o egoísmo lhes fechou os olhos e o coração para a beleza da fraternidade, da partilha e da oferta. Esse espírito não pode, segundo Francisco, nortear a Igreja, que frequentemente sofre influências externas de uma sociedade que enaltece de forma extrema o aspecto econômico em detrimento da humanidade.

A superação desta fundamentação teórica está em Abraão, que se abre a uma nova experiência religiosa, superando o tradicionalismo da religião oficial de cunho extremamente patriarcal, que não reconhecia a alteridade dos filhos; em José, que usa de compaixão e perdoa seus irmãos que arquitetaram sua morte motivados por um sentimento de inveja e rivalidade; por fim, em Jesus de Nazaré, que se esvazia de toda forma de poderio e age com misericórdia, ofertando sua vida em resgate de todos. Jesus diz: “A vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu” (Jo 6,39). Para salvar, Jesus, entrega-se na cruz, faz da sua vida uma oferta, um dom.

O Reino de Deus, a salvação, a eternidade, propostas de Jesus que são assumidas pela Igreja, são precedidas por uma experiência de fraternidade, comunhão. Para o Papa, uma forma da Igreja viver a fraternidade é por meio da sinodalidade, caminhando todos juntos, unidos.

Logo no início do seu pontificado, o Papa Francisco, em suas alocuções, faz referência ao tema da sinodalidade. Em junho de 2013, na Solenidade de São Pedro e São Paulo, falando aos cardeais, Francisco disse: “Devemos avançar por esta estrada da sinodalidade”.³¹⁰

Buscando o tema da sinodalidade, o Pontífice pretende oferecer um caminho de superação da violência, resgatando a eclesiologia do Povo de Deus e, ao mesmo tempo, propor uma renovação eclesial, onde os agentes da Igreja vivam a fraternidade. A *Evangelii Gaudium*, segundo Brighenti, trata da “Nova Evangelização para a Transmissão da Fé” e inaugura “um processo de segunda recepção do Vaticano II”.³¹¹ A *Evangelii Gaudium* propõe uma “recepção criativa” do Vaticano II, buscando movimentos simples, mas que desencadeiam dinâmicas e processos fraternos, de transformação, onde todos se sintam irmãos. A Igreja, casa de irmãos, lugar da sinodalidade, querida por Francisco, precisa ser um lugar onde os agentes partilhem a alegria do encontro com Jesus - uma Igreja em saída, missionária -, superem a autorreferencialidade, abandonem o clericalismo, acolham os jovens, as crianças, as mulheres e os idosos, propaguem a misericórdia, resgatem a centralidade da Palavra, valorizem os ministérios, esvaziem-se das vaidades e tornem-se pobres. Assim, para Francisco, a Igreja torna-se fraterna e, pelo testemunho, resgata o Concílio Vaticano II, “sacramento de salvação”.³¹²

A fraternidade é um sinal de salvação, um sacramento, um instrumento de Deus que ajuda no amadurecimento e no crescimento da pessoa, visando à plenitude, à comunhão. Para Francisco, “uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara azeda”.³¹³ A resposta de Francisco é concreta e precisa: resgatar o encanto, despertar alegria, motivar a busca do aprofundamento espiritual. Assim, redescobre-se a beleza da fraternidade e de caminhar juntos, abre-se à sinodalidade.

Na *Evangelii Gaudium*, o Pontífice apresenta quatro caminhos possíveis para a Igreja tornar-se um oásis da fraternidade, um lugar onde prefigure o Reino de Deus, o paraíso, erradicando toda e qualquer forma de violência. A fraternidade é um caminho de esperança. As

³¹⁰ FRANCISCO, Papa. *Santa missa e imposição do pálio aos novos arcebispos metropolitanos*. 29 de junho de 2013e. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130629_omelia-pallio.html. Acesso em: 16 maio 2023.

³¹¹ BRIGHENTI, Agenor. Do Concílio Plenário Latino-Americano à I Assembleia Eclesial. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; MORI, Geraldo Luiz de Mori (Org.). *A Igreja em Saída Sinodal*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 26.

³¹² CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço. (Coord. Geral). *Documentos da Igreja. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007b. p. 102.

³¹³ FRANCISCO, 2013a, p. 55, n. 85.

respostas precisam ser sinodais, precisam da consciência e do compromisso de todos os membros da comunidade eclesial. Segundo Luíz Corrêa Lima, “Francisco sabe que o olhar de quem crê é capaz de reconhecer a luz do Espírito Santo sempre irradiando no meio da escuridão”.³¹⁴

O primeiro aspecto diz respeito à Igreja, concebida como a totalidade do povo de Deus. Este aspecto fraterno e sinodal serve como base teórica e teológica aos demais três que serão abordados na sequência. A Igreja é formada pela comunhão do povo de Deus e tem a missão de ser no mundo um sinal da salvação e uma semente do Reino. Para Miranda, “todo sentido da vida de Jesus foi proclamar e realizar o Reino de Deus na humanidade”.³¹⁵ Como diz a *Evangelii Gaudium*, “a Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus”.³¹⁶

Sacramento é um instrumento de Deus para a salvação de todas as pessoas que vivem no mundo, sem exceção. A Igreja assumiu a missão de Deus, que, segundo Miranda, “já tivera início no Antigo Testamento, atinge a sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo, que em suas palavras revela o gesto salvífico do Pai, seu amor e sua misericórdia incondicionada”.³¹⁷ Deus quer que a pessoa humana retorne à experiência fraterna, de comunhão, unidade, experimentada na criação, quando homem e mulher ainda viviam no paraíso (Gn 2-3).

A Igreja é o caminho para a fraternidade que Deus escolheu para a humanidade. A fé em Jesus Cristo faz a pessoa entrar em comunhão com a Santíssima Trindade pela ação do Espírito Santo e, por isso, tem um caráter sociocomunitário. A fraternidade e a salvação são para todos, e os que já fazem parte da Igreja, desta comunhão fraterna trinitária, precisam comprometer-se com os que estão afastados. Para o Papa: “O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos”.³¹⁸

A partir desse aspecto universal, a Igreja concebida como totalidade do povo de Deus, abrem-se dois caminhos importantes para a fraternidade como experiência sinodal. Primeiro, a valorização do “*sensus fidei*”. Para o Pontífice, “como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os

³¹⁴ LIMA, Luíz Corrêa. *Evangelii Gaudium*: Contribuições para as questões contemporâneas. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 249.

³¹⁵ MIRANDA, Mario de França. Linhas Eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Evangelii Gaudium em questão*: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 184.

³¹⁶ FRANCISCO, 2013a, p. 70, n. 112.

³¹⁷ MIRANDA, op. cit., p. 184.

³¹⁸ FRANCISCO, op. cit., p. 106, n. 178.

ajuda a discernir o que vem realmente de Deus”.³¹⁹ Pelo sacramento do batismo, o Espírito Santo dá aos membros da Igreja a sabedoria de captar de forma intuitiva as realidades divinas, embora muitas vezes não saibam expressar com precisão linguística, todos precisam ser escutados e valorizados. O segundo caminho trata da superação de uma perspectiva eclesial hierárquica, autoritária, vertical e institucionalizante. Em contrapartida, a *Evangelii Gaudium* propõe uma eclesiologia horizontal, fraterna, sinodal, integradora, pluralista, evangélica, comunitária, participativa e fundada no povo de Deus.

O segundo aspecto é a Igreja ministerial, sonhada por João XXIII, no Concílio Vaticano II, e resgatada por Francisco. Uma Igreja inclusiva, que se abre à riqueza dos dons e carismas, um espaço onde os cristãos se sentem protagonistas da ação evangelizadora e irmãos. O Papa afirma que “em virtude do batismo, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário. Cada um dos batizados independente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo da evangelização”.³²⁰ A Igreja ministerial tem como protagonista da comunhão o Espírito Santo. É Ele quem une fraternalmente a diversidade numa comunidade de fé. Para Congar, “é necessário nada menos do que o Espírito de Deus para conduzir à unidade tantas realidades diferentes, e isso respeitando, ou melhor, animando sua diversidade”³²¹. O Espírito faz com que todos sejam irmãos, fraternos, família, um corpo e, ao mesmo tempo, que a unidade seja multidão, universal.

A Igreja ministerial é, antes de tudo, uma Igreja fraterna e sinodal. Francisco, na *Evangelii Gaudium*, afirma que é necessário que homens e mulheres, a partir do batismo, possam agir com compreensão, disponibilidade, docilidade, prudência e que saibam articular a arte do tempo e a escuta do Espírito Santo. Segundo o Papa, “precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual”.³²² A Igreja ministerial, a partir dos pressupostos da fraternidade e da sinodalidade, é uma Igreja que escuta, integra e caminha na unidade, conduzida sob a guia do Espírito Santo. O movimento de escuta na vida da Igreja precisa acontecer de forma centrípeta e centrífuga, ou seja, “*ad intra*” e “*ad extra*”.

O movimento “*ad extra*” leva a Igreja a escutar os apelos do mundo, da sociedade, das famílias e buscar exaustivamente uma possibilidade de dialogar. É necessário abordar temas

³¹⁹ FRANCISCO, 2013a, p. 74, n. 119.

³²⁰ Ibid., p. 74-75, n. 120.

³²¹ CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo: Ele é o Senhor da vida II*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 32.

³²² FRANCISCO, op. cit., p. 101, n. 171.

pertinentes, como a relação com a ciência, o diálogo inter-religioso, ecumenismo, avanço tecnológico e o mundo virtual, a desigualdade social, a economia, as guerras, o meio ambiente, as mulheres sofredoras, as questões de gênero, os movimentos LGBTQIA+, as polarizações etc.

O olhar de escuta da Igreja também deve voltar-se para si – “*ad intra*” – e refletir, escutar, valorizar e integrar a hierarquia e as pequenas comunidades eclesiais, os conselhos em todos os níveis, as pastorais, os movimentos, as crianças, os jovens, os idosos e principalmente as mulheres. Para Vítor Feller, a Igreja, como casa da fraternidade, precisa “deixar que o povo se expresse, por exemplo, na escolha de seus párocos e de seus bispos, na destituição de pastores infiéis e autoritários, nas decisões pastorais, na administração dos bens materiais [...], na exigência de uma pastoral criativa”.³²³

O terceiro aspecto da caminhada rumo à fraternidade e à sinodalidade, trazido pela *Evangelii Gaudium*, é a Igreja em saída missionária. Para Francisco, “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.³²⁴ A mudança paradigmática de uma Igreja autorreferencial, fechada, para uma Igreja em saída, está estritamente vinculada ao cultivo da espiritualidade missionária no dinamismo do encontrar-se, encantar-se pelo Cristo missionário do Pai e deixar o coração transbordar de alegria. A missão é uma paixão por Jesus e, conseqüentemente, uma paixão pelo povo, uma busca intensa pela fraternidade, pela comunhão, uma verdadeira resposta sinodal.

O compromisso missionário proposto pelo Papa na *Evangelii Gaudium*, buscando a fraternidade, requer uma mudança de mentalidade e a abertura para uma possível renovação. Para Francisco, “a Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido”.³²⁵ Para isso, talvez seja necessário diminuir o ritmo e olhar com atenção os que estão à margem. A *Evangelii Gaudium* diz que a Igreja missionária propõe às pessoas uma experiência existencial da fé e que deve pôr à parte “a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”.³²⁶

³²³ FELLER, 2014, p. 37.

³²⁴ FRANCISCO, 2013a, p. 19, n. 20.

³²⁵ Ibid., p. 33, n. 46.

³²⁶ Ibid., p. 33, n. 46.

A missionariedade é uma dimensão transversal que perpassa toda a realidade da Igreja. O “ide” de Jesus ressoou com profundidade no coração dos apóstolos e tornou-se impossível guardar para si mesmo uma experiência tão significativa e transformadora. “Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). A Igreja missionária, lugar da experiência fraterna, sonhada por Francisco na *Evangelii Gaudium*, é uma Igreja que supera a autorreferencialidade com a abertura, o poder com o serviço, o peso doutrinário com a misericórdia, o legalismo com a acolhida, o espiritualismo com a espiritualidade. Uma Igreja Samaritana, mãe, de coração e braços abertos. Francisco diz: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.³²⁷

Por fim, o quarto aspecto no caminho da fraternidade exige que a Igreja se torne pobre para os pobres. A missão da Igreja está estritamente relacionada com o Reino de Deus, que foi o centro da mensagem de Jesus Cristo. Segundo Vítor Feller, “o Reino de Deus é a felicidade e o bem-estar de todos, é alegria, justiça e paz no Espírito Santo, é a realização pessoal em todas as dimensões da existência humana”.³²⁸ O Reino de Deus acontece no “já” da história através da fraternidade, onde todos possam viver como irmãos, filhos de um mesmo Pai, onde as pessoas, pela fraternidade, tornem-se plenas, lugar onde Deus governa, onde todas as pessoas têm o necessário para uma vida digna. Como diz o apóstolo, “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O Reino desejado por Deus, onde reina a fraternidade na Igreja, como afirma Feller, concretiza-se nos três níveis: mínimo, médio, máximo. A partir dos três níveis do Reino de Deus, a Igreja tem a missão de ser no mundo sinal visível deste Reino, promovendo a vida e testemunhando a fraternidade. A Igreja, lugar da experiência fraterna, compromete-se com a pessoa humana de forma integral, concreta, de modo especial com os que não conseguem realizar na imanência os níveis mínimo e médio. A opção pelos pobres, segundo Francisco, ressoando o discurso de Bento XVI em Aparecida, “está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres”.³²⁹

A fraternidade, que se dá por meio da sinodalidade, exige dos cristãos novas atitudes, gestos que tenham a capacidade de transformar e superar a violência em harmonia e paz. A

³²⁷ FRANCISCO, 2013a, p. 34-35, n. 49.

³²⁸ FELLER, 2014, p. 27.

³²⁹ FRANCISCO, op. cit., p. 117-118, n. 198.

opção pelos pobres abraçada por Francisco exige dos discípulos missionários solidariedade, misericórdia e alteridade. O Papa afirma: “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho”.³³⁰ Para Miranda, o Papa “insiste na palavra solidariedade enquanto expressa uma mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”.³³¹

A fraternidade constrói-se por meio da Igreja a partir da solidariedade, da sensibilidade. O Pontífice afirma: “A solidariedade deve ser vivida como decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde”.³³² A Igreja, lugar da experiência fraterna, deve ser solidária, fazer-se irmã de todos, resgatar a alteridade; deve ter cotidianamente a atitude do samaritano, que desce da montaria e se solidariza com o sofrimento do pobre moribundo, tomando-o nos braços (Lc 10,29-37). O compromisso com a fraternidade põe o agente eclesial diante do sofredor, do empobrecido, do marginalizado, do excluído e interpela a uma atitude, a um compromisso libertador e transformador.

³³⁰ FRANCISCO, 2013a, p. 71, n. 114.

³³¹ MIRANDA, 2014, p. 192.

³³² FRANCISCO, op. cit., p. 113, n. 189.

5 CONCLUSÃO

O fenômeno da violência identificado pelo Papa Francisco encontra justificativa teórica na Sagrada Escritura, tanto para compreender sua gênese quanto para encontrar um horizonte e caminhos de superação. No Primeiro Testamento, no livro do Gênesis, são resgatados três personagens — Caim, Abraão e José do Egito — que ajudam a compreender a origem da violência; no Segundo Testamento, como síntese, horizonte e caminho de superação, Jesus Cristo é a figura paradigmática.

Os paradigmas do antropocentrismo e da tecnocracia têm, em sua gênese, uma base antropológica equivocada, marcada pelo fechamento. Dessa forma, pode-se resgatar a primeira imagem, a de Caim, o filho primogênito de Adão e Eva. Caim, dominado pelo egoísmo, não consegue aceitar Abel como irmão. Esse equívoco antropológico obscurece nele a possibilidade de reconhecer o outro como semelhante. Assim, Abel se torna um inimigo, um rival, e eliminá-lo parece ser a única saída. Wénin denomina de "animalidade" a cobiça, a busca pelo poder, a ira e todos os sentimentos mesquinhos que habitam o coração humano, identificando essa condição como a raiz de toda violência. O fechamento, a não aceitação do outro como irmão e a inveja levam Caim a cometer o primeiro fratricídio.

Para o Papa Francisco, os paradigmas do antropocentrismo e da tecnocracia, que são subprodutos do capitalismo, despertam no coração humano sentimentos semelhantes aos de Caim. Em busca da bonança, da riqueza, da qualidade de vida e dos bens materiais, o sistema econômico aflora a "animalidade" no coração das pessoas. A alteridade deixa de ser reconhecida como fraternidade e passa a ser vista como rivalidade. Os seres humanos deixam de ser administradores da Casa Comum para se tornarem exploradores. A criação passa a ser tratada meramente como um recurso a ser explorado, um meio para alcançar objetivos individuais.

A autossuficiência, o fechamento de Caim e sua recusa em aceitar Abel como irmão fazem com que a fraternidade, querida por Deus, fracasse. O Papa, ao destacar as manifestações de violência, pretende evidenciar que, de muitas formas, a fraternidade ainda continua fracassando. O egoísmo, aguçado pelo poder econômico, segue dominando e despertando, de diversas maneiras, formas brutais de violência e morte. Muitos "Cains" continuam se apoderando da vida de milhares de frágeis "Abéis". A fraternidade, sob diferentes aspectos, continua sendo derrotada.

Abraão é a segunda imagem que responde, teoricamente, às manifestações de violência destacadas pelo Papa nos três documentos — *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Evangelii Gaudium*.

Ao mesmo tempo, Abraão representa uma possibilidade de superação. Ele era um homem fiel a Deus e, como recompensa, mesmo na velhice, recebeu a graça da paternidade.

A vida é uma graça, um dom, um presente de Deus, que cria a partir de um gesto de amor. No entanto, para a religião tradicional, que estrutura o conceito de família patriarcal, a identidade dos filhos era a mesma dos pais. Dessa forma, para Abraão e Sara, Isaac era o que possuíam de mais importante. No entanto, segundo a fé que o casal professava, enquanto os pais estivessem vivos, o filho era visto como posse, propriedade deles, sem liberdade própria. Abraão precisou renunciar a esse modo de se relacionar com Isaac e aceitá-lo verdadeiramente como o dom de um futuro.

Para o Papa Francisco, os paradigmas do antropocentrismo e da tecnocracia geram, em muitas pessoas, esse sentimento de posse e dominação, encontrando justificativas na religião tradicional. A partir dessa compreensão equivocada, instaura-se a violência, que transforma a harmonia em caos. Segundo Francisco, a violência não se manifesta apenas contra a alteridade, mas contra toda a criação, cuja identidade é anulada e explorada.

O Pontífice não é contrário ao desenvolvimento, mas combate a mentalidade mercantilista, a objetificação da criação e a cultura que explora e se apropria daquilo que não é propriedade, mas sim dom, graça, presente de Deus para toda a humanidade. Quando se compreende a integralidade da criação, aceita-se a identidade de cada criatura; o ser humano toma consciência de que sua missão não é explorar e violar, mas cuidar e cooperar. Assim, segundo Francisco, o caminho e o horizonte para a superação da violência encontram-se na fraternidade universal.

O dilema vivido por Abraão, quando Deus lhe pede em sacrifício a vida de Isaac, simboliza justamente a superação da experiência religiosa patriarcal e dominadora. Deus desafia Abraão a reconhecer a identidade de Isaac, aceitá-lo como alteridade e tomar consciência de que ele não é sua propriedade, mas um dom, um presente, uma graça de Deus. Abraão precisa necessariamente aceitar Isaac como alteridade; por isso, o sacrifício não acontece. O gesto do Patriarca contrapõe-se ao de Caim. A vida é resguardada. Deus não deseja o sacrifício.

A partir do dilema de Abraão, Francisco encontra mais um elemento relevante para justificar a fraternidade universal. O Pontífice percebe em Abraão um caminho possível para a fraternidade, mas ressalta que é preciso superar a mentalidade equivocada que, muitas vezes, reduz a alteridade e toda a criação a meros objetos de exploração e dominação. A fraternidade torna-se possível quando a alteridade é reconhecida e aceita, quando o outro passa a ser parte essencial da subjetividade. Nesse horizonte, Abraão demonstra que a fé não se justifica pelo

sacrifício, mas pelo dom, pela oferta, pela capacidade de abrir-se e esvaziar-se de qualquer busca de dominação e poder.

A terceira imagem do livro do Gênesis que fundamenta teoricamente as manifestações de violência é a história de José do Egito. No entanto, assim como em Abraão, em José, Francisco também vislumbra um caminho de superação e uma possibilidade de restaurar a fraternidade fracassada. José, o filho dileto de Jacó, despertou no coração de seus irmãos sentimentos de inveja e ódio. Esses sentimentos mesquinhos impediram-nos de reconhecê-lo como irmão, instaurando o caos e rompendo a fraternidade familiar.

Os irmãos, motivados pela inveja e pelo ódio, arquitetaram a morte de José, mas desistiram e acabaram vendendo-o como escravo. Nessa história, há elementos que ajudam a compreender os dois paradigmas causadores das manifestações de violência destacadas pelo Pontífice. Muitas vezes, por meio do antropocentrismo e da tecnocracia, as pessoas se fecham e tentam negar violentamente a pluralidade e a diversidade. A uniformidade torna-se uma forma de violência que anula a singularidade e priva as pessoas do direito de oferecer e receber aquilo que lhes é devido, com base em sua subjetividade e identidade únicas.

A uniformidade nega a identidade, exclui o diferente, empobrece a família, a sociedade e a experiência religiosa, rompendo a tessitura da fraternidade. Os irmãos de José se deixaram conduzir por esse sentimento mesquinho, que endurece o coração e o torna insensível e agressivo. A uniformidade utiliza de forma desequilibrada a força e o poder, fechando-se para qualquer possibilidade de diálogo e afeto. Apenas uma verdade é aceita: a verdade imposta por aqueles que desejam dominar e controlar.

A história de José do Egito prefigura o rosto de tantas pessoas que sofrem o peso da repressão por não poderem ser quem realmente são, diante de uma sociedade que, muitas vezes, exclui e estabelece parâmetros preconceituosos para tudo o que é diferente. Diante disso, o Papa Francisco desafia a humanidade a comprometer-se com a fraternidade criatural, a fraternidade entre as religiões e a fraternidade na e da Igreja.

Ao mesmo tempo que José sofre as consequências da inveja e do ódio, sua resiliência oferece à humanidade a possibilidade de resgatar a fraternidade fracassada. Sete anos depois, quando seus irmãos, a pedido do pai, partem de Canaã para o Egito em busca de alimento, eles se deparam com José, agora administrador do Egito. Mais uma vez, os irmãos não o reconhecem, mas José os identifica e conduz o encontro por meio do diálogo, buscando se certificar de que eram realmente seus irmãos e se seu velho pai ainda estava vivo.

O diálogo, os encontros, as lágrimas, a verdade gradualmente reveladas, os gestos de solidariedade entre os irmãos e a preocupação com o pai fizeram com que José superasse o

desejo de vingança e oferecesse aos irmãos uma chance de reconstruir a fraternidade rompida. Por isso, o Papa Francisco insiste que a fraternidade se concretiza por meio da cultura do encontro, que ocorre através do diálogo, da escuta e do compromisso com a misericórdia.

Caim, Abraão e José, de forma implícita, prepararam e precederam os passos de Jesus de Nazaré. O Nazareno assume a humanidade no ventre de Maria para tornar visível o projeto de Deus para a humanidade: o Reino. O Papa Francisco exorta os cristãos a manterem sempre os olhos fixos em Jesus, pois, em seu testemunho, as manifestações do Reino de Deus tornam-se explícitas no “já” da história. O Reino que Jesus anuncia e pelo qual entrega sua vida concretiza-se na experiência fraterna — um lugar onde todos se reconhecem como irmãos e se sentem responsáveis uns pelos outros.

Jesus mostra que, para o Reino tornar-se visível, as pessoas precisam esvaziar-se da cobiça, do egoísmo, da animalidade e da ganância, tornando-se próximas e solidárias, acolhendo e superando tudo o que divide e gera violência. Segundo Varone, os poderes políticos e religiosos não seduziram Jesus, que permaneceu íntegro e pleno. Ele fez de sua vida uma oferta e entregou-se para resgatar a dignidade dos excluídos, vulneráveis, pobres e marginalizados, vítimas do abuso de poder e do preconceito. Dessa forma, a misericórdia deve conduzir os passos daqueles que buscam a fraternidade e o Reino — não o sacrifício.

Segundo Francisco, quando Jesus se torna a horizontalidade da humanidade, a fraternidade deixa de ser uma utopia e torna-se realidade. A fraternidade universal, dessa maneira, é ao mesmo tempo um convite e um compromisso para todos, sejam crentes ou não, e envolve não apenas as pessoas, mas toda a criação. Assim, o horizonte e o caminho para alcançar a fraternidade universal precisam comprometer a humanidade com a fraternidade criacional, exigindo que as religiões e a Igreja estejam sempre em busca dessa comunhão.

A objetividade da fraternidade universal envolve e compromete a subjetividade. No entanto, é um caminho de mão dupla que exige conscientização, daí a relevância do círculo hermenêutico. A fraternidade universal pode partir da conscientização do compromisso criacional, chegando às particularidades — passando pelas religiões e culminando na Igreja — ou, ao contrário, pode emergir do compromisso dos agentes com a Igreja, a comunidade eclesial, e o diálogo inter-religioso, projetando-se na fraternidade criacional e universal, que abraça todas as criaturas.

Francisco insiste que o Criador, num gesto de amor, criou o mundo para a fraternidade universal e para a comunhão. No entanto, a autossuficiência, o egoísmo e a animalidade causaram a desordem e geraram os sinais da violência. Em contraste, Jesus, por meio de sua vida, optou pela misericórdia, oferecendo a todos a possibilidade de restaurar a fraternidade

perdida. Para o Papa Francisco, o horizonte e o caminho para a fraternidade universal passam pela cultura do encontro, que aproxima as pessoas e as conscientiza sobre a fraternidade criatural por meio do diálogo, da escuta e da misericórdia.

A *Laudato Si'* evidencia que a fraternidade criatural é uma fraternidade integral, que, por sua vez, conduz à ecologia integral, a qual pressupõe uma inter-relação entre o Criador e toda a criação. Nesse contexto, o ser humano deveria se destacar como protagonista no cuidado com o mundo, pois lhe foi confiada a missão de guardião responsável da Casa Comum.

O Pontífice ressalta que a fraternidade criatural, por ser integral, precisa necessariamente comprometer todas as religiões. Uma grande parcela da humanidade acredita em Deus e participa de alguma tradição religiosa. Segundo Francisco, não é possível ser íntegro, crer em Deus e não se comprometer com a fraternidade universal. Independentemente da religião, Deus deseja a erradicação da violência da humanidade, promovendo a fraternidade, a comunhão e a paz entre as pessoas e todas as criaturas. Como testemunhava o Pobrezinho de Assis, somos todos irmãos e irmãs.

A objetividade da fraternidade universal envolve todas as criaturas e religiões, mas, para o Papa, deve comprometer primeiramente a Igreja. Sendo sinal visível do Reino de Deus no mundo, a Igreja tem a missão de antecipar a Jerusalém Celeste, onde reinarão a fraternidade, a justiça e a paz entre todos. Por meio da fraternidade, a Igreja restaura a dignidade dos frágeis e excluídos, que foi arrancada pelo egoísmo, pela cobiça e pela autossuficiência, expressos de maneira violenta.

Segundo Francisco, a Igreja está a serviço da fraternidade quando se transforma em uma Igreja sinodal, Povo de Deus, que valoriza e integra todos os ministérios, tornando-se missionária e pobre. É uma Igreja que se desnuda da prepotência e do poder, inserindo-se na história como mãe e companheira. Para Francisco, quanto maior a consciência eclesial, mais fraternidade haverá entre as religiões e na criação, promovendo os horizontes e caminhos da fraternidade universal. Com isso, a humanidade retorna ao paraíso, superando o caos e a violência.

Assim, a sensibilidade de Francisco, expressa em seu magistério, mostra ao mundo que a fraternidade universal é possível. Ela não é uma utopia, mas um horizonte e um caminho que precisam ser buscados de maneira concreta. A fraternidade universal compromete todas as pessoas. É necessário, de forma incansável, cultivar o diálogo, a escuta, a misericórdia, gerar consciência e oferecer caminhos para a conversão. Segundo Francisco, a fraternidade universal é, ao mesmo tempo, o caminho e o horizonte para a superação da violência.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA ECCLESIA. “Fratelli Tutti”: Papa propõe novo paradigma global, em alternativa ao individualismo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603459-fratelli-tutti-papa-propoe-novo-paradigma-global-em-alternativa-ao-individualismo>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- ALISSON, Elton. Degradação ambiental ameaça a saúde humana e pode reverter conquistas obtidas nas últimas décadas. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/espiritualidade/169-noticias/noticias-2015/547429-degradacao-ambiental-ameaca-a-saude-humana-e-pode-reverter-conquistas-obtidas-nas-ultimas-decadas>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- ALLEN JR., John L. A Assis vazia reflete a “fraternidade da dor” que papa Francisco vem para curar. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603465-a-assis-vazia-reflete-a-fraternidade-da-dor-que-papa-francisco-vem-para-curar>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. Uma teologia ecológica integral: procuro, logo sou! In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si’*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 51-71.
- ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro. A Dimensão social da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 227-234.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Fé cristã e superação da crise ecológica. Abordagem teológica. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si’*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 24-39.
- BIANCHI, Enzo. Fraternidade: a identidade criada pela fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/643787-fraternidade-a-identidade-criada-pela-fraternidade-prefacio-do-papa-francisco>. Acesso em: 02 de jan. 2025.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2ª impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOFF, Leonardo. O desafio ecológico à luz da Laudato Si’ e da COP21 de Paris. *REB*, Petrópolis, v. 76, n. 301, p. 24-43, jan./mar. 2016.
- BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (I) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606325-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-i>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- BOFF, Leonardo. É possível a fraternidade humana universal e com todas as criaturas? (II) *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/606327-e-possivel-a-fraternidade-humana-universal-e-com-todas-as-criaturas-ii>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRIGHENTI, Agenor. A conversão pastoral integral e os quatro sonhos proféticos. *CRB Nacional*, 2021. Disponível em: <https://crbnacional.org.br/assim-caminha-a-assembleia-ecclesial-a-conversao-pastoral-integral-e-os-quatro-sonhos-profeticos-pe-agenorbrighenti/>. Acesso em: 19 maio 2023.

BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. Do Concílio Plenário Latino-Americano à I Assembleia Eclesial. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; MORI, Geraldo Luiz de Mori (Org.). *A Igreja em Saída Sinodal*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 17-28.

CASAROTTI, Ana Maria. Chamados a ser profetas hoje. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/576101-chamados-a-ser-profetas-hoje>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CASTILHO, José Maria. *Jesus: a humanização de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/20886219/Documento-de-Aparecida-em-portugues>. Acesso em: 06 out. 2023.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. CNBB, 2019 (Documentos da CNBB, 109).

CODINA, Victor. *Uma Iglesia nazarena: teología desde los insignificantes*. Espanha: Sal Terrae, 2010. Kindle.

CONGAR, Yves. *Creio no Espírito Santo: Ele é o Senhor da vida II*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COSTADOAT, Jorge. Um Papa latino-americano. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/570672-um-papa-latino-americano-artigo-do-teologo-jorge-costadoat>. Acesso em: 27 set. 2023.

CUDA, Emilce. Trabalho como cuidado criativo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607106-trabalho-como-cuidado-criativo-artigo-de-emilce-cuda>. Acesso em: 13 mar. 2024.

CUNHA, Magali. O gemido da Amazônia como grito da Terra e o papel das Igrejas. *Instituto Humanitas Unisinos*. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592126-o-gemido-da-amazonia-como-grito-da-terra-e-o-papel-das-igrejas>. Acesso em: 17 dez. 2024.

CZERNY, Michael. Ecologia integral para uma nova humanidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/632040-ecologia-integral-para-uma-nova-humanidade-artigo-de-michael-czerny>. Acesso em: 19 dez. 2024.

DINIZ, José Eustáquio. Recorde de temperatura no sexênio (2014-2019): prelúdio do colapso ecossocial. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/595739-recorde-de-temperatura-no-sexenio-2014-2019-preludio-do-colapso-ecossocial>. Acesso em: 17 mar. 2024.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Coord. Geral). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007a. p. 539-661.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço. (Coord. Geral). Documentos da Igreja. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007b. p. 101-197.

FACHIN, Patricia; SANTOS, João Vitor. Complexidade e a necessidade de uma reforma do pensamento a partir da encíclica Fratelli Tutti. Entrevista especial com Edgard de Assis Carvalho. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/603518-complexidade-e-a-necessidade-de-uma-reforma-do-pensamento-a-partir-da-enciclica-fratelli-tutti-entrevista-especial-com-edgard-de-assis-carvalho>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FELLER, Vitor Gaudino. A reforma da Igreja. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n. 128, p. 21-44, jan./abr. 2014.

FERRAZ, Chrystiano Gomes; CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. A Cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco. *Caminhos*, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 415-434, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. Com o que sonha o Papa Francisco? Entrevista com o Papa Francisco. *Instituto Humanitas Unisinos*. Vaticano, 05 de agosto de 2023a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/631140-com-o-que-sonha-o-papa-francisco-entrevista-com-o-papa>. Acesso em: 28 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *A Igreja é mulher e mãe*. 21 de maio de 2018a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em: 27 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013a.

FRANCISCO, Papa. *Primeira saudação do Papa Francisco*. Vaticano, 13 de março 2013b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 29 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. Onde está Jesus há humildade, mansidão e amor. *Instituto Humanitas Unisinos*, 04 de setembro 2013c. disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/523349-onde-esta-jesus-ha-humildade-mansidao-e-amor-afirma-francisco>. Acesso em: 19 dez. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Angelus*. Vaticano, 17 de março 2013d. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 27 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Santa missa e imposição do pálio aos novos arcebispos metropolitanos*. 29 de junho de 2013e. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130629_omelia-pallio.html. Acesso em: 16 maio 2023.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, Papa. Fraternidade. A identidade criada pela fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, 20 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/643787-fraternidade-a-identidade-criada-pela-fraternidade-prefacio-do-papa-francisco>. Acesso em: 22 set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Abu Dabhi, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em: 18 dez. 2024.

GAMBETTI, Mauro. O verdadeiro sentido da fraternidade é o único caminho para a paz e para salvar o meio ambiente. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629511-o-verdadeiro-sentido-da-fraternidade-e-o-unico-caminho-para-a-paz-e-para-salvar-o-meio-ambiente-entrevista-com-mauro-gambetti>. Acesso em: 19 dez. 2024.

GONÇALVES, Alfredo. Texto, contexto e pretexto da encíclica "Fratelli tutti". *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603661-texto-contexto-e-pretexto-da-enciclica-fratelli-tutti>. Acesso em: 26 mar. 2024.

HINKELAMMERT, Franz. *La Fe de Abraham y el Edipo Occidental*. Segunda edición ampliada. Costa Rica: Editorial Dei, 1991.

KASPER, Walter. *Papa Francisco a revolução misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015a.

KASPER, Walter. *A Misericórdia*. Condições fundamentais do Evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015b.

LIMA, Luís Corrêa. *Evangelii Gaudium*: Contribuições para as questões contemporâneas. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 245-250.

MALLMANN, Arthur Lersch. Semana Laudato Si' 2023: Os oito anos de uma encíclica que é um laboratório para a cura do pensamento. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/192-paginas-especiais/628562-oito-anos-da-enciclica-laudato-si-o-filme-a-carta-e-o-ensejo-para-o-dialogo#:~:text=N%C3%A3o%20por%20acaso%2C%20%22Louvado%20seja,e%20d%C3%A3o%20nome%20%C3%A0%20enc%C3%ADlica>. Acesso em: 19 mar. 2024.

MARTENS, John W. O foco do Papa Francisco na Bíblia e na misericórdia. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635846-o-foco-do-papa-francisco-na-biblia-e-na-misericordia-e-por-que-tantos-catolicos-se-sentem-desconfortaveis-com-isso>. Acesso em: 02 de jan. 2025.

MAY, Rollo. *A arte do Aconselhamento Psicológico*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MIRANDA, Mario de França. Linhas Eclesiológicas da Evangelii Gaudium. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Evangelii Gaudium em questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014. p. 181-194.

MOLARI, Carlo. A fraternidade universal. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588732-a-fraternidade-universal>. Acesso em: 01 de jan. 2025.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2023.

NERI, Marcello. Fratelli tutti: na primeira pessoa do plural. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603451-fratelli-tutti-na-primeira-pessoa-do-plural-artigo-de-marcello-neri>. Acesso em: 24 mar. 2024.

NOUWEN, Henri. *Comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2023.

OSMARÉ, Weliton. A Antropologia Teológica contida na Laudato Si' como caminho de espiritualidade contra o consumismo. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/609881-a-antropologia-teologica-contida-na-laudato-si-como-caminho-de-espiritualidade-contra-o-consumismo>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

PAGOLA, José Antonio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PASSOS, João Décio (Org.). *Diálogos no interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; São Paulo: Paulus, 2016.

PAULA, Deborah Terezinha. Laudato Si': um texto impregnado de Teilhard de Chardin. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/544002-laudato-si-um-texto-impregnado-de-teilhard-de-chardin-entrevista-especial-com-deborah-terezinha-de-paula>. Acesso em: 19 dez. 2024.

PINTO, Raphael Colvara. Kenosis como caminho para a construção da paz. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-7, jan./dez. 2021.

POCHMANN, Márcio. Economia de Francisco e o novo sujeito social. In: PASSOS, João Décio; SANCHES, Wagner Lopes (orgs.). *Todos irmãos: reflexões interdisciplinares sobre a Encíclica Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2021. Kindle: p. 130-197.

RENAUD, Bernard. Servo de Javé. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004. p. 1661-1663.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

SASSATELLI, Marcos. A Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da convivência comum - Parte 1. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2019. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/586804-a-fraternidade-humana-em-prol-da-paz-mundial-e-da-convivencia-comum-parte-1>. Acesso em: 01 de jan. de 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. Um estilo evangelizador: o horizonte eclesial da Evangelii Gaudium. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013a. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/526339-um-estilo-evangelizador-o-horizonte-eclesial-da-evangelii-gaudium>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SBARDELOTTO, Moisés. A comunicação do Papa Francisco e a "cultura do encontro": das palavras aos gestos. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/525507-a-comunicacao-do-papa-francisco-e-a-cultura-do-encontro-das-palavras-aos-gestos>. Acesso em: 01 de jan. 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. A força transformadora da escuta hospitaleira e convivial. *Instituto Humanitas Unisinos*, 27 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618992-a-forca-transformadora-de-uma-escuta-hospitaleira-e-convivial>. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHNEIDER, José Odelso. Alguns ecos relativos à repercussão da Laudato Si. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/544600-alguns-ecos-relativos-a-repercussao-da-laudato-si>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *¿Dónde está tu Hermano?* textos de fraternidad en el libro del Génesis. 3. ed. Pamplona: Verbo Divino, 1997.

SILVA, Rui Sampaio. O círculo hermenêutico e a distinção entre ciências humanas e ciências naturais. *Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica*, Portugal, v. 1, n. 2, p. 54-72, 2013.

SOUZA, Ney. A Igreja herdada pelo Papa Francisco, um estudo histórico. *Revista de Cultura Teológica*, PUC-SP, n. 88, p. 173-196, jul./dez. 2016.

SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrifício à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./jan. 2010.

SUSIN, Luiz Carlos. Sou eu, acaso, guarda do meu irmão? Uma hipótese teológica sobre o “pecado original.” *REB*, Petrópolis, v. 65, n. 257, p. 5-24, jan. 2005.

SUSIN, Luiz Carlos. Uma cidade para Abel. Ângulos de uma teologia da cidade. *Studium: Revista Teológica*, a. 10, n.18, p. 11-44, 2016.

TOLEDO, Bruno. Novos dados reforçam riscos da poluição do ar para a saúde humana. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596655-novos-dados-reforcam-riscos-da-poluicao-do-ar-para-a-saude-humana>. Acesso em: 17 mar. 2024.

UNEP. Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. *Principais causas da biodiversidade*. São Leopoldo, 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/625370-principais-causas-da-perda-de-%20biodiversidade>. Acesso em: 17 mar. 2024.

VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001.

WÉNIN, André. *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: dificuldades e possibilidades*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

WÉNIN, André. A cobiça como desejo que não aceita ser estruturado por um limite. Leituras do Gênesis pelo exegeta André Wénin. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2013b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/171-noticias-2013/518557-a-cobica-como-desejo-que-nao-aceita-ser-estruturado-por-um-limite-leituras-do-genesis-pelo-exegeta-andre-wenin>. Acesso em: 10 abr. 2024.

WÉNIN, André. *O Homem Bíblico*. Leituras do Primeiro Testamento. São Paulo: Loyola, 2006.

WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano*. Leitura de Gênesis 1,1-12,4. São Paulo: Loyola, 2011a.

WÉNIN, André. *José ou a invenção da fraternidade*. Leitura narrativa e antropológica de Gênesis 37-50. São Paulo: Loyola, 2011b.

WOLFF, Elias. As religiões como instâncias críticas no seio da globalização. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/160-cepat/606921-as-religioes-como-instancias-criticas-no-seio-da-globalizacao>. Acesso em: 19 dez. 2024.

ZAMPIERI, Gilmar. Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 4-23, jan./jun. 2016.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br